

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Comunicação Social
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Bruna Atti Provenzano

Fernandão: A complexidade na morte do ídolo e a construção do mito

Dissertação de Mestrado

Porto Alegre
2017

Bruna Atti Provenzano

Fernandão: A complexidade na morte do ídolo e a construção do mito

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social como requisito para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Ramos

**Porto Alegre
2017**

Ficha Catalográfica

P969f Provenzano, Bruna Atti

Fernandão : a morte do ídolo e a construção do mito / Bruna Atti Provenzano . – 2017.

142 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Ramos.

1. Comunicação. 2. Mito. 3. Fernandão. 4. Complexidade. I. Ramos, Roberto. II. Título.

BRUNA ATTI PROVENZANO

FERNANDÃO:

A morte do ídolo e a construção do mito

Dissertação apresentada como requisito
para a obtenção do grau de Mestre pelo
Programa de Pós- Graduação da Faculdade
de Comunicação Social da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Roberto Ramos - PUCRS
(orientador)

Prof. Dr. Luciano Klöckner - PUCRS

Profa. Dra. Beatriz Corrêa Pires Dornelles - PUCRS

Porto Alegre
2017

Ao Marcos, por estar sempre ao meu lado e compartilhar a vida comigo.

AGRADECIMENTOS

“Lo importante no es llegar. Lo importante es el camino. Yo no busco la verdad. Sólo se que hay un destino”.

Tomo de empréstimo a poesia de Fito Páez para agradecer àqueles que estiveram comigo na caminhada que me trouxe até aqui.

Aos meus pais, Paulo e Rosane, a gratidão desde - e para - sempre. Este trabalho é, de certa forma, resultado da complexidade entre o fanatismo do meu pai e o ceticismo da minha mãe sobre o futebol. Pensar este tema a partir da ciência tem sido o caminho que decidi percorrer. Cada trecho desta caminhada tem me mostrado o quanto ainda há para se descobrir sobre este universo, tão amplo, singular e complexo.

Ao Marcos, pela vida que construímos a cada dia. Por estar ao meu lado em todas as circunstâncias e me fazer acreditar que tudo sempre vai dar certo.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), agradeço pela oportunidade de cursar o Mestrado. Cada professor e colega que encontrei no Programa de Pós Graduação em Comunicação Social tornaram únicos os momentos compartilhados em aulas e seminários.

Ao professor Roberto Ramos, agradeço por ter me acolhido e me orientado no desenvolvimento deste estudo. Sou grata, também, por ter me apresentado, de maneira mais intensa, a Roland Barthes e a Edgar Morin. O entendimento do Pensamento Complexo é um dos principais aprendizados que levo destes bancos acadêmicos e cujas reflexões me motivam e inspiram diariamente. Obrigada, professor, por me mostrar que a ciência faz parte da vida.

Ao professor Antônio Hohlfeldt, agradeço por ter me acompanhado em trecho importante deste percurso.

Sigo caminhando...

A consciência da complexidade nos faz compreender que não poderemos escapar jamais da incerteza e que jamais poderemos ter um saber total: 'a totalidade é a não verdade'.

Edgar Morin

RESUMO

Neste estudo, nosso olhar se volta para a relação entre a mídia e a morte de jogadores de futebol. Nosso foco está na cobertura jornalística realizada acerca da morte de Fernandão. Delimitamos, como essência de nossa análise, matérias publicadas pelos jornais *Correio do Povo* e *Zero Hora*. Limitamos nosso corpus a cinco publicações de cada um dos periódicos. São as primeiras produções de gênero informativo produzidas sobre o falecimento do ídolo colorado e publicadas nas versões impressas dos jornais. Nosso objetivo é estudar a produção de sentido na cobertura da morte de um ídolo esportivo como Fernandão. Também nos motiva a busca pela compreensão da forma como as matérias observadas colaboram na construção do mito do atleta. Como método, nos valem do *Paradigma da Complexidade* proposto por Edgar Morin (2011), que aposta não na linearidade do caminho, mas no diálogo constante de saberes. Definimos como técnica de análise de nosso corpus a *semiologia* de Roland Barthes (1996). Ao desvelar os discursos - verbais e não verbais - buscamos encontrar o que está obtuso nas produções sobre a morte de Fernandão. Nossas análises serão orientadas por seis categorias a priori que entendemos como pertinente para a realização deste estudo. Nosso ponto de partida está alicerçado em: *fotografia*, com as subcategorias *studium* e *punctum*; *fait divers*; *mito*; *imaginário*; *estereótipo* e *socioleto*. Todas são baseadas nas reflexões de Barthes. O estudo revelou semelhanças no discurso produzido pelos dois periódicos acerca da morte de Fernandão. A partir de elementos verbais e não verbais, as matérias tratam de inocentar a trajetória do jogador, destacando, sobretudo, os momentos de vitória e alegria, suprimindo as contradições.

Palavras-chave: Comunicação. Mito. Fernandão. Jornalismo. Morte.

ABSTRACT

In this study, our gaze turns to the relationship between the media and the death of football players. Our focus is on the journalistic coverage of the Fernandão death. We delimit, as the essence of our analysis, articles published by *Correio do Povo* e *Zero Hora*. We limit our corpus with five piece of news from each journal. They are the first productions of informative sort produced on the idol death and published in the printed version of the newspapers. Our objective is to study the production of meaning in the coverage of the death of a sports idol as Fernandão. We are also motivated by the search for an understanding of the way the piece of news collaborate in the construction of the athlete myth. We will proceed using the analysis method as the Paradigm of Complexity from Edgar Morin (2011), which bets not on the linearity of the way, but on the constant dialogue between different knowledge. We define the analysis technique of our corpus the Semiology from Roland Barthes (1996). By unveiling the speeches - verbal and nonverbal - we seek to find what is obtuse in the productions about the Fernandão death. By unveiling the speeches - verbal and nonverbal - we seek to find what is obtuse in the productions about the Fernandão death. Our analyzes will be guided by six categories a priori that we understand as pertinent for the accomplishment of this study. Our starting point is based on: Photography, with the subcategories studium and punctum; *Fait divers*; myth; imaginary; Stereotype and *socioleto*. All are based on Barthes' reflections. The study revealed similarities in the discourse produced by the two journals about the death of Fernandão. From verbal and non-verbal elements, the material tries to clear the player's trajectory, highlighting, above all, the moments of victory and joy, suppressing the contradictions.

Keywords: Communication. Myth. Fernandão. Journalism. Death

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Trajetória profissional de Fernandão	36
Figura 2 – Sistema mítico	50
Figura 3 – Sistema mítico	51
Figura 4 – <i>Correio do Povo</i> - 8 de junho de 2014 - página 20	128
Figura 5 – <i>Correio do Povo</i> - 9 de junho de 2014 - página 21	129
Figura 6 – <i>Correio do Povo</i> - 9 de junho de 2014 - página 22	130
Figura 7 – <i>Correio do Povo</i> - 9 de junho de 2014 - página 28	131
Figura 8 – <i>Correio do Povo</i> - 10 de junho de 2014 - página 20	132
Figura 9 – <i>Zero Hora</i> - 8 de junho de 2014 - página 2	133
Figura 10 – <i>Zero Hora</i> - 8 de junho de 2014 - página 3	134
Figura 11 – <i>Zero Hora</i> - 8 de junho de 2014 - página 4	135
Figura 12 – <i>Zero Hora</i> - 8 de junho de 2014 - página 5	136
Figura 13 – <i>Zero Hora</i> - 8 de junho de 2014 - página 6	137
Figura 14 – <i>Zero Hora</i> - 8 de junho de 2014 - página 7	138
Figura 15 – <i>Zero Hora</i> - 8 de junho de 2014 - página 8	139
Figura 16 – <i>Zero Hora</i> - 9 de junho de 2014 - página 2	140
Figura 17 – <i>Zero Hora</i> - 9 de junho de 2014 - página 3	141

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Momentos temáticos da literatura acadêmica sobre futebol no Brasil	18
Tabela 2 – Morte de jogadores da dupla Gre-Nal	26
Tabela 3 – Tipos de <i>fait divers</i>	49
Tabela 4 – Matérias do <i>Correio do Povo</i> que compõem o corpus	63
Tabela 5 – Matérias de <i>Zero Hora</i> que compõem o corpus	87
Tabela 6 – Fotos publicadas na matéria “A comoção”	98

SUMÁRIO

	Introdução	13
1	O CAMPO DE JOGO	16
1.1	O futebol, o jogador e a mídia	16
1.2	A imprensa esportiva e a morte	23
1.3	A rivalidade Gre-Nal	28
1.4	A trajetória de Fernandão	30
1.5	Uma breve história do <i>Correio do Povo</i>	37
1.6	Uma breve história de <i>Zero Hora</i>	41
2	A ESCALAÇÃO DO TIME	45
2.1	Barthes e suas categorias	45
2.1.1	Fotografia: <i>studium</i> e <i>punctum</i>	45
2.1.2	<i>Fait divers</i>	47
2.1.3	Mito	49
2.1.4	Imaginário	54
2.1.5	Estereótipo	54
2.1.6	Socioleto	55
2.2	As regras do campeonato – Paradigma da Complexidade	57
2.3	O esquema tático – Semiologia	59
3	O PRIMEIRO TEMPO – CORREIO DO POVO	63
3.1	“Fernandão o adeus do ídolo”	63
3.2	“As homenagens vão seguir”	68
3.3	“Uma perda grande para todos”	73
3.4	“Saudade eterna do ídolo”	77
3.5	“Veneração ao ídolo continua”	82
4	O SEGUNDO TEMPO – ZERO HORA	87
4.1	“Fernandão 1978 – 2014”	87
4.2	“Queda às margens do Rio Araguaia”	92
4.3	“A comoção”	98
4.4	“A saudade”	106
4.5	“Aplausos, lágrimas e saudade”	110
	Considerações (provisórias)	117

Referências 124

ANEXOS 127

INTRODUÇÃO

Na madrugada do dia 7 de junho de 2014, a queda de um helicóptero vitimou fatalmente Fernando Lúcio da Costa, o Fernandão. A morte de um dos mais importantes jogadores de futebol da história recente do Sport Club Internacional¹, de Porto Alegre-RS, originou um clima de comoção que pode ser percebido em todo o estado gaúcho, com reflexos, inclusive, no lado gremista² do Rio Grande do Sul, eterno rival colorado.

No dia seguinte à morte de Fernandão, os principais jornais do estado (*Correio do Povo*, *Zero Hora*, *Jornal do Comércio*, *O Sul* e *ABC Domingo*, para citar apenas os da região metropolitana de Porto Alegre), estamparam fotos do atleta em suas capas. O tema permaneceu na primeira página dos jornais na segunda-feira, dia 9, desta vez com detalhes sobre as despedidas promovidas por torcedores, as declarações de autoridades e jogadores além, é claro, da cobertura do velório e do sepultamento, que foram realizados no estado de Goiás, local do acidente e onde o jogador nasceu e morava com a família.

A morte de um ídolo do futebol, que havia deixado os campos há pouco tempo e que, aos 36 anos de idade, dava início à carreira de comentarista, pautou os veículos de comunicação durante vários dias e semanas. Nos dias que se seguiram, entre as pautas, estavam os detalhes e possíveis causas do acidente aéreo e as retrospectivas da carreira do goiano que conquistou os principais campeonatos de futebol pelo Internacional, nos anos 2000. Os veículos de comunicação, acostumados a dedicar espaço em suas publicações para tratar de temas que envolvem o universo esportivo, especialmente o futebol, precisaram contemplar informações sobre a morte de um atleta. Esta produção jornalística é o objeto de estudo da dissertação.

Como critério para a escolha das matérias que compõem nosso *corpus*, selecionamos, por conta da limitação de prazo, cinco textos de cada um dos dois maiores jornais do Rio Grande do Sul. Escolhemos aquelas que foram as primeiras manifestações sobre a morte de Fernandão se enquadraram no formato de notícias, ou seja, excluímos colunas de opinião nesta delimitação. Do *Correio do Povo*, integram o *corpus* as matérias “Fernandão – o adeus do ídolo”, “Uma perda grande para todos”, “As homenagens vão seguir”, “Saudade eterna do ídolo” e “Veneração ao ídolo continua”. De *Zero Hora*, fazem parte do nosso estudo as matérias “Fernandão 1978-2014”, “Queda às margens do Rio Araguaia”, “A comoção”, “A saudade” e “Aplausos, lágrimas e saudade”.

Como fundamentação teórica para a realização do estudo, recorremos

¹ Clube de futebol fundado em 1904.

² Como são conhecidos os torcedores do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

a categorias a priori que julgamos pertinente à esta temática. São elas: *fotografia*, com as subcategorias *studium* e *punctum*, *fait divers*, *mito*, *imaginário*, *estereótipo* e *socioleto*. Nossas categorias, baseadas nas reflexões de Roland Barthes, ajudaram-nos a construir as questões que motivaram a realização deste estudo. Cada categoria nos inspirou na elaboração de uma pergunta, às quais buscamos responder no decorrer de nossa trajetória de desafios e descobertas em torno de nosso objeto de análise. Nossas questões de pesquisa são: Como são revelados nas *fotografias* sobre a morte de Fernandão o *studium* e *punctum*? De que maneira os elementos do *fait divers* podem ser observados no discurso das matérias analisadas? De que forma podemos identificar os tipos de *mito* descritos por Barthes nos textos observados? De que forma o *imaginário* sobre Fernandão é manifesto nas matérias? Como o *estereótipo* está presente nos textos analisados? Como o *socioleto* relacionado ao jornalismo esportivo pode ser identificado na cobertura da morte de Fernandão?

Ao buscar respostas para as questões a que nos propomos a investigar, nosso objetivo geral na realização deste trabalho, é estudar a produção de sentido na cobertura da morte de um ídolo esportivo como Fernandão. Temos, ainda, como objetivo específico o de compreender e explicar de que forma as matérias observadas colaboraram na construção do mito de Fernandão.

Para a realização deste trabalho, nos guiamos pelo Paradigma da Complexidade, método apresentado por Edgar Morin que propõe a Transdisciplinariedade. Neste conceito, não há barreiras entre os diferentes teóricos e disciplinas; ao contrário, propõe-se, de modo permanente, o diálogo entre os diferentes saberes. Entendemos este método como coerente para nos guiar neste ensaio visto que o esporte, neste caso o futebol, é um tema que perpassa distintos aspectos na sociedade contemporânea e, portanto, a possibilidade de nutrirmo-nos de diferentes fontes de conhecimento contribui para a realização deste estudo.

Como técnica metodológica, valemo-nos da semiologia de Roland Barthes, em sua essência qualitativa, que tem como foco menos o *o quê*, e mais o *como* e o *porquê*. Embora Barthes afirme que não representa esta ciência, o autor imprimiu seu estilo à semiologia, especialmente na valorização do aspecto conotativo, no entendimento dos signos.

Optamos, para a redação desta dissertação, pela uso da primeira pessoa no plural, mantendo assim, coerência com o que propõe o Paradigma da Complexidade. Este método, investe no resgate da presença do sujeito como produtor de conhecimento e na relação entre o pesquisador e a ciência.

A dissertação é composta por quatro capítulos, cujos títulos são inspirados em termos do universo futebolístico. No primeiro deles, chamado de “O campo de jogo”, buscamos contextualizar nosso objeto de estudo. Propomos, a partir de diferentes

autores, a reflexão sobre a relação entre o futebol e a mídia, especialmente nos casos de cobertura da morte de atletas. Para tratar, especificamente, sobre a morte de Fernandão, buscamos estudos sobre a rivalidade entre clubes, neste caso, Internacional e Grêmio. Neste capítulo, também localizamos uma síntese da trajetória de vida de Fernandão, com informações sobre a carreira e aspectos pessoais e familiares. Encerram este primeiro capítulo da dissertação relatos da história dos jornais nos quais buscamos nosso corpus: *Correio do Povo* e *Zero Hora*.

No segundo capítulo, denominado “A escalação do time”, trazemos o conjunto de referências que reunimos para a realização do estudo. Ou, porque não, os jogadores que chamamos para compor nossa equipe em diferentes posições e funções. Neste capítulo, apresentamos, detalhadamente, nossas seis categorias a priori. Também compõe esta parte do estudo nossa metodologia, o Paradigma da Complexidade, comparado às *regras do campeonato*. Encerramos este capítulo abordando o *esquema tático* adotado para a realização do trabalho, se trata da semiologia, nossa técnica de análise.

O terceiro capítulo representa “O primeiro tempo” do nosso jogo. Reunimos nosso plantel de categorias e teóricos e iniciamos as análises escolhendo as matérias do *Correio do Povo*. Cada produção é descrita em aspectos verbais e não-verbais e analisada de acordo com as categorias que definimos a priori. Buscamos, nesta observação, responder às questões de pesquisa que norteiam nosso estudo. Da mesma forma, observamos as matérias publicadas pelo jornal *Zero Hora*, cujas análises compõem o quarto capítulo, “O segundo tempo” da nossa partida.

Como forma de encerrar nossa dissertação, eis as *considerações (provisórias)*. Nesta parte do estudo, apresentamos nossas reflexões acerca das análises realizadas. Entendemos que o conhecimento não é definitivo, portanto, tratamos de trazer nosso olhar sobre este tema, neste momento, enquanto uma provisoriedade.

1 O CAMPO DE JOGO

1.1 O futebol, o jogador e a mídia

A popularização do futebol moderno está intimamente ligada à Revolução Industrial³ – quando o lazer deixou de ser privilégio das classes abastadas – e ao imperialismo inglês. No final do século 19 e início do século 20, ao exportarem produtos industrializados e serviços, os britânicos também difundiam fenômenos sociais e culturais de origem inglesa, como é o caso do futebol. No Brasil, historiadores apresentam diferentes versões sobre a chegada do esporte que contribuiria na construção da identidade nacional. Para Hilário Franco Júnior (2007),

[...] estabelecer paternidades quase heróicas e datas oficiais não esclarece as relações entre o futebol e a sociedade brasileira. Pelo contrário, suas significações mais profundas residem no processo de apropriação pelos diversos setores sociais que o transformaram num fenômeno de massas (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 62).

Inicialmente elitizado e exclusivo para integrantes da alta sociedade, em um país marcado pela desigualdade social, a modalidade passou a se popularizar especialmente a partir da década de 1930, com a cobertura jornalística realizada por Mário Filho⁴. Ao promover concursos entre os torcedores, aproximou o esporte do universo do carnaval e incentivou a criação de símbolos dos clubes, como hinos, bandeiras e mascotes, pelos quais as massas estabeleceram vínculos mais fortes com as agremiações. Conforme Roberto DaMatta (1982), o futebol, no Brasil, permite a manifestação de diversos problemas enfrentados pela sociedade – com sua heterogenia – ao mesmo tempo que transita entre a percepção e a elaboração intelectual e sugere a igualdade social:

Numa sociedade internamente dividida em múltiplas esferas, cada qual com uma ética diferenciada, e até mesmo opostas (embora complementares entre si), instituições que permitem essas junções da casa com a rua, do cidadão com o pai-de-família, do membro do governo com a massa de pessoas da cidade, dos deuses que tudo sabem e podem com os homens que pedem aqui em baixo, são instituições fadadas ao sucesso e a servir como meios privilegiados pelos quais a vida se define com sua força e sua plenitude em sociedades como a brasileira. Se tudo, então, conduz à divisão do universo social no cotidiano [...] No

³ Com berço na Europa – especialmente na Inglaterra – entre o final do século 18 e metade do século 19, representou conjunto de mudanças na produção, especialmente com a substituição do trabalho artesanal pela utilização de máquinas.

⁴ Jornalista e escritor carioca, foi homenageado ao dar nome ao Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã. Era irmão do também escritor e cronista esportivo Nelson Rodrigues.

futebol, pois, somos também conduzidos ao reino da igualdade e da justiça social (DAMATTA, 1982, p. 40).

Ao entender o jogo como elemento da cultura, o historiador Johan Huizinga (1971) ressalta que esta atividade “ornamenta a vida, ampliando-a, e nessa medida torna-se uma necessidade tanto para o indivíduo, como função vital, quanto para a sociedade, devido ao sentido que encerra, à sua significação, a seu valor expressivo, a suas associações espirituais e sociais” (HUIZINGA, 1971, p. 12). O ex-jogador de futebol Eduardo Golçalves Andrade (2011), o Tostão, destaca o aspecto imprevisível do jogo, especialmente da modalidade mais popular do mundo⁵:

Por mais que o futebol se torne pragmático e programado, ele nunca estará livre do imponderável. Esse fator é determinante no resultado das partidas entre dois times do mesmo nível. O imponderável não tem nada a ver com o mistério e com o estranho. É a presença marcante e frequente de fatos comuns, que não sabemos onde e quando vão acontecer. O imponderável não torce nem é justo. Acontece (ANDRADE, 2011, p. 217).

Comparado por Nelson Rodrigues⁶ a uma “senha para a cidadania”(FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 210), torcer para um clube de futebol no Brasil significa estar envolvido por uma rede de relações em que aspectos como a classe social e econômica não são excludentes. Embora tenham suas histórias documentadas, os clubes de futebol tendem a absorver aspectos míticos. Esta lenda é alimentada pelos feitos e conquistas esportivas que são motivos de orgulho dos torcedores e pelos quais eles se reconhecem. Por estas características, Franco Júnior (2007, p. 214) compara o clube de futebol e seus simpatizantes a um clã, ou seja, “[...] um grupo que acredita descender de um ancestral comum, mais mítico que histórico, contudo vivo na memória coletiva”.

Ao se questionar sobre os motivos que levam centenas de milhões de pessoas ao redor do mundo a se mobilizarem por uma atividade relativamente rudimentar, que reúne 22 atletas em torno de uma bola, Franco Júnior (2007) lança mão de algumas representações:

De fato, futebol é metáfora de cada um dos panos essenciais do viver humano nas condições históricas e existenciais das últimas décadas. Mais precisamente, é conjunto de metáforas que deve ser visto na sua articulação, a sua complementação mútua, exatamente – para usarmos nós também uma metáfora – como os gomos de uma bola de futebol. Ou ainda como um mosaico que constrói com peças quantitativa e

⁵ Conforme o estudo denominado Big Count 2006, realizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), cerca de 265 milhões de pessoas praticam ou acompanham o esporte no mundo.

⁶ Nelson Rodrigues nasceu em 1912 e morreu aos 68 anos. Foi jornalista e escritor e um dos dramaturgos mais influentes do Brasil. Como cronista, lançou mão do universo futebolístico para descrever a sociedade brasileira.

qualitativamente diferentes (jogadores, técnicos, profissionais de várias áreas médico-esportivas, árbitros, dirigentes, jornalistas, torcedores) a imagem-síntese do mundo em que vivemos. Imagem que mostra tanto a realidade externa (social, econômica, política) quanto a interna (anseios, medos, frustrações, esperanças, alegrias). Como toda metáfora, uma coisa no lugar da outra, o futebol é sentido antes de ser compreendido, e no entanto, como toda metáfora, ele pode, e deve, ser também analítica e criticamente examinado (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 166).

Já Ramos (1984, p. 105) entende o futebol como um aparelho ideológico do Estado que “sublima o capitalismo. Concede uma visão ficcional da realidade, aperfeiçoando-a. Neste processo, absolutiza as ideias da classe dominante”.

Nos temas que envolvem o futebol brasileiro, a literatura acadêmica passou a se consolidar a partir da década de 1980, com a publicação do livro *Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira* (1982), que reuniu textos de diferentes pesquisadores e foi organizado pelo antropólogo Roberto DaMatta. Nestes quase 40 anos de produções, Helal (2011) identifica cinco momentos temáticos como norteadores das pesquisas que se dedicaram a observar o futebol e suas relações, a partir da perspectiva científica:

Tabela 1 – Momentos temáticos da literatura acadêmica sobre futebol no Brasil

Apocalíptico	Futebol era entendido como ópio do povo e instrumento de alienação
Drama da sociedade	Com perspectiva antropológica, teve como foco os aspectos ritualísticos da modalidade
Romântico	Futebol e nação brasileira e o debate sobre o livro <i>O negro no futebol brasileiro</i> , de Mário Filho
Declínio do “país do futebol”	Sugere uma nova construção social e questiona a construção da identidade nacional
Grandes eventos	Motivado pela realização da Copa do Mundo, em 2014, e da Olimpíada, em 2016, no Brasil

Apocalíptico	Futebol era entendido como ópio do povo e instrumento de alienação
--------------	--

Elaborado pela autora, baseado em Helal (2011).

Se o futebol é capaz de mobilizar multidões em torno de seus temas, é natural deduzir que seus atores principais são os jogadores. Afinal, são eles que, no cerne da atividade – o jogo, representam equipes e seleções pelas quais as torcidas se interessam. Sonho no imaginário de meninos, ser jogador de futebol profissional parece destino reservado a poucos e idealizado por muitos, como sugere Eduardo Galeano (2004):

O bairro tem inveja dele: o jogador profissional salvou-se da fábrica ou do escritório, tem quem pague para que ele se divirta, ganhou na loteria. Embora tenha que suar como um regador, sem direito a se cansar nem a se enganar, aparece nos jornais e na televisão, as rádios falam seu nome, as mulheres suspiram por ele e os meninos querem imitá-lo. Mas ele, que tinha começado jogando pelo prazer de jogar, nas ruas de terra dos subúrbios, agora joga nos estádios pelo dever de trabalhar e tem a obrigação de ganhar ou ganhar (GALEANO, 2004, p. 1).

A competição e a busca pelo sucesso e pela vitória são inerentes à sociedade capitalista, mas nas atividades, em geral, estas disputas e conquistas não se tornam públicas, são restritas aos segmentos profissionais. Conforme aponta Franco Júnior (2007),

com futebolistas ocorre o oposto, sua profissão é exatamente ultrapassar os rivais, conseguir vitórias conhecidas por todos. Seus sucessos e fracassos repercutem, são amplamente informados e comentados, despertam amores e ódios, admiração e desprezo. Mesmo jogadores famosos vivem na inconstância da vitória (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 305).

Dentre o grupo de jogadores de uma equipe, aqueles que se destacam são alçados ao patamar de ídolos. Passam a ser observados com mais atenção pela torcida e pela imprensa e, por vezes, como sugere Franco Júnior (2007), são comparados a deuses ou mesmo assimilados a santos, como se tivessem a capacidade de interceder pelos demais homens a uma divindade. Espera-se que desses atletas surjam os grandes momentos e vitórias de um time. Para Helal e Murad (1995, p. 67), estes personagens centralizam e expressam, por meio de suas trajetórias, os “anseios, temores, esperanças e frustrações da coletividade. Mas estes sentimentos não estão ditos claramente. É preciso decifrá-los, descobrir o que está latente através de seus conteúdos manifestos”. A perspectiva é compartilhada por Gonçalves (2003):

Os heróis do esporte, figuras carismáticas, conferem, doam às multidões, um alívio, mesmo que breve, do tédio cotidiano, uma oportunidade efêmera e fugidia de excitação; são válvulas de escape ao conduzirem as energias reprimidas dos que os seguem para o ritual e fantasia, abastecendo, ao mesmo tempo, o consumo capitalista (GONÇALVES, 2003, p. 121).

São vários os elementos que podem contribuir na construção de um ídolo, desde as habilidades técnicas e táticas mostradas em campo, até a força de vontade, a chamada “*garra*”, ou mesmo o comportamento irreverente em entrevistas ou nas manifestações em redes sociais na internet, que aproximam ídolos de seus fãs. Ou, como afirma Andrade (2003, p. 1) “para ser um atleta excepcional, um craque, é preciso ter, em alto nível e em proporções variáveis para cada jogador, muita habilidade, criatividade, técnica, além de ótimas condições físicas e emocionais. O talento é a união disso tudo”. O ex-atleta também entende que, para um jogador brilhar intensamente, é necessário, além destas variáveis, que ele crie laços afetivos com a torcida, os companheiros e o clube o qual defende, ainda que não exista uma receita definitiva que garanta o sucesso como resultado.

Querem criar um manual e um perfil dos vencedores. Não existe. As experiências não se transmitem. Cada um faz do seu jeito. Um jogo de futebol é um espetáculo, uma metáfora da vida. Estão presentes a alegria e a tristeza, a glória e o ocaso, a razão e a paixão, a ganância e a solidariedade, o invisível e o previsível, o evidente e o contraditório, o real e o simbólico, a ternura e a agressividade e outras ambivalências que fazem parte da alma humana (ANDRADE, 2003, p. 1).

O autor vai além e sugere que a visão que se tem dos atletas limita-se aos seus aspectos físicos e anatômicos. Temas como as emoções e as dificuldades em lidar com episódios contraditórios de vitórias e derrotas, glória e fracasso, fama, dinheiro e cobrança, são ignorados. O futebol é uma atividade complexa para quem a desempenha como profissão que, aliás, só foi regulamentada como tal, pelo Congresso Nacional, em 1976⁷. A dualidade entre tornar-se o herói e participar do jogo coletivo e o conflito entre a busca desmedida pela vitória – pela qual o profissional é cobrado – e os valores éticos, legais e morais fazem parte da prática da atividade futebolística:

Como na vida, há geralmente uma conciliação entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, entre a ambição e o altruísmo. [...] Os atletas e treinadores estão quase sempre divididos entre a ousadia e a segurança. Querem arriscar, procurar mais o gol e, ao mesmo tempo, sabem que precisam correr menos riscos. Assim é também na vida (ANDRADE, 2011, p. 223).

⁷ Lei 6.354/76, publicada em 2 de setembro de 1976.

Gumbrecht (2007) investe na perspectiva da beleza atlética e sugere que os resultados obtidos nas competições e as qualidades dos jogadores não são aspectos determinantes na construção das imagens dos ídolos do futebol:

Nem sempre é preciso ser objetivamente o melhor de todos os tempos ou o maior do mundo para que o esporte transfigure seus heróis aos olhos dos espectadores apaixonados. Para viciar no esporte, basta uma distância entre o atleta e o espectador – uma distância grande o suficiente para fazer o espectador acreditar que seus heróis vivem em outro mundo. É assim que os atletas se transformam em objetos de admiração e desejo (GUMBRECHT, 2007, p. 15 e 16).

O relato que os jornalistas – neste caso, os que atuam na editoria de esportes – fazem sobre as conquistas e o desempenho dos jogadores também contribui para que a sociedade identifique aqueles atletas que podem assumir os postos de ídolos, heróis e mitos. Entretanto, conforme Hook (1962), apenas o discurso midiático não é suficiente para que este processo seja concretizado:

Na idolatria aos heróis contemporâneos é a mídia quem registra estas realizações ao mesmo tempo em que faz de todos nós testemunhas. Mas este registro é elaborado a partir de uma relação dialética entre mídia, o ídolo em questão e o contexto social mais amplo (HOOK, 1962, p. 29).

Neste processo, Pich (2003, p. 199) identifica a relação tríplice entre o atleta, o imaginário social e a mídia como “os pilares para a criação da trajetória das personagens heroicas vindas do mundo esportivo”. Para o autor, a construção destas narrativas se dá a partir da escolha – ou não – de pedaços da história organizados de tal forma que resultem em uma espécie de mosaico que não contempla a totalidade dos fatos, mas que cria uma nova narrativa deste herói. Esta imagem, conforme Helal (2003, p. 20), é elaborada “ênfatizando certos aspectos, relegando outros a um ponto secundário e até mesmo omitindo algumas passagens”.

Ao pesquisar sobre a história do jornalismo esportivo no Brasil, Ribeiro (2007) sugere que *O Atleta*, publicado pela primeira vez em 1856, é o registro seminal deste estilo no país. Até o início do século 20, pelo menos mais cinco jornais e suplementos dedicados ao esporte (*O Sport* e *O Sportsman* em 1885; *A Platea Esportiva* em 1891; a revista *O Sport* e *Gazeta Esportiva* em 1898) foram lançados. Como o futebol ainda estava ensaiando sua chegada em definitivo no Brasil, as publicações não tinham a modalidade como foco, e ocupavam suas páginas com informações sobre ciclismo, regatas e turfe.

Nas primeiras décadas do século 20, o principal tema abordado por jornais e revistas que se dedicavam aos esportes não tratava diretamente das competições em

si, mas de que forma estas modalidades poderiam prejudicar ou beneficiar a sociedade. Mesmo no caso das coberturas de confrontos, o foco estava nas pessoas que assistiam aos embates, mais do que nas próprias disputas.

O olhar sobre o esporte, a partir do jornalismo especializado, mudou no início da década de 1930. No mesmo momento em que o futebol brasileiro se tornava profissional, a imprensa também tratou de se aprimorar. Aos poucos, o jornalista destinado a acompanhar as informações relacionadas ao esporte começou a integrar as redações dos principais jornais do Brasil. Entre eles, Mário Filho, que percebeu como a modalidade poderia render mais do que informações acerca dos resultados de dentro de campo. O jornalista foi responsável por inovar o conteúdo nas páginas de *O Globo* e do *Jornal dos Sports*, referência em notícias esportivas durante três décadas. Ao lançar mão de conteúdos assinados por intelectuais e escritores e aprimorar a apresentação gráfica de suas páginas, o profissional acabou por criar um estilo próprio:

Em suas mãos, o jornalismo esportivo ganharia novas dimensões. Na forma, quase tudo mudava: título, subtítulo, legendas. O conteúdo abria espaço para a vida dos personagens que faziam o espetáculo. Jogadores passaram a ser endeusados, especialmente os negros (RIBEIRO, 2007, p. 75).

A década de 1930 também ficou marcada para o jornalismo esportivo brasileiro a partir da popularização do rádio, que logo encontrou na transmissão de jogos de futebol, um de seus principais atrativos. Já nos anos 1950, o surgimento da televisão alavancou a produção jornalística voltada ao esporte, especialmente ao futebol. Em 1974, foi criada a Associação Brasileira dos Cronistas Esportivos (Abrace)⁸, primeira entidade nacional que reunia profissionais dedicados ao jornalismo esportivo.

Apesar do amplo espaço que ocupa diariamente nos diferentes veículos e plataformas de comunicação, o jornalismo voltado ao esporte – assim como o profissional que o produz – nem sempre é respeitado como as editorias que tratam de outros temas, como política e economia. Para Alcoba (2005), um dos principais pesquisadores do jornalismo esportivo da atualidade, independente do tema ao qual o profissional se dedica a escrever, devem prevalecer os mesmos princípios éticos e deontológicos que norteiam a rotina de trabalho dos jornalistas de qualquer editoria. Apesar disso, para o autor, ainda há preconceito com jornalistas esportivos.

Os primeiros jornalistas esportivos foram tidos como jornalistas de segunda categoria, já que a área que tratavam estava ao alcance de qualquer pena e qualquer um podia levar a cabo a realização dessa informação. O novo gênero jornalístico não podia comparar-se com a de outras seções fundamentais de um meio de informação: Internacional,

⁸ Site da instituição: www.abraceesportes.com.br.

Nacional, Local, Economía [...] Para escrever sobre estes assuntos era necessária uma preparação e educação política, enquanto que para comunicar e difundir o assunto esportivo era desnecessária. (ALCOBA, 2005, p. 65).⁹

A despeito das peculiaridades e características deste segmento do jornalismo, Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel produziram o *Manual do jornalismo esportivo* (2006). Embora afirmem que o jornalista é jornalista, independente da editoria a qual se dedica, os autores entendem que esta especialidade possua diferenciais e, inclusive, se aproxima do entretenimento.

A emoção é a própria alma do esporte. Ela está nos olhos do jogador que faz o gol do título, na decepção da derrota, nas piscinas, quadras e pistas. Em nenhuma outra área do jornalismo a informação e o entretenimento estão tão próximos (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 45).

Apesar da aproximação com o divertimento, apontada pelos autores, por vezes surge um novo elemento na informação jornalística dedicada ao esporte. No contexto deste estudo, se faz necessário abordar, também, a morte como fenômeno existente no âmbito esportivo.

1.2 A imprensa esportiva e a morte

Atividade que valoriza as potencialidades físicas e busca resultados a partir da superação dos limites do próprio corpo, o esporte parece contraditório à morte. Acostumada a tratar dos feitos dos atletas enquanto vitoriosos e em atuação – o que depende da sua vitalidade – por vezes, a mídia precisa abordar a morte de esportistas. Conforme Rodrigues (2011), a literatura antropológica se dedica a observar e refletir sobre a relação das diferentes culturas com a morte, não apenas do ponto de vista do corpo, enquanto matéria física, mas também na consciência, visto que

a lembrança daquele que morreu recentemente continua sendo uma forma de sua presença no mundo. Esta presença só arrefece muito aos poucos, lentamente, por meio de uma série de dilaceramentos de que os sobreviventes são vítimas. Assim, os mortos não estão fora da circulação das mensagens humanas: a morte não corta totalmente os canais de comunicação, embora imponha novos meios e novos códigos (RODRIGUES, 2011, p. 28 e 29).

⁹ No original: Los primeros periodistas deportivos fueron tomados como periodistas de segunda, ya que el área que trataban estaba al alcance de cualquier pluma y cualquiera podía llevar a cabo la realización de esa información. El nuevo género periodístico no podía compararse con el de las otras secciones fundamentales de un medio de información: Internacional, Nacional, Local, Economía [...] Para escribir sobre esos asuntos era preciso una preparación y educación política, mientras que para comunicar y difundir el tema deportivo era innecesaria.

Quando se trata da morte de uma personalidade, como é o caso de atletas conhecidos, a mídia representa um importante canal para a repercussão de mensagens que rememoram estes personagens. Definido por Mouillaud (2002) como o “grande morto”, esta figura justifica receber do jornal o destaque na capa e ter sua história recuperada no restante da publicação:

O preenchimento até a borda e a repetição maçante de seu nome são [...] marca de sua exclusividade; multiplica-se em “gêneros” de discurso e em variantes no interior de cada um dos gêneros. O máximo de repetição enfadonha ocorre quando das homenagens que, um assunto único, o jornal o fragmenta em múltiplos assuntos. À oração fúnebre e a seu discurso único, o da mídia opõe uma retórica da fragmentação: biografia, anedotas, narrativa de morte, reportagem das cerimônias, exegeses de especialistas, testemunho de pessoas íntimas, declarações dos pares, comunicados das Grandes Instâncias, discursos dos Poderes, citações da mídia, uns pelos outros, textos e fotos. O Grande Morto é dispersado (MOUILLAUD, 2002, p. 351).

Fausto Neto (1991) explica que, nestes casos, os meios de comunicação constroem modelos discursivos que não tratam a morte de forma objetiva, mas fazem com que ela deslize para um tipo de imortalidade. O medo da morte transforma-se na sua recusa e derrapa entre a noção de retorno e de permanência.

Várias operações podem dar conta dessa tarefa. Ao mesmo tempo que resvalam a morte, vão construindo ou sobrepondo-o à noção de imortalidade. Conhecimento de causas; produção de explicações, além da “veracidade empírica” dos boletins médicos; designação de culpados; elogios e dramaticidade; cerimônias e homenagens fúnebres; vinculação de aspectos e outros acontecimentos são operações que tratam de ir construindo estruturas simbólicas acerca da morte dos processos que tratam de dar conta de sua recusa (FAUSTO NETO, 1991, p. 21)

De acordo com Rodrigues (1992, p. 72), um dos primeiros fenômenos observados no anúncio da morte de um ídolo é a recusa a se crer no fato, embora compreenda que exista “[...] ambiguidade e a ambivalência dos sentimentos, que oscilam entre a alegria e a tristeza, entre festa e funeral: é porque, de certa forma, estes seres ‘imortais’ são feitos para morrer.” A morte destes personagens significa uma nova forma de narrativa:

A morte completa, assim, o destino do herói. Realiza sua dupla natureza: humana e divina. Ela o faz desempenhar seu papel de humano, sua vocação profunda, que é a de lutar contra o mundo e parecer heroicamente diante de uma fatalidade que terminará por o atingir. Ao mesmo tempo, contudo, a morte realiza no herói sua natureza sobre-humana. Diviniza-o, na medida em que lhe abre as portas da imortalidade: sai da vida, para entrar na História (RODRIGUES, 1992, p. 72).

Quando o falecimento acontece durante uma disputa, ou mesmo quando o atleta ainda tem idade para atuar, a comoção gerada pela relação entre mídia e público contribui para a construção e idealização destes personagens. Nas palavras de Gonçalves (2003, p. 286), “a morte de um jovem vencedor, em uma sociedade como a Ocidental, que cultua a beleza, a juventude e o sucesso, fortalece o culto. A imagem congelada na glória, sem decadência, sem a decrepitude provocada pela idade, eterniza o modelo a ser seguido e imitado”. Para Barbosa (2004, p. 1), trata-se de uma morte imaginada. “Há na contemporaneidade uma nova forma de perceber a morte e esta representação encontra-se pré-figurada nos meios de comunicação. Neles também estão os rituais, os lugares de preservação da lembrança e os aspectos que devem ser esquecidos nesta morte imaginada”.

Um dos episódios mais emblemáticos de atletas que morreram em competição é o do piloto de automobilismo Ayrton Senna, então com 34 anos, que faleceu em um acidente, enquanto disputava o Grande Prêmio de San Marino, em Ímola, na Itália, no dia 1º de maio de 1994. Na história do futebol brasileiro, um dos casos mais marcantes de morte em campo foi a do zagueiro Serginho¹⁰, jogador da Associação Desportiva São Caetano, que faleceu em decorrência de uma parada cardiorrespiratória durante o confronto com o São Paulo Futebol Clube. O incidente aconteceu na noite de 27 de outubro de 2004, no Estádio Morumbi, na capital paulista.

Acidentes envolvendo delegações inteiras também foram registrados em diferentes lugares do mundo. São exemplos o caso do vôo do clube italiano Torino, que se chocou com a Basílica de Superga, em Turim, e matou 31 pessoas, sendo 18 jogadores; o avião que transportava o time inglês Manchester United Football Club caiu, em 1958, na Alemanha, e vitimou fatalmente 23 pessoas; em 1960, oito jogadores da seleção dinamarquesa morreram, em Copenhague, logo após a decolagem do avião em que estavam; o time do Club The Strongest, da Bolívia, sofreu um acidente aéreo em 1969 e perdeu 17 jogadores; em 1987, o avião em que estava a equipe peruana do Club Alianza Lima caiu no mar e vitimou 16 atletas; em 1993, a seleção da Zâmbia também foi vítima de um acidente aéreo que resultou na morte de 18 jogadores.

Em 2016, um acidente aéreo envolvendo atletas brasileiros gerou nova comoção no universo do esporte. O avião fretado, que transportava a equipe da Associação Chapecoense de Futebol, caiu pouco antes de chegar à cidade de Medellín, na Colômbia, na madrugada de 29 de novembro. O clube catarinense disputaria a primeira partida da final da Copa Sul-Americana contra o Club Atlético Nacional S.A. Na queda, morreram 71 pessoas, incluindo 17 jogadores e 21 jornalistas, além de dirigentes, convidados e tripulação. No acidente, sobreviveram seis pessoas: os jogadores Alan Ruschel, Jackson Follmann e Hélio Hermito Zampier Neto, o jornalista Rafael Henzel, o técnico

¹⁰ Paulo Sérgio Oliveira da Silva, morreu aos 30 anos de idade.

da aeronave, Erwin Tumiri, e a comissária de bordo, Ximena Suárez. A pedido do clube colombiano, a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol), declarou a Chapecoense como campeã da competição. Uma série de homenagens foram realizadas por equipes e atletas de diferentes partes do mundo. Nos dias e horários marcados para a disputa das finais, por exemplo, torcedores lotaram as arquibancadas dos estádios que receberiam os jogos (em 30 de novembro, o Estádio Atanasio Girardot, em Medellín e, em 7 de dezembro, o Estádio Couto Pereira, em Curitiba) como forma de prestar homenagens às vítimas. No dia 3 de dezembro, a Arena Condá, em Chapecó, recebeu milhares de pessoas no velório coletivo de 50 das vítimas da tragédia. Os corpos foram recebidos no país com honras militares e as cerimônias foram transmitidas, ao vivo, por emissoras de televisão.

No Rio Grande do Sul, outras mortes de jogadores ainda em idade de atuar marcaram a história do futebol gaúcho. Em 2009, o ônibus que transportava, após amistoso, a equipe do Grêmio Esportivo Brasil, de Pelotas, capotou na Rodovia RS-471, na cidade de Canguçu. No acidente, morreram o treinador de goleiros, Giovani Guimarães, o zagueiro Régis Gouveia Alves e o atacante e ídolo da torcida, Claudio Milar.

Os principais clubes gaúchos, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional, também tiveram jogadores que morreram enquanto defendiam ou mantinham contrato com o clube. Com o objetivo de apresentar alguns destes casos, realizamos levantamento que apresentamos na tabela a seguir, destacando a circunstância da morte destes atletas.

Tabela 2 – Morte de jogadores da dupla Gre-Nal

GRÊMIO		
Atleta	Ano	Circunstância
Eurico Lara	1935	O goleiro defendeu o Grêmio durante 16 temporadas, entre 1920 e 1935. Como um dos principais ídolos do clube, tem seu nome citado no hino gremista, composto por Lupicínio Rodrigues em 1953. Em setembro de 1935, já com tuberculose em estado avançado, defendeu o Grêmio pela última vez, em uma partida contra o Internacional. No intervalo, foi substituído e levado ao hospital, onde morreu dois meses depois, aos 38 anos de idade.

GRÊMIO		
Everaldo Marques da Silva	1974	O lateral esquerdo foi o primeiro atleta de um clube gaúcho a ganhar uma Copa do Mundo de Futebol, em 1970. O feito foi homenageado pelo clube com a estrela dourada na bandeira oficial. Faleceu, aos 30 anos, em um acidente de carro durante campanha para sua candidatura como deputado federal.
Dener Augusto de Souza	1994	Promessa do futebol brasileiro na década de 1990, foi emprestado pela Portuguesa ao Grêmio em 1993, quando conquistou o Campeonato Gaúcho, seu primeiro e único título profissional. Em 1994, foi emprestado ao Vasco da Gama e morreu em um acidente de carro aos 24 anos de idade.
Paulo Rafael de Oliveira Ramos	2009	Pertencente ao Vila Nova, Paulo Ramos foi emprestado ao Grêmio, onde jogou nas temporadas de 2005 e 2006. No ano seguinte foi emprestado ao Juventude. Em 2008, por complicações cardíacas, abandonou o futebol. Faleceu em 2009 em decorrência da doença, aos 24 anos de idade.
INTER		
Adílson Miranda	1980	Contratado pelo Inter em 1978, foi Campeão Brasileiro invicto pelo clube no ano seguinte, ao lado de jogadores como Falcão e Mário Sérgio. Adilson Miranda, então com 30 anos, e a noiva morreram em um acidente automobilístico em 1980, ano em que defendia o Criciúma.
Adavílson Cruz	1980	Conhecido como Pelezinho, o ponta-direita foi levado ao Inter após a conquista do Campeonato Brasileiro de 1979. Pelo clube, disputou a Libertadores da América de 1980 mas, pela falta de disciplina nas concentrações, foi emprestado ao Criciúma. Retornou ao Inter em 1981, ano em que faleceu em acidente de carro, aos 26 anos de idade.

GRÊMIO		
Sérgio Santos Gil	1989	Morto em um acidente de trânsito em 1989, o jogador, então com 18 anos, estava negociando com o Internacional. Revelado pelo Figueirense, também atuou pelo Corinthians e foi convocado para seleções de base do Brasil. Era irmão dos também jogadores Almir e Tonho, que teve passagens pelo Grêmio e pelo Inter.
Mahicon Librelato	2002	Contratado pelo Inter junto ao Criciúma em 2002, era uma das promessas do clube colorado. Foi fundamental na partida que evitou o rebaixamento do Inter no Campeonato Brasileiro, marcando um dos gols na vitória de 2 a 0 contra o Paysandu. Morreu em 2002, aos 21 anos, quando o carro em que dirigia caiu de uma ponte no mar, em Florianópolis.

Elaborado pela autora (2017).

Observada no contexto esportivo, a morte revela casos que marcaram as trajetórias de clubes e atletas. Ainda no espaço de vida, a rivalidade abre caminho para o fortalecimento de relações existentes no futebol.

1.3 A rivalidade Gre-Nal¹¹

O futebol, em Porto Alegre, começou a se estabelecer em 1903, quando uma excursão do Sport Club Rio Grande¹² incentivou a criação de dois clubes na cidade: Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Fuss-Ball Club Porto Alegre. Na época, as equipes eram compostas apenas por sócios, e o processo para integrar as agremiações era moroso, já que dependia da indicação por membros mais antigos. A recusa para que se associassem aos clubes já existentes na cidade motivou os irmãos Henrique Poppe Leão, José Eduardo Poppe e Luiz Madeira Poppe, recém-chegados a Porto Alegre, e por isso sem grande participação na sociedade, a fundarem, em 1909, aquele que seria o principal rival do Grêmio. A história do Sport Club Internacional está, portanto, ligada ao coirmão desde sua fundação. O primeiro jogo de sua história, por exemplo, foi justamente contra os tricolores que, com mais experiência, golearam a equipe recém-formada por 10 a 0, no primeiro clássico¹³ Gre-Nal da história.

Em mais de 100 anos, a rivalidade entre a dupla Gre-Nal vem crescendo no mesmo ritmo das conquistas dos clubes. Figurando entre os grandes do futebol brasi-

¹¹ Como é chamado o clássico gaúcho disputado entre Grêmio e Internacional.

¹² Clube de futebol mais antigo do país, ainda em atividade. Foi fundado em 1900, na cidade de Rio Grande.

¹³ Jogo realizado no dia 19 de julho de 1909, no Estádio da Baixada, em Porto Alegre.

leiro, os principais clubes gaúchos somam, também, feitos internacionais, inclusive com a conquista do Mundial de Clubes¹⁴, o campeonato mais importante disputado entre clubes do mundo. A disputa entre os chamados coirmãos extrapola as quatro linhas do gramado. Temas como o número de torcedores, de sócios, as estruturas disponíveis nos estádios e até questões menos próximas do esporte em si, como as celebridades que simpatizam com cada uma das equipes, são motivos para alimentar a rivalidade. Colorado assumido, Luis Fernando Verissimo (1994) define-a

uma rivalidade que tem algo de selvagem, na medida em que o sucesso de um não apenas desconcerta mas arrasa o outro, mas que é a responsável por todas as conquistas de Grêmio e Internacional nestes últimos anos. Costuma-se atribuir bons resultados do futebol gaúcho em relação ao resto do Brasil a coisas como clima, formação étnica e até a bravura atávica desta raça de machos, tchê, embora ele tenha começado a se impor [...] justamente quando começou a importar jogadores. Mas não somos bons porque somos mais europeus ou mais fortes, somos bons porque o Internacional precisa ser melhor que o Grêmio que precisa ser melhor que o Internacional que morre se não for melhor que o Grêmio. Se o que move o capitalismo é a fome do lucro, o que move o irracional futebol de Porto Alegre é a fome da flauta. Há rivalidades parecidas no resto do Brasil, mas duvido que haja outra igual (VERISSIMO; FONSECA, 1994, p. 54).

A revista inglesa *FourFourTwo*, uma das principais sobre futebol do mundo, publicou, em abril de 2016, uma pesquisa¹⁵ com os 50 maiores clássicos da modalidade no universo. O Gre-Nal é classificado como o 8º maior clássico do mundo, o primeiro colocado no Brasil. Franco Júnior (2007) identifica a proximidade geográfica, seja em caso de clubes ou de seleções de países, como um fator que intensifica a competição. Para o autor, como no caso de Porto Alegre, “quando só há dois grandes clubes na mesma cidade o antagonismo tende a ser ainda mais agudo” (p. 204).

O pesquisador e antropólogo Arlei Damo dedicou-se a estudar temas que envolvem o futebol, como a rivalidade dos clubes gaúchos. Entre as observações, indícios da complexidade desta relação que envolve o estado do Rio Grande do Sul e que, ao mesmo tempo em que o divide entre o azul e o vermelho, também o une, visto que a rivalidade só existe pela proximidade entre os times e os torcedores. Ou, nas palavras do autor “[...] o quanto gremistas e colorados são contrários, contraditórios e complementares” Damo (1998, p. 75). Outro ponto que une as equipes é a ideia de que existe um jeito gaúcho de jogar futebol, diferente daquele estilo brasileiro que Freyre (2009, p. 432) descreve como “[...] maneira inconfundível um estilo brasileiro de futebol, e esse estilo é uma expressão a mais do nosso mulatismo ágil em assimilar,

¹⁴ O Grêmio venceu em 1983 e o Internacional, em 2006.

¹⁵ Disponível em www.fourfourtwo.com/features/fourfourtwos-50-biggest-derbies-world-no8-gremio-vs-internacional. Acesso em 15 de outubro de 2016.

dominar, amolecer em dança, curvas ou em músicas [...]”. Conforme DaMatta (1982), as dimensões geográficas do Brasil – que também se manifestam na diversidade social e cultural entre as diferentes regiões, faz com que existam “*futebóis*”, ou seja, diferentes maneiras de perceber e jogar o esporte mais popular no país. No imaginário do extremo sul do Brasil, o “*futebol arte*” do restante do país dá lugar ao “*futebol garra*”, mais semelhante ao estilo uruguaio e argentino do que ao do centro do próprio Brasil. Mas como explicar que exista um “jeito gaúcho” de se jogar futebol quando a montagem dos clubes é perpassada pela globalização e as equipes contam com vários jogadores nascidos e iniciados no esporte em diferentes estados e países? Para Damo (1998) existe uma espécie de parceria dialógica entre o “*gauchismo*” e o futebol.

Em termos de genéricos, o estilo do futebol gaúcho resulta, por um lado, da apropriação, por parte dos futebolistas – sejam eles torcedores, dirigentes, jogadores ou cronistas esportivos – de um discurso preestabelecido de culto às tradições gaúchas. De outro, seguindo a mesma lógica das reivindicações regionalistas forjadas na esfera econômica, política e cultural, o futebol gaúcho é pensado por oposição ao futebol-arte, declinando desta, outras tantas oposições dentre as quais se destaca o “nós”/“outros” ou “eles”, gaúcho/brasileiro e regional/nacional (DAMO, 1998, p. 195).

Especificamente sobre o clássico Gre-Nal, Damo o compara a uma lição de democracia, já que, nas vitórias ou nas derrotas das equipes, não existe a distinção de classes sociais. Quando o Grêmio vence, por exemplo, comemoram todos os gremistas, e vice-versa. E é justamente a manifestação das torcidas que o autor identifica como ponto chave:

O que faz do Gre-Nal uma “*aula de democracia*” [...] são os cânticos, xingamentos e outras tantas manifestações que permitem expressar, coletivamente, determinados sentimentos a cerca do “outro”. Talvez porque não existam outros fóruns para tal, ou porque tais sentimentos tenham de ser expressos de uma maneira tal que só o futebol permite, à medida que faz a “*seriedade*” passar-se por “*brincadeira*” (DAMO, 1998, p. 231).

A intensidade do futebol que se revela nos momentos de rivalidade entre clubes é marcada, sobretudo, pelo envolvimento de seus atletas. Alguns deles, tornando-se ainda mais importantes depois da morte.

1.4 A trajetória de Fernandão

Dos 36 anos que viveu, Fernando Lúcio da Costa dedicou mais de três décadas ao futebol. Ainda criança começou a jogar no time de coração, o Goiás Esporte Clube¹⁶,

¹⁶ Fundado em 1943, é o principal representante da região Centro-Oeste no futebol brasileiro.

agremiação que leva o nome do estado em que nasceu. A altura, 1,90 metro, justifica o apelido que tornou Fernandão mundialmente conhecido. Nascido em família de classe média alta, o filho de fazendeiro mostrava desde os primeiros passos que teria história diferente da maioria dos colegas de profissão que, pela falta de oportunidades e estudo, encontram no esporte uma das poucas possibilidades de ascensão na vida.

A primeira experiência como jogador profissional foi pelo Goiás, aos 16 anos. Foi no clube esmeraldino que Fernandão passou os seis primeiros anos da carreira que já se desenhava promissora. Neste período, atuando como meio-campo, conquistou cinco Campeonatos Goianos, duas Copas Centro-Oeste e um Campeonato Brasileiro da Série B. Foi na época em que defendia o Goiás que Fernandão conheceu aquela que seria sua futura esposa. Fernanda Bizzotto trabalhava na academia de ginástica em que a equipe de futebol fazia treinamentos. Depois da insistência do atleta, a professora aceitou conhecer melhor o craque do time goiano. Na época, Fernandão já era pai de Thayná, fruto de um relacionamento anterior.

A técnica que apresentava em campo e os cabeceios certos fizeram com que clubes europeus se interessassem pelo jovem jogador brasileiro. Em 2001, já casado, ele assinou contrato com o Olympique de Marseille¹⁷, da França, clube que defendeu por quase três anos. O casal seguiu no país até 2004, ano em que Fernandão defendeu o Toulouse Football Club¹⁸ e assumiu uma nova função em campo: passou a ser atacante. Da França, além da experiência de atuar por clubes do exterior e vivenciar a rotina do futebol e da sociedade europeus, Fernanda e Fernandão trouxeram o casal de gêmeos Enzo e Eloá, filhos que nasceram franceses.

Em 2004, o então presidente do Sport Club Internacional, Fernando Carvalho, em visita à fazenda em Goiás, onde o jogador passava férias, convenceu o agora atacante a voltar ao Brasil. Conforme conta Coimbra et al. (2009, p. 225), as referências do clube contribuíram para a decisão, já que “um telefonema para o amigo Marabá, à época no Inter, confirmou que o time pagava em dia, tinha boa estrutura e contava com o preparador físico da Seleção [Paulo Paixão]”. Foi atuando pelo Inter que Fernandão conquistou seus títulos mais importantes e onde, de fato, se tornou ídolo da torcida. Recebido com festa no Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, o jogador teve uma estreia vitoriosa pelo time colorado.

No dia 10 de julho de 2004, Fernandão vestiu, pela primeira vez, a camisa vermelha e branca e o desafio era o confronto com o principal adversário do Inter, o Grêmio. Mais do que isso. Com 998 gols marcados na história do clássico Gre-Nal, caberia ao atleta que fizesse o segundo gol daquela partida¹⁹ a marca do Gol Mil no

¹⁷ Clube fundado em 1899, é um dos mais vitoriosos e tradicionais clubes de futebol da França.

¹⁸ Clube fundado em 1973, disputa a primeira divisão do futebol francês.

¹⁹ Aquele foi o jogo de número 360 na história dos clássicos. A partida foi vencida pelo Internacional por 2 x 0.

duelo. Embora não estivesse entre as principais apostas da torcida para marcar o gol (COIMBRA et al., 2009), Fernandão marcou de cabeça, estreou pelo Inter com vitória sobre o maior rival e iniciou a carreira vitoriosa pelo clube gaúcho.

O nome do desconhecido Fernandão não era uma prioridade da massa torcedora. Na verdade, não era prioridade nem do técnico, que o havia relacionado para o banco, mas não para o time titular. Só que a característica de estar na hora certa e no momento certo – que mais tarde renderia a Fernandão o apelido de “Predestinado” – mudou as coisas já aos quinze minutos do primeiro tempo, quando o zagueiro Wilson sentiu dores na panturrilha esquerda. Joel [Santana] mandou os reservas aquecerem, mas não fez substituição alguma até o intervalo. Recém-chegado, sem sequer saber o nome de todos os jogadores, decidiu-se depois de ouvir os líderes do grupo, Clemer e Sangaletti, que lembraram que Fernandão podia jogar na armação sem que fosse preciso mexer no esquema do jogo (COIMBRA et al., 2009, p. 224).

As boas atuações pelo Inter renderam a Fernandão uma convocação para a Seleção Brasileira, em 2005, para o amistoso contra a Guatemala. Entretanto, o ano mais importante para a história do atleta — e para o próprio clube colorado — ainda estava por vir. O ano de 2006 marcaria a vida de Fernandão, do Inter e de toda a torcida colorada. Como capitão e líder da equipe, ele contribuiu para as conquistas – até então inéditas para o clube – da Copa Libertadores da América e do Campeonato Mundial de Clubes²⁰, vencido sobre o time espanhol e então campeão europeu, Futbol Club Barcelona²¹, no Japão.

Na volta da equipe, após a conquista da taça do Mundial, para Porto Alegre, Fernandão protagonizou uma cena que marcou os torcedores alvirrubros. No Estádio Beira-Rio lotado, o capitão da equipe apresentou ao público o troféu recém-conquistado no outro lado do mundo e comandou a festa pela comemoração do título. O papel de líder também era desempenhado no vestiário, conforme contam d’Azevedo, Behs e Oliveira (2016, p. 14) “O comando do vestiário funcionava assim: Fernandão dava as diretrizes e debatia as ideias com os demais jogadores, antes de levar reivindicações para a direção. Tarefas de líder e capitão. Nem sempre as propostas eram aceitas [...]”. Outro depoimento que corrobora com a imagem de liderança do atleta é a do jogador Alex, que diz que “A sensação era que, estando ao lado do Fernandão, nada poderia nos fazer mal, nada poderia nos atingir. E a torcida também o via assim” (p. 26). Fora de campo, Fernandão colaborou com a implantação do Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade (PGQP), que determinava que procedimentos padrões fossem adotados em todos os setores do clube, incluindo o departamento de futebol.

²⁰ O jogo final terminou pelo placar de 1 x 0 para o Internacional com gol marcado pelo jogador Gabiru.

²¹ Campeão da principal competição entre clubes europeus naquele ano, o Barcelona contava, em seu plantel, com jogadores como Ronaldinho Gaúcho, Xavi, Puyol e Iniesta.

Em 2008, o jogador anunciou que estava deixando o Internacional. A primeira das despedidas entre o ídolo e o clube levou Fernandão ao Al-Gharafa Sports Club²², do Catar. Já com 30 anos de idade, o desempenho do atacante não era mais unanimidade entre os torcedores colorados. Em sua despedida, o ídolo prometeu voltar, fosse na condição de jogador ou dirigente. Pouco mais de um ano depois, o atleta rescindiu o contrato com os árabes e decidiu pela volta ao futebol brasileiro.

Embora tivesse demonstrado, publicamente, o interesse em voltar a jogar pelo time gaúcho, as versões apresentadas pela imprensa na época dão conta de uma dificuldade de comunicação entre Fernandão e Fernando Carvalho, que estava acompanhando a equipe em competição no Japão. Entre as justificativas, e-mails que não teriam sido respondidos pelo dirigente, o que teria magoado o atleta que, de acordo com os veículos de comunicação, haveria entendido o fato como ingratidão. Em depoimento para o livro *Fernandão Eterno* (2016), o dirigente colorado explicou a situação.

Meu telefone não funcionava no Japão e pedi a ele, por e-mail, que tratasse com o Chumbinho [o executivo Newton Drummond]. Fernandão me mandou um e-mail dizendo que tratar daquele tema por e-mail era algo inadmissível, uma falta de consideração. Não entendi, mas, enfim, tratei como um mal entendido (CARVALHO In D'AZEVEDO; BEHS; OLIVEIRA, 2016, p. 10).

A polêmica dividiu a torcida colorada entre aqueles que pensavam que o clube deveria ter recebido de volta o ex-jogador e outros que entendiam que o clube era maior que a imagem do ídolo e teria que pensar nos interesses e necessidades dentro de campo.

Em negociação com outros clubes, Fernandão acabou por assinar contrato, em 2009, com o Goiás. Um ano mais tarde passou a defender a camisa do São Paulo. O primeiro gol com a camisa do clube tricolor paulista foi marcado, justamente, contra o Inter, no Estádio Beira-Rio, em 23 de maio de 2010. A carreira de Fernandão como jogador de futebol chegou ao fim em 2011, quando ele e a diretoria do clube paulista decidiram pela rescisão do contrato.

Fora dos campos, Fernandão pretendia seguir a carreira próximo ao futebol. Foi neste momento que aconteceu a primeira reaproximação com o clube colorado. Em julho de 2011, ele foi apresentado como diretor executivo do Inter e, em menos de um ano, voltou a dividir a torcida colorada. Como dirigente, Fernandão demitiu o então técnico da equipe, Dorival Júnior, e assumiu o posto. Sobre a decisão, Carvalho relata:

Dei a ele a minha opinião: assumir como técnico depois de demitir o treinador que havia sido contratado por aquela gestão teria um preço

²² Clube fundado em 1979, é destino de vários jogadores brasileiros que, embora não dispute títulos de relevância mundial, atrai pelos altos valores pagos aos profissionais.

no mundo do futebol. Fernandão estava ciente disso, mas queria muito ser treinador. E, sinceramente, ele foi o cara mais preparado taticamente que eu conheci. Aprendi muito com Fernandão (CARVALHO In D'AZEVEDO; BEHS; OLIVEIRA, 2016, p. 10).

Amigo a quem Fernandão chamava de “pai” e sócio em diversos empreendimentos²³, o presidente da Federação Gaúcha de Futebol (FGF), Francisco Novelleto conta outra versão para o fato.

Ele não queria, forçaram. Empurraram goela abaixo. Prometeram dar um respaldo a ele, que não veio. Na época, ele me deu nomes, mas vamos deixar assim. Faltou honrar a palavra, um pouco de consideração. O momento era muito ruim, com a reconstrução do estádio. Se colocasse Jesus Cristo no cargo, não daria certo (NOVELLETO In D'AZEVEDO; BEHS; OLIVEIRA, 2016, p. 154).

Com o aproveitamento de menos de 45%, em 26 jogos à frente da equipe, o treinador também trocou farpas com jogadores, como o zagueiro Bolívar, outro ídolo colorado. O incômodo surgiu em entrevista coletiva do técnico após o empate entre Inter e Sport por 2 a 2²⁴ em que o técnico sugeriu que os atletas mais experientes do clube estivessem em uma “zona de conforto”. Exatos quatro meses depois de assumir a equipe, em novembro de 2012, Fernandão foi demitido pelo clube. Na coletiva de imprensa desta nova despedida de Fernandão do Inter, o ex-treinador chorou diante das câmeras e lamentou ter de deixar o clube. Diretor Executivo de Futebol do Inter à época, Luciano Davi relembra que

a demissão foi terrível. [...] A gente dividia demais os problemas do Inter. Ele se contagiava e vivia demais os problemas do clube. [...] Fernandão deu a vida ao Inter. E, se não pudemos dar ainda mais a ele, ao menos me conforta o fato de Fernandão ter realizado um de seus sonhos: o de ser treinador (DAVI In D'AZEVEDO; BEHS; OLIVEIRA, 2016, p. 178).

Mais uma vez longe dos gramados e de volta a Goiânia, Fernandão se dedicou aos negócios que foram ampliados com investimentos em uma empresa de produção de compactadores de resíduos sólidos e outra de táxi aéreo com helicópteros²⁵.

O momento que voltou a unir Fernandão e Internacional foi a reforma do Estádio Beira-Rio em virtude da Copa do Mundo de 2014. De acordo com o presidente do clube à época, Giovanni Luiggi, em depoimento publicado em d'Azevedo, Behs e Oliveira (2016), o ex-jogador colaborou na formatação dos novos campos de treinamento que

²³ Exemplo foram o Restaurante Il Calcio, especializado em massas, um hotel e uma galeria, todos localizados em Porto Alegre.

²⁴ Partida realizada no Estádio Beira Rio, pelo Campeonato Brasileiro, em 16 de setembro de 2012.

²⁵ Planalto Indústria Mecânica e Planalto Táxi Aéreo, respectivamente.

foram projetados e em outras instalações do departamento de futebol, como vestiário, salas de massagem e fisioterapia.

A festa de inauguração aconteceu em 5 de abril de 2014, dois meses antes de sua morte. Fernandão foi um dos apresentadores da cerimônia de reinauguração do Estádio Beira-Rio. Além de ser um dos mestres de cerimônia ao lado dos jogadores Andrés D'Alessandro²⁶ e Elias Figueroa²⁷, Fernandão deu um depoimento sobre sua relação com o Inter. Esta foi a última grande entrevista concedida por ele.

O ex-jogador já havia assumido uma nova função no universo esportivo. Poucas semanas antes de morrer, Fernandão foi contratado pelo canal pago SporTV²⁸ para ser comentarista dos jogos da Copa do Mundo de Futebol de 2014. Após o mundial, o plano da família Costa era se estabelecer de vez nos Estados Unidos, na casa que haviam comprado e mobiliado em Boca Ratón, Miami, onde os filhos já estavam pré-matriculados em escola.

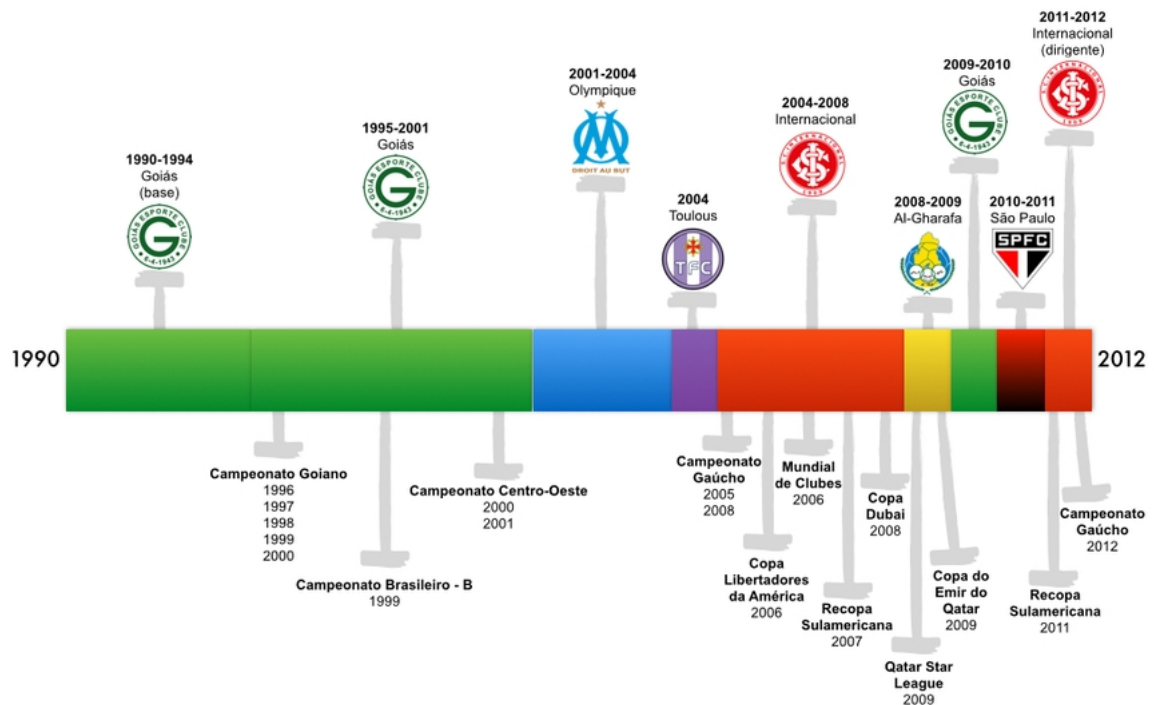
Com o objetivo de ilustrar a trajetória profissional de Fernandão a partir dos clubes os quais defendeu e dos títulos que conquistou enquanto jogador e dirigente, produzimos a seguinte linha do tempo que apresenta em sua parte superior o período em que o atleta esteve em cada um dos clubes e na parte inferior os títulos que conquistou por estas agremiações.

²⁶ Jogador argentino, atuou pelo Internacional entre 2008 e 2015, retornando em 2017. Foi o autor do primeiro gol após a reinauguração do Estádio Beira Rio, em jogo realizado no dia 6 de abril de 2014, contra o Peñarol, clube uruguaio.

²⁷ O zagueiro chileno atuou pelo Internacional entre os anos de 1971 e 1976, ano em que marcou o gol do título do Campeonato Brasileiro conquistado pelo clube gaúcho. Treinou a equipe em 1996.

²⁸ Especializado em esporte, o canal da Globosat contou com 12 ex-atletas, brasileiros e estrangeiros, entre seus comentaristas na Copa do Mundo de 2014.

Figura 1 – Trajetória profissional de Fernandão



Elaborado pela autora (2017).

Na manhã do dia 7 de junho de 2014, a queda de um helicóptero vitimou fatalmente Fernandão. Apaixonado por aviação, levantou-se a hipótese de que o próprio atleta poderia estar pilotando a aeronave de prefixo PT-YJJ que pertencia à empresa Planalto. A perícia, entretanto, concluiu que era o piloto que comandava o veículo. Estavam com Fernandão na aeronave os amigos Antônio de Pádua, Edmilson de Sousa Lemes, Lindomar Mendes Vieira e o piloto Milton Ananias. O grupo voltava de uma praia, no município de Aruanã, interior de Goiás. O helicóptero decolou por volta da 1h30 da manhã e caiu, cerca de 300 metros depois, às margens do Rio Araguaia. O resgate aconteceu duas horas depois. Fernandão foi o único dos passageiros encontrado com vida. Encaminhado ao hospital da cidade, não resistiu aos ferimentos. O corpo do jogador foi velado durante a noite de sábado e a manhã de domingo, no Ginásio Luís Torres de Abreu, que pertence ao Goiás. O enterro aconteceu no cemitério Jardim das Palmeiras, em Goiânia, na tarde de domingo, dia 8. Na tarde de sábado, foi realizada uma missa no auditório Araújo Vianna, em Porto Alegre. A cerimônia contou com a presença de torcedores, jogadores e dirigentes do Internacional.

Apesar da ampla cobertura sobre a morte deste ídolo do futebol, informações

sobre as investigações do acidente não receberam destaque. O fato de o voo ser irregular, já que aconteceu pela noite e em pista não oficial, também não ganhou muita repercussão.

Entre as homenagens póstumas a Fernandão, estão a instalação de um mural feito por torcedores, a construção de uma estátua do ídolo pelo Internacional, o tema do samba enredo da escola Unidos do Capão, o título de Cidadão Emérito de Porto Alegre e o nome de uma rua da capital gaúcha, localizada próximo ao Estádio Beira-Rio. Além disso, em dezembro de 2014, o Internacional inaugurou o Memorial Fernandão Eterno, um painel destinado ao atacante no museu do clube. No local, são lembradas passagens e conquistas do jogador.

Depois da morte do marido, Fernanda decidiu voltar a morar em Porto Alegre com os filhos. Em agosto de 2014, dois meses após o falecimento do pai, Enzo, então com 11 anos de idade, passou a integrar as categorias de base do Internacional, jogando pela equipe sub-11. Em janeiro de 2017, Enzo integrou a delegação colorada no Encontro de Futebol Infantil Pan Americano (Efipan)²⁹, torneio sub-13 realizado na cidade de Alegrete, no Rio Grande do Sul. O Inter foi eliminado na fase de classificação da competição.

No dia 16 de agosto de 2016, o Internacional realizou um jogo festivo para marcar os 10 anos da conquista da primeira Copa Libertadores da América pelo clube. Se enfrentaram, na partida, realizada no Estádio Beira-Rio, os Heróis de 2006 e os Craques Colorados. Representando o pai, Enzo entrou em campo com os antigos colegas de Fernandão e, usando a braçadeira de capitão, marcou um gol, mesmo impedido. Na ocasião também foram realizadas homenagens ao ídolo morto.

1.5 Uma breve história do *Correio do Povo*

Fundado no dia 1º de outubro de 1985 pelo repórter sergipano Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, o gráfico gaúcho José Paulino de Azureña e pelo médico também gaúcho Mário Totta, o *Correio do Povo* é o jornal impresso mais antigo do Rio Grande do Sul e um dos mais antigos do Brasil. O jovem Caldas Júnior tinha 26 anos, à época, era repórter do *Jornal do Commercio*³⁰ e foi quem motivou os amigos a fundarem o jornal. Galvani (1995) reproduz aquele que teria sido o convite do jornalista ao então farmacêutico Mário Totta.

Mário, quero fundar em Porto Alegre um jornal diferente de todos os que temos tido até aqui. Tenho para tanto os recursos – 20 contos de

²⁹ Realizada desde 1980, a competição é conhecida por revelar jogadores como Neymar, Tevez, Robinho e Ronaldinho Gaúcho.

³⁰ Fundado por Luís Francisco Cavalcanti de Albuquerque, o periódico circulou no Rio Grande do Sul entre 1864 e 1911. No final do século 19 chegou a marca de 5 mil exemplares, tornando-se o maior jornal do estado.

réis; já obtive a aquiescência do Azurenha para trabalhar comigo na redação, venho pedir a tua, que sei não me negarás. E vamos fazer um grande jornal no Estado. Sem partidarismos, um jornal para as massas, livre, independente, que não há de ser lido apenas por indivíduos desta ou daquela facção, mas por todo mundo. Um jornal, enfim, que não será escravo de políticos, nem de politikeiros. Um jornal no bom sentido (GALVANI, 1995, p. 27).

A primeira edição do jornal, que tinha quatro páginas e dois mil exemplares, apresentou em seu editorial as características que os fundadores pretendiam imprimir na publicação. “O *Correio do Povo* será noticioso, literário e comercial, e ocupar-se-á de todos os assuntos de interesse geral [...] subordinando os seus intuitos às aspirações do bem público [...]”, conforme reproduz Galvani (1995, p. 47). Na época de sua fundação, no final do século 19, a sociedade gaúcha estava politicamente dividida, então o *Correio do Povo* surgiu com o objetivo de atingir a massa, independente das preferências partidárias. Para Rüdiger (1993),

A conjuntura era propícia para esse tipo de proposta. O Estado estava saindo de uma luta civil que durara quase 3 anos e dividira profundamente a sociedade gaúcha, havendo um clima favorável para o surgimento de um jornal não comprometido com a política, mas somente com a causa pública (RÜDIGER, 1993, p. 78).

A partir de 1897, dois anos após a sua fundação, o *Correio do Povo* passa a receber as primeiras reformulações em sua história. O tamanho da página foi aumentado, assim como número delas, que em 1902 chegou a oito. Equipado com máquinas vindas diretamente da Europa, a tiragem chegou a 10 mil exemplares naquele ano, que também marcou a publicação do primeiro anúncio colorido do jornal. A postura empresarial, com investimentos em maquinários e na estrutura tecnológica do veículo resultou no sucesso do jornal. Logo nos primeiros anos de experiência, o periódico passou a ostentar o título de jornal de maior circulação e tiragem do Rio Grande do Sul. Entre 1899 e 2005, o *slogan* publicado em sua capa variou entre “O *Correio do Povo* é o jornal de maior tiragem e circulação do Rio Grande do Sul” e “O jornal de maior circulação do Rio Grande do Sul – Dias Úteis”, lembrando o feito.

Desde sua fundação, a redação do *Correio do Povo* trabalha na Rua dos Andradas, tradicional endereço do centro de Porto Alegre. Em 1946, foi realizada a última mudança do jornal que, até hoje, opera no histórico prédio localizado na esquina com a Rua Caldas Júnior, que homenageia o fundador do próprio jornal. Precursor da profissionalização das redações jornalísticas no Rio Grande do Sul, o *Correio do Povo* também teve a primeira rotativa do estado. Em 1911, a máquina nova, uma Marinoni, imprimia até 3,5 mil exemplares por hora.

Dois anos mais tarde, em 1913, morre o fundador do veículo. Caldas Júnior, então com 45 anos, teria sido vítima de uma overdose de injeções utilizadas para combater a sífilis. No registro do óbito, a causa da morte é uma icterícia generalizada. De acordo com Galvani (1995, p. 181), a edição do dia seguinte prestou homenagens ao jornalista em seu editorial afirmando que, embora tivesse convicção em seus pensamentos, “forrava-o uma profunda tolerância pelas opiniões alheias, respeitando-as e acatando-as”.

Nos anos seguintes, a direção do jornal ficou interinamente com Emílio Kemp e Francisco Leonardo Truda. A viúva do fundador, Dolores Caldas, era representada pelo irmão Joaquim Alcaraz. Em 1918, Fernando, filho do primeiro casamento de Caldas Júnior, voltou ao Rio Grande do Sul com o objetivo de atuar no periódico criado pelo pai. Entretanto, só em 1927 o jornalista com passagem pelo *O Estado de São Paulo* pode integrar a equipe do *Correio do Povo*, a qual deixou dois anos depois. No início da década de 1920, o jornal atingiu a marca de 20 mil exemplares diários e já contava com convênios de jornais do centro do país e com informações trazidas por agências internacionais. Em 1929, Breno Caldas, aos 19 anos, iniciou a trajetória de 56 anos atuando no jornal do pai. Iniciou como auxiliar de redação e, em 1935, assumiu a direção, posto que ocupou durante 49 anos.

À frente de um dos três jornais mais importantes do Brasil, ao lado de *O Estado de São Paulo* (SP) e do *Jornal do Brasil* (RJ), Breno Caldas tornou-se um empresário respeitado pelos pares, pela comunidade e pelos políticos.

Os homens que chegavam ao poder no Estado e no país aprenderam desde logo a prática lição de Ernesto Dornelles e Getúlio Vargas. Para estar bem com o Rio Grande, era preciso estar bem com o *Correio do Povo*. Para estar bem com o *Correio*, era preciso estar bem com Breno Caldas (GALVANI, 1995, p. 380).

Além da busca por equipamentos que modernizassem a redação e a produção do jornal, a empresa também se destacava pelo lançamento de novos produtos. Entre eles o vespertino *Folha da Tarde*, publicado entre 1936 e 1984, e a *Folha da Manhã*, que durou de 1969 a 1980. Em 1957, a empresa lança a Rádio Guaíba. Em 1964, Francisco Antonio Caldas, filho de Breno, assumiu a gerência da empresa e passou a investir em publicidade. A TV Guaíba, canal 2, foi inaugurada em março de 1979. Durante a Ditadura Militar no Brasil, o *Correio do Povo* apoiou o regime, que durou de 1964 a 1985, definido à época como revolução.

A partir de 1979, a empresa viu uma grave crise financeira se aproximar. A agora Companhia Jornalística Caldas Júnior gerou muitas dívidas com os altos investimentos feitos para a instalação da TV Guaíba. Em 16 de junho de 1984, o *Correio do Povo* deixa

de circular e, conforme Waiberg (2002), marca o fim de uma era no imaginário gaúcho, simbolizando a superação dos valores do latifúndio pelo processo de globalização:

A morte do *Correio do Povo*, da Companhia Jornalística Caldas Júnior de Porto Alegre, em 1984, constitui-se em *landmark* da história contemporânea da imprensa do Rio Grande do Sul. Afinal, desaparecia um jornal centenário, tradicional, de porte altivo, orgulhoso de suas raízes, reverenciado e respeitado. Um jornal que frequentara o café da manhã de gerações de gaúchos que se enlutaram com o desaparecimento daquelas páginas de design austero, em preto e branco, hostil às inovações carnavalescas da nova era do marketing. [...] Desaparecia não só a fortuna acumulada ao longo de uma história gloriosa mas, igualmente, um estilo marcado pela sobriedade, discreta imponência, distante dos palanques e badalações sociais, o que assegurava aos Caldas uma certa mitologia e reverência (WAIBERG, 2002, p. 387 e 388).

O *Correio do Povo* e a TV Guaíba receberam diferentes ofertas de compra. Ora por Roberto Marinho, ora por Adolfo Bloch, que queriam a emissora, ora por Assis Chateaubriand, que buscava pelo impresso gaúcho. Todas elas foram negadas. A venda da empresa só foi concretizada em 1986, quando a crise financeira do grupo se mostrou insustentável. O comprador, o empresário Renato Bastos Ribeiro, estava interessado em terras de Breno Caldas, mas acabou por adquirir o grupo de comunicação. A justificativa: ele percebeu que os espaços do jornal, da rádio e da TV seriam importantes para que ele rebatesse os ataques que vinha sofrendo em outros veículos. As matérias tratavam de negociações envolvendo o “maior produtor de soja do Rio Grande do Sul” (WAIBERG, 2002, p. 400). O veículo retomou as atividades no dia 31 de agosto daquele ano.

Em 1987, com novos investimentos tecnológicos, o jornal assume o formato tabloide³¹ e uma nova linha editorial, substituindo as grandes reportagens por textos mais objetivos e curtos. As mudanças editoriais e de produção do jornal, que passou a ser preto e branco e com menos páginas, ajudou a alavancar o número de assinaturas – que agora tinha um preço mais convidativo – e a reequilibrar as finanças da empresa. Outra inovação importante da época foi a instalação de parques gráficos nas cidades de São Sepé e Carazinho, além de Porto Alegre. Esta ampliação facilitou a distribuição do jornal nas cidades do interior do estado.

Em outras palavras, impediu que os vícios herdados pela redação da era Caldas perdurassem na nova fase, entre eles, a imagem de diário envelhecido, destinado a um público de meia idade, e discretamente intelectualizado. O novo *Correio* seria e faria um jornalismo de fácil digestão, enxuto, capaz de dar ao leitor, num relance, um pouco de

³¹ Formato de jornal que surgiu em meados do século 20 e tem dimensões aproximadas de 43 x 28cm. As notícias têm formato mais curto e contam com mais ilustrações.

tudo, e a um preço que *Zero Hora* não poderia propor a seus assinantes (WAIBERG, 2002, p. 401).

Depois de 21 anos comandando a Companhia Jornalística Caldas Júnior, a família Ribeiro decidiu vender a empresa para o Grupo Record, em 2007. O negócio incluiu, além da Rádio Guaíba AM e FM, a TV Guaíba, que passou a transmitir o sinal da Record, o *Correio do Povo* e o prédio localizado na esquina das ruas Caldas Júnior e dos Andradas. No ano seguinte, o jornal passou a contar com um novo projeto gráfico. Embora o interesse principal da Grupo Record fosse a aquisição da emissora de TV, a família Ribeiro condicionou a negociação à venda de todos os veículos da companhia.

A compra do grupo no Rio Grande do Sul faz parte de uma série de aquisições realizadas pelo bispo Edir Macedo na criação do império de Comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)³², que começou no início dos anos 90. O grupo atua, não só no Brasil, mas também em países como Portugal e Moçambique, onde também trabalha pela ampliação da IURD.

Com seu conteúdo dividido em cadernos, o *Correio do Povo* tem como *slogan*, atualmente, “*O jornal que vai direto ao ponto*”, que faz referência à objetividade das matérias veiculadas. Em suas campanhas comerciais, outra estratégia seguidamente usada pelo jornal em busca de anunciantes é lembrar que existem “*assinantes que só o Correio tem*”. Além de fazer relação com a eficiência na entrega dos exemplares, a empresa também remete à história e à tradição do jornal impresso mais antigo do estado.

Assim como todos os veículos da Companhia Jornalística Caldas Júnior, o *Correio do Povo* também conta com uma página na internet. No site do veículo, www.correiodopovo.com.br, estão disponibilizadas as versões digitais do jornal impresso além das atualizações de informações no decorrer do dia. O veículo também está presente em sites de redes sociais como Facebook e Twitter³³, convidando os leitores a participarem a partir de comentários e outras formas de interação. Escolhemos este veículo para compor nosso *corpus* por ser um dos maiores jornais do Rio Grande do Sul e por dedicar-se aos temas que envolvem o futebol do Rio Grande do Sul.

1.6 Uma breve história de *Zero Hora*

O jornal *Zero Hora*, também conhecido como ZH, é um dos principais veículos do Grupo RBS, composto por outros dois jornais impressos, uma emissora de TV, sete

³² Conforme dados do portal www.r7.com.br, o grupo conta com quatro jornais, duas emissoras de rádio, 108 emissoras de televisão, além da Record Internacional, destinada a brasileiros que moram no exterior, e a Record News, com programação exclusiva de notícias. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

³³ Disponível nos endereços facebook.com/correiodopovo e twitter.com/correio_dopovo.

emissoras de rádio e um portal de notícias³⁴. ZH é o jornal de maior tiragem do sul do Brasil, chegando a circulação total (incluindo a versão impressa e a versão digital) a média diária de 215 mil acessos³⁵.

A história da RBS tem início em 1957, quando a Rádio Sociedade Gaúcha foi comprada por Maurício Sirotsky Sobrinho e pelos sócios Arnaldo Ballvé, Frederico Armando Ballvé e Nestor Rizzo. Um dos destaques da emissora foi o Programa Maurício Sobrinho, que abria espaço para novos talentos. Entretanto, conforme Schirmer (2002, p. 17), “o esporte [...] é que se transformou num dos grandes trunfos da Rádio Gaúcha na disputa pela audiência nos primeiros anos”.

Em 1962, o grupo passa a investir em televisão, ao inaugurar a TV Gaúcha, emissora que foi vendida dois anos mais tarde e readquirida em 1968, quando inicia-se a expansão de novas estações em cidades do interior do Rio Grande do Sul.

Em 1979, a RBS inaugura a TV Catarinense, em Santa Catarina. Em 1965, Maurício Sirotsky Sobrinho se tornou o presidente da empresa que se chamava, então, Editora Jornalística Sul-Riograndense S.A. Nos anos que se seguiram, a empresa foi incorporando novos veículos, passando a chamar-se Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS). A mídia impressa passa a fazer parte dos produtos do grupo em 1967, com a aquisição de 50% das ações do jornal *Zero Hora* pela instituição. O periódico diário foi fundado em 4 de maio de 1964 e tem sua história iniciada a partir de outro jornal, o *Última Hora*, de circulação nacional, criado pelo jornalista Samuel Wainer³⁶ e que teve sua estrutura invadida durante o Golpe Militar de 1964, quando encerrou sua circulação no Rio Grande do Sul e passou a ser gerenciado por Ary de Carvalho. Na busca por sócios que pudessem ajudá-lo a manter o jornal, Carvalho trocou o nome do veículo para *Zero Hora*. Em 1970, o controle do periódico passa a ser integralmente da RBS.

Eles trouxeram para a *Zero Hora* uma nova mentalidade, moderna e criativa, que então se irradiava na televisão e na publicidade, buscando inspiração nos centros mais adiantados do mundo, enquanto a imprensa — não só a gaúcha, mas a brasileira quase como um todo — se mantinha estagnada, fiel a velhas rotinas e modelos gastos (SCHIRMER, 2002, p. 73).

Além dos investimentos em tecnologia, outras questões marcaram as diferenças entre o jornal criado por Wainer e *Zero Hora*, especialmente no posicionamento editorial, conforme observa Capparelli (1997).

³⁴ Conforme dados de www.gruporbs.com.br. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

³⁵ Dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC) para o ano de 2016.

³⁶ Nascido da Bessarábia em 1910, chegou com os pais ao Brasil com dois anos de idade. Com o apoio do então presidente Getúlio Vargas, foi fundador, editor-chefe e diretor do jornal a *Última Hora*. Morreu em 1980.

Enquanto *Última Hora* representava os interesses do populismo que dominou a cena brasileira desde a década de 30, *Zero Hora* representou indiretamente as forças modernizadoras e liberalizantes do modelo implantado depois de 1964, com um golpe de Estado que iria durar até 1984. *Última Hora* era um jornal popular, integrado a uma proposta política do populismo e do nacionalismo, num projeto econômico de substituição de importações. Depois do golpe militar, *Última Hora* entrou em colapso e foi vendido, tendo seu nome substituído para *Zero Hora* (CAPPARELLI, 1997, p. 117).

Os primeiros meses como veículo do grupo foram de crise financeira para a *Zero Hora*. Como alternativa, foi cogitada, inclusive, a venda do jornal para Breno Caldas, proprietário do concorrente *Correio do Povo*, que não aceitou a proposta. No mesmo período, outra mudança sugerida foi a troca do nome, já que Maurício Sirotsky havia comprado os direitos da marca *O Estado do Rio Grande*.

No final da década de 60, o jornal, embalado pela força do conglomerado regional de comunicação que detinha emissoras de rádio e televisão, passa a consolidar-se no cenário gaúcho. Rüdiger (1993) destaca que o olhar atento à inovação contribuiu para a que o grupo criasse novos produtos, adequados às transformações sociais e culturais da época. Para Capparelli (1997, p. 113), o sucesso do veículo contou, também, com “planejamento político apoiado na convivência e apoio do poder central”.

Entre os fatos que marcaram a história de ZH está um incêndio, ocorrido no dia 29 de março de 1973 e que destruiu a área administrativa e parte do acervo da redação, que teve de ser transferida provisoriamente para o *Jornal do Comércio*. Schirmer (2002) conta que o fogo teve início às 19h30 e

as chamas só foram dominadas três horas depois, alcançando o segundo e o terceiro andares e atingindo áreas administrativas, estúdios da Rádio Gaúcha e a redação do jornal. Na área gráfica, a rotativa e os equipamentos de composição eletrônica puderam ser isolados e salvos, mas boa parte do acervo do arquivo fotográfico, que incluía negativos do jornal *Última Hora*, se perdeu (SCHIRMER, 2002, p. 78).

Apesar do incidente, a edição do dia seguinte foi publicada estampando na capa a manchete “Incêndio não parou jornal”. Dois anos depois, ZH iniciou a circulação em todas as cidades do estado. Em 1978, o jornal passou a publicar o caderno de classificados, que possibilitou a duplicação da tiragem e o equilíbrio das finanças. A iniciativa também contribuiu para que o veículo conquistasse a liderança de mercado frente ao principal concorrente, o *Correio do Povo*.

Em formato tabloide, o jornal usa o atual *slogan* “*Papel. Digital. O que vier.*” como norteador de suas mais recentes alterações³⁷. Desde 1995, ZH conta com um

³⁷ As alterações foram realizadas em 2014.

site, um ano antes da edição e produção do impresso tornarem-se totalmente digitais. Em 2007, foi lançado o *website* ZeroHora.com, que apresenta matérias publicadas no impresso e também atualiza informações ao longo do dia. Em 2012, a empresa passou a cobrar pelo acesso à versão digital do conteúdo impresso, que está disponível para computadores e dispositivos móveis como *tablets* e *smartphones*. ZH também está presente em sites de redes sociais como Facebook, Instagram e Twitter³⁸, oferecendo possibilidades interativas com o público leitor.

Quando completou meio século de existência, a história de ZH foi marcada por uma nova mudança em seu padrão gráfico. Além de diminuir o número de cadernos que eram veiculados e agrupar temas formando suplementos mais amplos, ZH terminou com parte das sucursais que mantinha em cidades do interior do estado. As editorias também sofreram modificações, passando a ser divididas em apenas quatro: Notícias, Sua Vida, Esporte e Cultura/Lazer.

A mudança também atingiu a *logo* do jornal, que passou a ser móvel na capa do veículo, e outras características gráficas como paletas de cores, tipografia, uso maior de arte, ilustração e infografia. Estas mudanças, que culminaram nos 50 anos do veículo foram definidas a partir de um estudo, realizado dois anos antes, sobre tendências e o comportamento do público no consumo de informações³⁹. Por ser o maior jornal gaúcho em circulação, e por destinar espaço em suas páginas para as notícias relativas ao esporte, entendemos como pertinente a escolha de *Zero Hora* para compor nosso *corpus*.

³⁸ Respectivamente nos endereços facebook.com/zerohora; instagram.com/zerohora e twitter.com/zerohora.

³⁹ Conforme site do veículo. Disponível em www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora/. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

2 A ESCALAÇÃO DO TIME

2.1 Barthes e suas categorias

Definimos como fundamentação teórica, para a realização desta dissertação, categorias a priori que nos nortearam, neste estudo e representam nosso ponto de partida. São elas: *fotografia*, com as subcategorias *studium* e *punctum*; *fait divers*; *mito*; *imaginário*; *estereótipo* e *socioleto*. Todas estas categorias têm como referência as produções do pensador francês Roland Barthes.

Escritor, sociólogo, filósofo e crítico literário, Barthes desenvolveu estudos sobre a *semiologia*. Nascido em novembro de 1915 na cidade de Cherbourg, morreu aos 65 anos, em Paris. Formado em Letras Clássicas, em Gramática e em Filosofia, integrou a escola estruturalista influenciado pelo também francês Ferdinand de Saussure. De acordo com Ramos (2001), Barthes foi capaz de imprimir suas marcas na Semiologia, o estudo universal dos signos, especialmente a partir de um objeto específico: o papel mítico da mídia.

É a partir da obra *Aula*, pronunciada em 1977, que Barthes começa a se desprender de seu mestre e a produzir o que hoje se conhece como *semiologia barthesiana*: o signo não é mais percebido como uma verdade absoluta, mas passa a dialogar com a subjetividade e com o social. Para Barthes (1996), o semiólogo tem duas tarefas básicas que são capazes de aproximar a teoria da prática: a formulação de conceitos e o desenvolvimento da pesquisa. Por entender que nenhum homem é capaz de representar uma ideia, um método, Barthes (2001) rechaça o título de representante da *semiologia*.

2.1.1 Fotografia: *studium* e *punctum*

Ao dedicar-se a estudar a *fotografia*, Roland Barthes (2015) teve como uma de suas primeiras constatações a capacidade de reprodução infinita daquilo que aconteceu uma única vez e que não poderá mais se repetir existencialmente. Neste processo, envolvem-se três práticas: fazer, suportar e olhar. A partir destas emoções, o autor identifica os sujeitos participantes da produção e da contemplação da foto. O *operator* é o Fotógrafo, aquele que registra um momento, um objeto ou uma pessoa. O *spectador* representa aquele que vê esta fotografia, esteja ela em livros, álbum, jornais, etc. Aquele que é fotografado é definido como *spectrum*, palavra que mantém relação com o “espetáculo” e “a ele acrescenta essa coisa um pouco terrível que há em toda fotografia: o retorno do morto” (BARTHES, 2015, p. 17).

O semiólogo francês identifica na *fotografia* dois elementos que são copresentes

mas que não podem ser ligados entre si: o *studium* e o *punctum*. O primeiro deles é responsável por despertar o interesse por determinada fotografia e responde pelos aspectos culturais da imagem, ou seja, é identificado a partir de itens como o cenário, os gestos, as feições do que é retratado. Estes elementos são entendidos, portanto, a partir do conhecimento prévio — consciência — sobre o mundo de quem vê a *fotografia*. Pelo *studium* se encontram as intenções do fotógrafo — o *operator* — que permitem ao *spectador*, “viver os intentos que fundam e animam suas práticas” (BARTHES, 2015, 31), mesmo que não se concorde com estas motivações, as compreendem-se pelo *studium*.

Ao contrário, o *punctum* parte da imagem “como uma flecha, e vem me transpassar”, conforme define o autor (2015, p. 29). A escolha do termo, em latim, Barthes justifica por significar, também, picada, marca deixada por instrumento pontudo. As fotos são como que marcadas por estes pontos sensíveis, essas feridas que pungem o *spectador*. O *punctum*, com frequência, é um detalhe, um objeto parcial que, entretanto, é capaz de preencher a *fotografia*. Por ser um detalhe percebido por quem olha a imagem, o *punctum* não significa, rigorosamente, uma intencionalidade do fotógrafo, cuja responsabilidade não está necessariamente em ver o que pode pungir, mas em estar diante da cena que será retratada. Desta forma, o *punctum* não está presente em toda *fotografia*. Este elemento descrito por Barthes é capaz de dar movimento à imagem que parece imóvel, sugerindo “toda uma vida exterior a seu retrato” (2015, p. 53) e lançando o desejo de ir além do que se vê na Fotografia.

Barthes (2015) também descreve a relação próxima que percebe entre *fotografia* e morte, justamente a partir da imobilidade da foto definida como

[...] resultado de uma confusão perversa entre dois conceitos: o Real e o Vivo: ao atestar que o objeto foi real, ela induz sub-repticiamente a acreditar que ele está vivo, por causa desse logro que nos faz atribuir ao Real um valor absolutamente superior, como que eterno; mas ao deportar esse real para o passado (“isso foi”), ela sugere que ele já está morto. Assim, mais vale dizer que o traço inimitável da Fotografia (seu noema) é que alguém viu o referente (mesmo que se trate do objetos) em carne e osso, ou ainda uma pessoa (BARTHES, 2015, p. 69).

A *fotografia* seria, assim, um lugar da morte na sociedade, já que ela está cada vez menos ligada ao religioso e aos ritos. O que punge na foto, para Barthes, é a equivalência entre a morte e o futuro. Aquilo que está retratado, vivo na imagem, vai morrer — ou já morreu. Sendo assim, a *fotografia* autentifica a existência do indivíduo ao qual retrata.

Sobre a fotografia de imprensa, o autor sugere que, como mensagem acompanhada por texto (legenda, título, artigo) — portanto, outra estrutura — devem ser analisadas de forma separada, sendo que “só quando se tiver esgotado o estudo de

cada uma das estruturas se poderá compreender a maneira como elas se completam entre si” (BARTHES, 2009, p. 12).

O uso da fotografia como mensagem jornalística instiga uma relação paradoxal entre a denotação e a conotação já que

[...] por um lado, uma fotografia de imprensa é um objeto trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas, que são outros tantos factores de conotação; e por outro, esta mesma fotografia não só é captada, recebida mas também lida, incorporada mais ou menos conscientemente pelo público que a consome [...] (BARTHES, 2009, p. 15).

Os processos de conotação podem ser divididos em dois grupos. O primeiro é composto pela trucagem (artifício que sugere distorções na imagem), pela pose (posição do corpo) e pelos objetos (elementos de significação apresentados na imagem). O segundo reúne a fotogenia (qualidade daqueles que se apresentam bem na imagem), estetismo (aquilo que se refere às questões estéticas) e pela sintaxe (relação entre a sequencia de imagens).

A estes processos de conotação, é preciso acrescentar o texto que acompanha as imagens jornalísticas. Barthes (2009) alerta para a inversão história de que cabe à imagem ilustrar o texto quando, interpreta o autor, o texto é uma mensagem parasita que busca conotar a fotografia. É importante, ainda, observar a distância entre a imagem e o texto que a acompanha, já que quanto mais próximos, como a legenda, por exemplo, mais íntima é a relação entre as estruturas, muitas vezes uma reverberando a outra.

A cobertura dos jornais *Correio do Povo* e *Zero Hora* sobre a morte de Fernandão, a qual nos propomos analisar nesta dissertação, apresenta uma série de fotografias, sejam de momentos da trajetória do atleta ou ainda registros das homenagens realizadas por fãs e familiares. Entendemos que estas imagens são peça fundamental do discurso midiático sobre Fernandão, motivo pelo qual focaremos, também, nosso olhar para a análise das fotografias.

2.1.2 *Fait divers*

À informação que não encontra lugar nas editoriais documentadas, Barthes (1970) reserva a etiqueta de *fait divers*. Aquilo que não pode ser publicado como política, economia, cultura, etc., é entendido como notícia geral, ou ainda, na tradução do francês, “fatos do dia”. A diferença, frisa o autor, está não apenas na classificação das informações, mas essencialmente em suas estruturas. Enquanto a notícia que pode ser classificada neste “*catálogo*” reconhecido de editoriais necessita de um conhecimento do seu contexto para ser entendida, o *fait divers* é hermético, oferece tudo que é preciso para que se consuma-o, todo seu saber está dado nele mesmo, “suas circunstâncias,

suas causas, seu passado, seu desenlace [...]”, (p. 59). De forma genérica, o termo nomeia a notícia sensacionalista, aquela cujos conflitos apelam para o despertar das emoções do receptor. Conforme aponta Ramos (2001), o termo tem origem na produção cultural da Idade Média, anterior, portanto, à própria imprensa. Na literatura, destaca o pesquisador, o estilo influenciou autores como Honoré de Balzac, Gustave Flaubert, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir.

Tendo a mídia como um dos principais objetos de suas pesquisas semiológicas, Barthes (1970) percebe o *fait divers* como uma arte de massa, cuja função é

[...] preservar no seio da sociedade contemporânea a ambiguidade do racional e do irracional, do inteligível e do insondável; e essa ambiguidade é historicamente necessária, na medida em que o homem precisa ainda de signos (o que o tranquiliza), mas também na medida em que esses signos são de conteúdo incerto (o que o irresponsabiliza): ele pode assim apoiar-se, através do *fait divers*, sobre uma certa cultura; mas, ao mesmo tempo, pode encher in extremis essa cultura de natureza, já que o sentido que ele dá à concomitância dos fatos escapa ao artifício cultural, permanecendo mudo (BARTHES, 1970, p. 67).

O *fait divers* comporta, estruturalmente, pelo menos dois termos, não sendo eles o que designa esta notícia, mas a relação que se estabelece entre estes elementos, sua articulação é que deve ser observada. Para Barthes (1970) estas relações podem ser classificadas em dois grandes grupos: *causalidade* e *coincidência*. Em cada um deles, o autor identifica dois subgrupos.

Nas relações de *causalidade*, o acontecimento é, em certo grau, normal. Na *causa esperada*, a notícia envolve personagens dramáticos exemplificados por Barthes na mãe, na criança e no velho, “espécies de essências emocionais encarregadas de vivificar o estereótipo”, (BARTHES, 1970, p. 60). A *causa perturbada* é aquela em que sua motivação não é conhecida imediatamente ou ainda, quando esclarecida, é diferente da que se esperava. Também estão aqui as notícias nas quais pequenos fatos geram grandes acontecimentos já que “[...] existe, com efeito, neste gênero de relação causal, o espetáculo de uma decepção; paradoxalmente, a causalidade é tanto mais notável quanto mais é decepcionada”, (p. 62).

Ramos (2012) observa a estruturação de um conflito que extrapola o conhecimento humano. A razão do fato é depositada na *fatalidade*, encarada como

[...] Sujeito Absoluto, o grande pai transcendental, que possui explicação para o inexplicável. É a iluminação do oculto, o conhecimento do desconhecido pela sua divinal presença onipresente e onisciente. Assume a responsabilidade sobre todas as coisas. É o fiador perfeito para todas as imperfeições e desvios, inscritos na relatividade histórica da sujeição (RAMOS, 2012, p. 46).

O segundo tipo de relação, identificada por Barthes, na estrutura deste tipo de notícia, é a *coincidência*. Esta articulação pode se manifestar de duas formas. A primeira delas é a *repetição*, ou seja, a reincidência de um acontecimento, ainda que seja simples ou banal, visto que “a repetição leva sempre, com efeito, a imaginar uma causa desconhecida”, (BARTHES, 1970, p. 64). A segunda descreve a relação de *antítese*, que trata de aproximar termos que, aparentemente, são distantes entre si. Este vínculo acaba por unir dois caminhos diferentes em um único destino. Uma das manifestações possíveis desta relação de opostos é o cúmulo, uma espécie de “conversão do acaso”.

Como espécie de síntese das classificações propostas por Barthes — e entendedores de que as estruturas não são puras podendo apresentar, uma mesma notícia, diferentes relações — elaboramos a tabela a seguir.

Tabela 3 – Tipos de *fait divers*

Causalidade	Causa Esperada	Envolve personagens dramáticos: mãe, criança, velhos
	Causa Perturbada	Pequenas causas que geram grandes efeitos
Coincidência	Repetição	Fatos que são reincidentes
	Antítese	Aproxima dois termos que são distantes

Elaborado pela autora, baseado em Barthes (1970).

Embora as notícias sobre a morte de um ídolo como Fernandão invoquem o conhecimento anterior sobre o contexto em que estão inseridas — a trajetória do atleta, por exemplo — e, conforme destaca Barthes (1970), “os fatos que pertecem ao que se poderia chamar de ‘gestos’ de estrelas ou de personalidades nunca são *fait divers*, porque implicam, precisamente uma estrutura de episódios”; tratamos de identificar, na cobertura analisada nesta dissertação, elementos da estrutura deste tipo de notícia.

2.1.3 Mito

Barthes (1980, p. 131) é objetivo ao definir: “o mito é uma fala”. São necessárias condições especiais que permitam que a linguagem seja transformada em *mito*, que trata-se de um sistema de comunicação. Em outras palavras, um modo de significação. A fala mítica não tem como função a negação das coisas, mas sua purificação; uma clareza que não se foca na explicação, mas na constatação já que “as coisas parecem, significar sozinhas, por elas próprias”, (p.164).

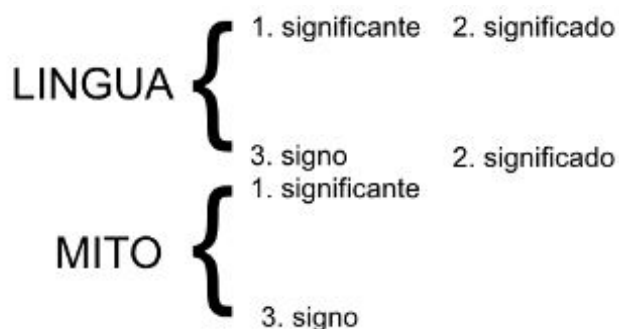
Por ser uma fala, tudo aquilo que pode ser definido a partir de um discurso pode constituir um *mito*. Não é o objeto da mensagem e sim a maneira como ela é proferida que importa neste ponto. Para Barthes, o *mito* é uma fala definida pela história, sendo que

esta fala é uma mensagem. Pode, portanto, não ser oral; pode ser formada por escritas ou por representações: o discurso escrito, assim como a fotografia, o cinema, a reportagem, o esporte, os espetáculos, a publicidade, tudo isto pode servir de suporte à fala mítica. O mito não pode definir-se nem pelo seu objeto, nem pela sua matéria, pois qualquer matéria pode ser arbitrariamente dotada de significação [. . .] (BARTHES, 1980, p. 132).

O autor destaca que, embora imagem e escrita ativem diferentes níveis de consciência em sua percepção e interpretação — sendo a primeira mais imperativa por impor a sua significação — estas singularidades não são constitutivas, visto que ambas podem ser transformadas em escrita. “Entender-se-á portanto, daqui por diante, por linguagem, discurso, fala etc., toda a unidade ou toda a síntese significativa quer seja verbal ou visual [. . .]”, afirma Barthes (1980, p. 133). Compreendemos, assim, que tanto uma fotografia como uma reportagem podem ser entendidas como fala desde que signifiquem algo. Ao serem percebidas como fala podem se constituir em um *mito*.

Como uma das principais referências à ciência dos signos (RAMOS, 2008), Barthes descreve a relação próxima entre *semiologia* e *mito*, que representaria um fragmento desta ciência. Na *semiologia*, a correlação entre o significado e o significante é representada pelo signo. Este sistema limita-se à forma, não sendo capaz de atingir o conteúdo. O *mito*, por sua vez, representa um sistema particular, também baseado no esquema tridimensional de significado, significante e signo. Entretanto, trata-se de um sistema semiológico de segundo nível, visto que o que era signo (totalidade associativa entre significante e significado) transforma-se em significante na fala mítica. Como forma de facilitar o entendimento, Barthes desenvolveu o seguinte esquema:

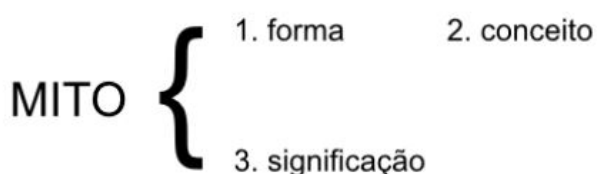
Figura 2 – Sistema mítico



Elaborado pela autora (2017), baseado em Barthes (1980)

Constatamos assim que, no *mito*, são identificados dois sistemas semiológicos deslocados entre si. Barthes (1980) define o primeiro como linguagem-objeto, já que é dela que o *Mito* se serve. O segundo, o próprio *mito*, é definido como metalinguagem, porque fala da primeira. Por ocupar duas posições, o significante recebe do autor dois nomes. Ao ser o termo final do sistema linguístico é definido como sentido. Quando visto como o ponto inicial do sistema mítico é chamado de forma. O significado segue sendo o conceito, enquanto o signo, na construção do *mito*, é definido por significação. Temos, portanto:

Figura 3 – Sistema mítico



Elaborado pela autora (2017), baseado em Barthes (1980)

Ao transformar-se de sentido à forma, o significante é esvaziado, empobrecido: passa do signo linguístico para o significante mítico, mas não perde a vida. Para Barthes (1980, p. 140), a forma segue sempre buscando referências no sentido, relação que ele define como “interessante jogo de esconde-esconde” capaz de definir o *mito*. O conceito é histórico e intencional. É a motivação que faz reverberar o *mito*. Enquanto a forma é limitada, o conceito se relaciona com o mundo. A relação entre estas duas dimensões é proporcionalmente inversa, ressalta (BARTHES, 1980, p. 141) “à pobreza qualitativa da forma depositária de um sentido rarefeito corresponde uma riqueza do conceito, aberto a toda a História; e à abundância quantitativa das formas, corresponde um pequeno número de conceitos”. Esta relação de insistência do conceito em diferentes formas também é capaz de revelar a intenção do *mito*. O terceiro termo, que no sistema semiológico é a associação dos dois primeiros, no esquema mítico representa o próprio *mito*, que não tem como função esconder nada, nem eliminar o sentido, mas sim deformar, alienar.

É sempre indispensável recordar que o mito é um sistema duplo, nele se produz uma espécie de ubiquidade: o ponto de partida do mito é constituído pelo ponto terminal de um sentido. [...] a significação do mito é constituída por uma espécie de torniquete incessante, que alterna o sentido do significante e a sua forma, uma linguagem-objeto e uma metalinguagem, uma consciência puramente representativa; esta alternância é, de certo modo, condensada pelo conceito, que se serve dela como de um certo significante ambíguo, simultaneamente interativo e imaginário, arbitrário e natural (BARTHES, 1980, p. 144).

A significação sofrerá de duas consequências por esta ambiguidade da fala mítica: ela se apresentará simultaneamente como uma notificação e como uma constatação. Na continuidade de suas reflexões sobre o sistema mítico, Barthes (1980) define três tipos de leitura dos mitos, sempre considerando a duplicidade do significante, que é ao mesmo tempo sentido e forma.

O primeiro deles diz respeito ao produtor do *mito*, ao se focalizar o significante vazio, ou seja, quando o conceito preenche a forma do *mito* e a significação passa a ser literal. O segundo tipo de leitura é a feita pelo mitólogo, quando se focaliza o significante pleno e se distingue o sentido da forma, destruindo a significação do *mito*. O último tipo de leitura proposta por Barthes é definido a partir do leitor do *mito*, quando se focaliza o significante do *mito* como termo indissociável do sentido e da forma. As duas primeiras leituras são analíticas e destroem o *mito*, enquanto a última o consome.

Barthes (1980) insiste na percepção de que o *mito* é um desvio, não uma mentira ou tentativa de esconder algo. O Mito “transforma a história em natureza” (p.150). A fala mítica é naturalizada pela sua causa. Não é lida como motivo, mas como razão. É como se, ao ler o *mito*, aquilo naturalmente provocasse o conceito e o significante gerasse o significado. “O que o mundo fornece ao *mito* é um real histórico, definido, por mais longe que se recue no tempo, pela maneira como os homens o produziram ou utilizaram; e o que o *mito* restitui é uma imagem natural deste real” (p. 163). A constituição de um *mito* passa pela eliminação das lembranças históricas das coisas, restando apenas seus aspectos essenciais.

O *mito* é vivido como uma fala inocente em que o leitor não percebe o sistema semiológico, mas uma indução. *Mito* é, desta forma, uma fala justificada exageradamente que tem caráter impressivo que se apresenta de forma imediata, mesmo que seja desmascarado em seguida. Seu impacto tende a ser mais forte do que as explicações racionais que possam desconstruí-lo. Lê-lo de maneira mais profunda e com mais informações sobre ele não altera a percepção, nem por potencializá-lo nem por enfraquecê-lo.

Barthes (1980) descreve formas retóricas que comportam o significante mítico e podem ser entendidos como os tipos de *mito*. Embora admita que outras formas devem ser possíveis, o autor desenvolve seus estudos a partir de sete figuras de retórica que são, sem ordem definida:

a) a Vacina: sugere que um mal accidental é capaz de camuflar um mal maior, essencial, gerando assim uma economia de compensação. É como se um mal indispensável pudesse ser substituído por males menores. Desta forma, “o imaginário coletivo é imunizado através de uma pequena inoculação de um mal reconhecido; e defendido, assim, contra o risco de uma subversão generalizada” (BARTHES, 1980, p. 170).

b) a Omissão da História: é a figura que elimina partes embaraçosas da trajetória sobre quem fala. Não trata de criar uma nova narrativa, mas omitir aquilo que não interessa. Usufrui de algo sem questionar sua origem, já que “quando o mito fala sobre um objeto, despoja-o de toda a História”, (p. 171). Assim, destaca Barthes, o uso desta figura retórica acaba por simplificar e eternizar o objeto.

c) a Identificação: é responsável por ignorar aquilo que é diferente ou ainda, transformá-lo em si mesmo. Aquilo que serviria para contestar é utilizado como ressonância, ou seja, “[...] todos os fatos de confrontação são fatos de reverberação: o outro, seja qual for, é reduzido ao mesmo”, (p. 171). Para assimilar o outro, esta figura de retórica utiliza o exotismo, capaz de transformar o que é diferente em mero objeto, espetáculo que não oferece perigo.

d) a Tautologia: define um objeto por ele mesmo: isto é isto, ou, é assim porque é assim. Como procedimento verbal, serve de refúgio para esclarecer aquilo para o que não se encontra explicação. Age a partir da imposição e revela, pela redundância, a pobreza da linguagem na tentativa de definir o objeto. Nas palavras de Barthes (p. 173): “A tautologia testemunha uma profunda desconfiança em relação à linguagem, que se rejeita porque não se possui”.

e) o Ninismo: atua como balança. Ao pesar dois contrários, eles se equivalem, se equilibram e se anulam. Na dúvida entre qual termo escolher, se rejeitam ambos. Nesta figura mitológica, “[...] o real é inicialmente reduzido a termos análogos; estes são em seguida pesados e, uma vez a igualdade constatada, rejeitados” (p. 173). O bem e o mal são equivalentes e agem a partir de uma lógica de compensação.

f) a Quantificação da Qualidade: reduz, por meio de uma economia de inteligência, toda a qualidade em termos quantitativos. Busca compreender a realidade com um preço módico, limitando sua complexidade. Para Barthes (p. 173), “trata-se aqui de uma figura que ronda por todas as figuras precedentes.”

g) a Constatação: faz uso de provérbios, que universaliza e não tende à explicação. O aforismo usado nesta figura retórica é ligado à metalinguagem, fala de algo já acabado. O autor (p. 174) esclarece que “[...] a constatação já não é dirigida para um mundo que se está fazendo, ela tem de cobrir um mundo já feito, enterrar o rastro dessa produção sob uma evidência eterna [...]”. Um dos meios utilizados na constatação é o bom senso.

Orientados pelos apontamentos de Barthes em relação à fala mítica, entendemos que esta categoria oferece importantes ferramentas na análise do discurso midiático sobre a morte de Fernandão. O texto e as imagens que contam da trajetória e da morte do atleta são passíveis de interpretações a partir do sistema mítico.

2.1.4 Imaginário

Inspirado por Lacan, Barthes entende o *imaginário* como alienação. Trata-se, para o semiólogo francês, de algo fantasioso e ilusório, como uma falsa consciência. Um conceito que, embora presente em toda a linguagem social, não é manifesto:

Marcar bem os imaginários da linguagem, a saber: a palavra como unidade singular, mônada mágica; a fala como instrumento ou expressão do pensamento; a escritura como transliteração da fala; a frase como medida lógica, fechada; a própria carência ou a recusa de linguagem como força primária, espontânea, pragmática. O imaginário da ciência (a ciência como imaginário) toma a seu cargo todos estes artefatos: a linguística enuncia de, fato a verdade sobre a linguagem, mas, somente nisto: que nenhuma ilusão consciente é cometida: ora é a própria definição do imaginário: a inconsciência do inconsciente (BARTHES, 1977, p. 44)

Representação coletiva pré-estabelecida, o *imaginário* é construído por meio de narrativas como as ilustrações, as estruturas, as expressões e as paixões. Diz respeito à aparência da realidade que se vive. É, portanto, a forma escolhida pelo homem para viver mentalmente, a maneira com a qual se está acostumado a viver.

As análises a partir desta categoria nos ajudaram a identificar qual a imagem que os jornais atribuem a Fernandão. Entendemos que a identificação deste conjunto de características e ideais contribuirá para nosso entendimento sobre a produção de sentido nas matérias que formam nosso objeto de estudo.

2.1.5 Estereótipo

Presente na língua, o *estereótipo*, definido por Barthes (1996), não se ocupa em explicar. Limita-se a mostrar e a repetir; é natural em si mesmo e enraizado no senso comum. Consumido pela sociedade como sentido inato, o *estereótipo* é constituído a partir de cúmulos de natureza. Linguagem encrática, ou seja, que está sob a proteção do poder, o *estereótipo* é reprisado pelas instituições oficiais como a escola, o esporte e a informação:

O *estereótipo* e a palavra repetida, fora de toda magia, de todo entusiasmo, como se fosse natural, como se por milagre essa palavra que retorna fosse a cada vez adequada por razões diferentes, como se imitar pudesse deixar de ser sentido como imitação: palavra sem-cerimônia, que pretende a consistência e ignora sua própria insistência (BARTHES, 2010, p. 57).

A criação de *estereótipos* atua no reforço de ideias e comportamento e na manutenção de estruturas. Esta repetição leva a caminho da alienação e da sujeição, motivo

pelo qual o autor sugere que os *estereótipos* devam ser perseguidos e detectados, visto que ali se encontram distorções enganadoras que alimentam o imaginário coletivo:

Em cada signo dorme esse monstro: um Estereótipo: nunca posso falar senão recolhendo aquilo que se arrasta na língua. Assim que enuncio, essas duas rubricas se juntam em mim, sou ao mesmo tempo mestre e escravo: não me contento em repetir o que foi dito, com alojar-me confortavelmente na servidão dos signos: digo, afirmo, assento o que repito. Na língua, portanto, servidão e poder se confundem inelutavelmente (BARTHES, 1996, p. 15).

Ao definir o *estereótipo* como triste e “constituído por uma necrose da linguagem” Barthes (2004, p. 394) indica que esta estratégia de linguagem serve para suprir um espaço que falta na escritura mas que, ao mesmo tempo, se julga mais perto da verdade:

O estereótipo é aquele lugar do discurso onde falta o corpo, onde estamos certos de que ele não está. Inversamente, nesse texto pretensamente coletivo que estou lendo, por vezes o estereótipo (a escrivência) cede e a escritura aparece; tenho certeza, então, que esse pedaço de enunciado foi produzido por um corpo (BARTHES, 2003, p. 105).

Afastar-se do *estereótipo* significa colocar a linguagem em crise, tratar de isolar a razão mecanicista que apenas responde ao que já foi dito e abusa da repetição. Por outra via, lançar mão de *estereótipos* na fala é colocar-se ao lado da força da linguagem.

2.1.6 Socioleto

Conforme Barthes (2004), o *socioleto* determina o conjunto de características da linguagem de um grupo social, ao contrário do *idioleto*, que representa o falar de um indivíduo, incluindo estilo, modo de pronúncia e hábitos. Esta divisão não é definida por especificações geográficas, como dialetos ou regionalismos. Os critérios que determinam o *socioleto* são de ordem social ou seja, dizem respeito a uma linguagem social. Embora todos que compreendam o idioma — a língua — sejam capazes de entender o significado do discurso, existe uma divisão na linguagem que será utilizada por determinado grupo. Em outras palavras, “fixamo-nos na linguagem do nosso cantão social, profissional, e essa fixação tem valor neurótico: permite-nos uma adaptação sofrível ao despedaçamento da nossa sociedade” (BARTHES, 2004, p. 122). Para o autor, toda palavra está naturalmente inserida em algum *socioleto*, linguagem social que une língua e discurso de maneira segmentada na sociedade.

É tempo de dar um nome a essas linguagens sociais recortadas na massa idiomática e cuja estanqueidade, por mais que a tenhamos

sentido, de início, como existencial, acompanha, através de todas as trocas, todos os matizes e as complicações que é lícito conceber, a divisão e a oposição das classes; chamemos essas linguagens de grupo de *Socioletos* (por oposição evidente a *Idioleto*, ou falar de um só indivíduo) (BARTHES, 2004, p. 125).

Para se identificar e interpretar o *socioleto*, é preciso considerar o contexto em que ele está inserido. Este conjunto de características é capaz, portanto, de recriar uma cultura. Os grupos podem ser segmentados a partir da classe social, da influência profissional ou local, por exemplo. Barthes (2004, p. 125) afirma que “o caráter principal do campo societal é que nenhuma linguagem lhe pode ficar exterior; toda palavra é fatalmente incluída em determinado *Socioleto*”. O pensador define, a partir da origem, dois tipos de *socioletos*: *encráticos*, discursos no poder que agem por opressão e *acráticos*, discursos fora do poder, que agem por sujeição. Barthes recorre à noção aristotélica de dóxa, opinião comum, como meio para o discurso de poder:

[...] Diremos que é a dóxa que é a mediação cultura (ou discursiva) através da qual o poder (ou o não-poder) fala: o discurso encrático é um discurso conforme à dóxa, submisso aos seus códigos, que são, eles próprios, as linhas estruturantes da sua ideologia; e o discurso acrático enuncia-se sempre, em graus diversos, contra a dóxa (qualquer que seja, será um discurso para-doxal) (BARTHES, 2004, p. 127 e 128, grifo do autor).

A linguagem da cultura de massa, como a presente no jornal, no rádio e na televisão, é aparentemente natural e pouco identificável, portanto, classificada por Barthes (2004) como *encrática*, coerente à opinião comum — dóxa, embora não se possa facilmente reconhecê-la ou escapar dela:

Ora a linguagem Encrática (aquela que se reproduz e se espalha sob a proteção do poder) é estatutariamente uma linguagem de repetição; todas as instituições oficiais de linguagem são máquinas repetidoras: a escola, o esporte, a publicidade, a obra de massa, a canção, a informação, redizem sempre a mesma estrutura, o mesmo sentido, amiúde as mesmas palavras: o estereótipo é um fato político, a figura principal da ideologia (BARTHES, 2010, p. 50).

Embora os *socioletos* não tenham ligação com a técnica de persuasão, todos apresentam figuras de intimidação, ou seja, buscam impedir a fala do outro. Enquanto o discurso *encrático* age a partir da opressão, o *acrático* age por sujeição, com ênfase no constrangimento. A intimidação não afeta apenas aqueles indivíduos que não participam do *socioleto*, mas também atingem os que compartilham dele.

Barthes (2004, p. 121) destaca a busca pela ligação entre o *socioleto* e as classes sociais, propondo que a divisão do trabalho gere a divisão dos léxicos e que

“[...] não há léxico sem um trabalho correspondente”. O autor acrescenta que “[...] todo socioleto comporta ‘rubricas obrigatórias’, grandes formas estereotipadas fora das quais a clientela do socioleto não pode faltar (não pode pensar)”, (BARTHES, 2004, p. 131). A análise do *socioleto* deve ser feita a partir de sua avaliação, ou seja, são os tipos de *socioleto* que comandam a análise, sendo anteriores a sua definição.

Baseados por estes apontamentos, propomo-nos a perceber de que maneira a linguagem típica da prática do Jornalismo Esportivo — segmento da profissão jornalística no qual o nosso objeto se encontra — é percebida nas matérias que serão analisadas para a realização deste estudo.

2.2 As regras do campeonato – Paradigma da Complexidade

Para a realização deste trabalho, optamos pela utilização do *Paradigma da Complexidade*, método apresentado por Morin (2011), que propõe a *transdisciplinariedade*. Neste conceito, não há barreiras entre os diferentes teóricos e disciplinas; ao contrário, propõe-se, de modo permanente, o diálogo entre os diferentes saberes. Entendemos este método como coerente para nos guiar nesta pesquisa visto que o esporte, neste caso o futebol, é um tema que perpassa distintos aspectos na sociedade contemporânea e, portanto, a possibilidade de nos nutrirmos de diferentes fontes de conhecimento contribui para a realização deste estudo.

O paradigma de Morin (2011) é constituído pelos sete *Princípios da Complexidade*, que são apresentados pelo autor sem valoração de hierarquia: *Sistêmico ou Organizacional*; *Hologramático*; *Anel Retroativo*; *Anel Recursivo*; *Auto-eco-organizacional*; *Dialógico*; e *Reintrodução*.

Princípio Sistêmico ou Organizacional: é preciso conhecer as partes para conhecer o todo, e vice-versa. Valorizando a proposta de sistema, este princípio se opõe à concepção reducionista e sugere a observação do relacionamento entre os elementos que compõem um conjunto, entre sistemas e o universo mais amplo. Sendo assim, para conhecer o todo, não basta conhecer cada parte isolada. Da mesma forma o conhecimento sobre o todo não garante o entendimento de cada fração.

A cobertura da morte de Fernandão é destacada, principalmente, pelos momentos de vitória do atleta. As qualidades do jogador, como esportista e como pessoa, são ressaltadas nos textos que tratam de resumir a história do futebolista. A lista de títulos conquistados pelo Internacional é apresentada como resumo da trajetória vitoriosa de Fernandão. Entretanto, são vários os casos em que a relação dele com o clube, a torcida e os profissionais do clube que o destacou internacionalmente são marcados por contradições.

Para se conhecer a história de um personagem como Fernandão, é preciso

levar em consideração o universo ao qual pertencia, incluindo aspectos relativos a sua história pessoal, ao seu comportamento, sua relação com o clube e colegas de equipe (futebol é um esporte coletivo), e a própria realidade do Internacional à época. Para conhecer o todo, é preciso conhecer estas frações. E vice-versa.

Princípio Hologramático: a parte está no todo e o todo está na parte. Cada célula representa o organismo como um todo, assim como o todo está representado em cada uma das células que formam o organismo. As partes de um sistema carregam, como memória, a totalidade da engrenagem. É possível, portanto, reproduzir o todo a partir de uma célula que, embora esteja em constante processo de comunicação e de troca, goza de relativa autonomia.

A cobertura da morte do ex-atleta reconta os principais momentos da carreira de Fernandão. Os feitos realizados em vida estão contidos na morte e na cobertura realizada pela imprensa. O relato de passagens da trajetória do jogador ajuda a contar sua história como um todo. Cada fragmento de sua carreira relaciona-se com o conjunto de suas realizações e contribui na construção do discurso sobre sua morte.

Princípio do Anel Retroativo: o efeito retroage sobre a causa e vice-versa. Com respaldo da Cibernética – retroação e informação –, rompe o princípio da causalidade linear e sugere o processo de autoregulação. O sistema é realimentado a partir de um aparelho que permite o seu autocontrole. O equilíbrio deste anel é mantido a partir das múltiplas retroações.

Toda vez que existem manifestações jornalísticas relacionadas à morte de Fernandão, renova-se o olhar sobre o tema, que reacende a reflexão sobre a vida e a morte do atleta. Por outra via, as homenagens promovidas por torcedores e pelo clube estimulam a produção jornalística e a construção de novos discursos sobre a trajetória e morte do jogador.

Princípio do Anel Recursivo: o produtor faz o produto e o produto gera o produtor. Como num circuito espiral, produtos e efeitos são geradores do que os produz. Os indivíduos produzem a sociedade, que os produz e que resultam na sociedade.

O discurso produzido pela mídia é um dos responsáveis pela construção de personagens que se tornam ídolos. Entretanto, esta construção só é possível nos casos em que o indivíduo pode sustentar esta narrativa a partir de seus feitos e sua trajetória, como é o caso de Fernandão. O discurso midiático é produzido a partir da história do atleta do mesmo modo que a história é (re)contada por meio do discurso da mídia, especialmente a partir de sua morte.

Princípio Auto-eco-organizacional: o sujeito é autônomo, mas depende da sociedade em que vive. Embora sejam auto-organizadores e auto-reprodutores, os seres vivos dependem do meio ambiente para sua sobrevivência. Ou seja, a autono-

mia só é possível a partir da dependência. O processo auto-eco-organizador diz da capacidade de um sistema, enquanto organização viva, transformar-se, reorganizar-se e estar em constante transformação.

Embora aspectos como liderança e a capacidade técnica no futebol fossem inerentes a Fernandão, o fato de fazer parte de uma equipe que se encontrava em momento vitorioso foi fundamental para que ele atingisse o patamar de ídolo da torcida colorada. Para entender a construção de Fernandão como ídolo, é preciso conhecer o meio do qual se alimentava.

Princípio Dialógico: aproxima e associa temas contrários. A partir de uma perspectiva dialógica, este princípio busca a interação a partir de forças contrárias que são necessárias em determinado sistema. No pensamento complexo, dois termos que tendem a se excluir são capazes de dialogar.

Em relação à cobertura da morte de um indivíduo que se destacou pelo desempenho esportivo e que sempre teve sua imagem ligada à atividade física faz com que este princípio seja identificado a partir das relações entre esporte e morte, temas que estão, aparentemente, distantes. A morte precoce é personagem importante na construção da narrativa de Fernandão que busca, por outro lado, valorizar as conquistas realizadas durante sua vida.

Princípio da Reintrodução: afirma que o conhecimento é um processo que abriga o diálogo entre o sujeito e o objeto. A participação do pesquisador na construção do conhecimento obedece o raciocínio de complementaridade e interdependência.

Para a compreensão deste princípio, é preciso entender o diálogo que se estabelece entre o sujeito, no caso o Fernandão, e a cobertura de sua morte, realizada pela imprensa.

O resultado destes sete princípios, indicados por Morin (2011), é justamente a *transdisciplinariedade*, capaz de eliminar a distância entre diferentes conhecimentos e identificar pontos de intersecção entre eles. O pensamento complexo permite a compreensão de temas que, embora pareçam antagônicos, são complementares e interagentes. Ao valorizar o caminho e não o ponto de chegada, esta visão sistêmica aceita o imprevisível e a dúvida. Não busca respostas definitivas, percebe que o conhecimento é provisório.

2.3 O esquema tático – Semiologia

Como técnica metodológica para a realização deste estudo, valemo-nos da semiologia de Roland Barthes, em sua essência qualitativa, que tem como foco menos o “o quê”, e mais o “como” e o “porquê”. Embora Barthes afirme que não representa esta ciência, o autor imprimiu seu estilo à semiologia, especialmente na valorização do

aspecto conotativo, no entendimento dos signos.

Conforme aponta Ramos (2008), a semiologia, como tema das Ciências Humanas, passou a ser difundida a partir da metade do século 20 por meio dos pensamentos e reflexões de Ferdinand de Saussure, de quem Barthes se tornou discípulo. No princípio baseados na Linguística e no Estruturalismo inspirados por Saussure, os estudos desenvolvidos por Barthes passaram a se afastar do mentor intelectual e a adquirir as características que resultariam na *semiologia barthesiana*, cujas marcas transitam nas relações entre o linguístico e o translinguístico. Sobre esta transformação, o próprio autor explica que os saberes não são eternos e que “a fragilidade das ciências ditas humanas decorre talvez disto: são ciências da imprevisão” (BARTHES, 1996, p. 29), ou seja, não habitam lugar de segurança.

Mais do que isso. Entre todas as Ciências Humanas, destaca o autor (2001, p. XVII), pertence apenas à semiologia o questionamento do próprio discurso, visto que “ciência da linguagem, das linguagens, ela não pode aceitar a sua própria linguagem como um dado, uma transparência, uma ferramenta, em suma, uma metalinguagem; [...] para a Semiologia, pelo menos assim desejo, não existe uma extraterritorialidade do sujeito [...]”.

Em uma definição possível e objetiva, Barthes (2001, p. XIII) afirma que a semiologia “é uma aventura, quer dizer, aquilo que me advém (que me vem do Significante)”. Como força da literatura, a semiologia trata de jogar com os signos ao invés de destruí-los, em uma espécie de descontração da linguística, que originou a própria ciência dos signos.

A semiologia seria, desde então, aquele trabalho que recolhe o impuro da língua, o refugo da linguística, a corrupção imediata da mensagem: nada menos do que os desejos, os temores, as caras, as intimidações, as aproximações, as ternuras, os protestos, as desculpas, as agressões, as músicas de que é feita a língua ativa (BARTHES, 1996, p. 32).

A aventura da semiologia foi apresentada a Barthes (2001) em três momentos. O primeiro deles é marcado pela esperança, quando conhece a obra de Saussure e tem, no discurso, seu principal objeto de estudo. O segundo momento é o da Ciência, no qual, baseado nas análises da roupa de moda, tratou de estabelecer um ensino da semiologia. No último dos momentos, o foco do olhar de Barthes está no texto, cujos signos não estão fixos, mas se apresentam em deslocamento.

No conjunto de sua obra, repleta de ensaios críticos sobre diferentes perspectivas, a mídia tem destaque como um dos principais objetos aos quais Barthes dedicou-se a observar e aplicar os conceitos que desenvolvia. A aproximação entre a formulação de teorias e o desenvolvimento de pesquisas, aliás, representa, conforme o autor, tarefa básica do semiólogo; estudioso definido por Barthes (1996) como um

artista que “joga com os signos como um logro consciente, cuja fascinação saboreia, quer fazer saborear e compreender” (p. 40). Os objetos preferidos do semiológico são os textos do Imaginário, que incluem narrativas, retratos, paixões e imagens.

Barthes (1996) designa duas formas de sua semiologia: a *negativa* e a *ativa*. Na *negativa*, ou *apofática*, não se pode atribuir ao signo características positivas, fixas, ou seja, científicas; é, portanto, relativo. Na *ativa*, o objeto de estudo é dissecado e o foco está nos textos do *imaginário*, como Ramos (2008, p. 162) lembra, “o repertório de manifestações languageiras, que habitam o cotidiano”.

Uma importante contribuição de Ramos (2008) para este estudo, é o reconhecimento da relação da reciclagem da semiologia promovida por Barthes, desde o princípio, por meio das inspirações de Saussure com a tríade que compõe a dialética. A tese é representada pela semiologia, tal qual proposta por Saussure. A antítese é gerada pela relação entre as duas formas de semiologia descritas por Barthes: *negativa* e *ativa*. Para completar o triunvirato, o papel do semiólogo representa a síntese.

A perspectiva da dialética, completa Ramos (2008), é uma nova forma de abordagem do signo, que caracteriza a *semiologia barthesiana*:

O signo é visto em sua dupla face: apresenta uma determinação da Língua, mas também da fala. Recebe uma leitura linguística e, ao mesmo tempo, translinguística, que amplia a perspectiva. Possui uma singularidade polissêmica, marcada e demarcada pela historicidade (RAMOS, 2008, p. 162).

A semiologia admite qualquer sistema de signos, independentes de sua substância como imagens, textos, objetos, etc. A apreensão desta matéria, entretanto, requer a exploração da língua ou, como descreve Barthes (1999, p. 13) “a Semiologia é [...] chamada a absorver-se numa translinguística, cuja matéria será ora o mito, a narrativa, o artigo de imprensa, ora os objetos de nossa civilização, tanto quanto sejam falados [...]”. Cabe ao investigador decifrar no sistema denotado o aspecto conotativo. Ou seja, identificar nesta substância aquilo que é naturalizado ou mascarado.

O início de uma pesquisa semiológica, frisa Barthes (1999), é operacional. Com base na Linguística, o autor reforça o caráter limitativo da investigação, lança mão do *Princípio da Pertinência* e determina que

[...] decide-se o pesquisador a descrever os fatos reunidos a partir de um só ponto de vista e, por conseguinte, a reter, na massa heterogênea desses fatos, só os traços que interessam a esse ponto de vista, com a exclusão de todos os outros (esses traços são chamados pertinentes) (BARTHES, 1999, p. 103).

A esta “coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, conforme certa arbitrariedade (inevitável) em torno da qual ele vai trabalhar” (p.104), Barthes define como *corpus*, conjunto no qual se buscará conhecer a estrutura do todo. Embora este grupo de materiais deva apresentar certa amplitude, o autor afirma a necessidade de que exista uma heterogenia, especialmente temporal. Após a seleção, cabe ao pesquisador ater-se rigorosamente a estes materiais e esgotar-lhes completamente a análise.

[...] É certo que, quando dissecamos uma sequência de materiais, ao cabo de certo tempo acabamos por encontrar fatos e relações já referenciados. [...] esses “retornos” são cada vez mais frequentes, até que não se descubra nenhum material novo: o corpus está então saturado. Por outro lado, o corpus deve ser o mais homogêneo possível; homogeneidade de substância [...] (BARTHES, 1999, p. 105).

Conforme Barthes (1996, p. 38) adverte, a semiologia não se trata de uma disciplina, apesar de sua relação com a ciência, a *semiologia* “pode ajudar certas ciências, ser, por algum tempo, sua companheira de viagem, propor-lhes um protocolo operatório a partir do qual cada ciência deve especificar a diferença de seu *corpus*”. Por seu papel ancilar, na realização do nosso estudo, caberá à semiologia a normatização das categorias *a priori* que destacamos como norteadores de nossa análise.

Cada uma das categoria *a priori* nos inspirou na elaboração de uma questão de pesquisa que buscamos responder no decorrer de nossa trajetória de investigação. Nossas perguntas são: Como são revelados nas *fotografia* sobre a morte de Fernandão o *studium* e *punctum*? De que maneira os elementos do *fait divers* podem ser observados no discurso das matérias analisadas? De que forma podemos identificar os tipos de *mito* descritos por Barthes nos textos observados? De que forma o *imaginário* de Fernandão é manifesto nas matérias? Como o *estereótipo* está presente nos textos analisados? Como o *socioleto* relacionado ao jornalismo esportivo pode ser identificado na cobertura da morte de Fernandão?

Ao buscar respostas para as questões, nosso objetivo geral na realização deste trabalho é “Estudar a produção de sentido na cobertura da morte de um ídolo esportivo como Fernandão”. Temos, ainda, como objetivo específico “Compreender e explicar de que forma as matérias observadas colaboram na construção do mito de Fernandão”.

3 O PRIMEIRO TEMPO – CORREIO DO POVO

Na época da morte de Fernandão, a equipe da editoria de esportes do *Correio do Povo* era composta por quatro editores e quatro repórteres. Embora não contasse com caderno específico para a publicação das notícias esportivas, o periódico destinava maior espaço para estas informações às segundas-feiras. O *site* do jornal contava com equipe própria, mas que também utilizava as produções destinadas à versão impressa. A cobertura do *Correio do Povo*, em relação à morte de Fernandão, foi realizada a partir de Porto Alegre, não tendo sido enviado nenhum repórter a Goiás, onde aconteceram o acidente aéreo e os atos fúnebres⁴⁰.

As cinco matérias do *Correio do Povo* que definimos para a composição do nosso *corpus*, foram publicadas na editoria de Esportes do jornal.

Tabela 4 – Matérias do *Correio do Povo* que compõem o corpus

Data	Página	Título
8 de junho de 2014	20	Fernandão – o adeus do ídolo
9 de junho de 2014	21	As homenagens vão seguir
	22	‘Uma perda grande para todos’
	28	Saudade eterna do ídolo
10 de junho de 2014	20	Veneração ao ídolo continua

Elaborado pela autora (2017).

3.1 “Fernandão o adeus do ídolo”

Publicada na página 20, última da edição de domingo, 8 de junho de 2014, do *Correio do Povo*, a matéria com o título “Fernandão – o adeus do ídolo”⁴¹ foi a primeira produzida pelo jornal sobre a morte do jogador colorado. Duas imagens ilustram o texto, assinado pelo jornalista Fabrício Falkowski. A primeira delas, de autoria do fotógrafo Ricardo Giusti, ocupa mais da metade da página e traz Fernandão em primeiro plano, durante uma partida em que atuou como jogador pelo Internacional.

O atleta, cujo corpo aparece até pouco abaixo da cintura, veste a camisa vermelha de mangas longas do clube – que estão arregaçadas até a altura dos cotovelos – e o calção branco. Na blusa, pode-se ler o nome dos patrocinadores Banrisul e Tramontina, além de se identificar o distintivo do clube, localizado à altura do coração. Os cabelos longos estão seguros por uma faixa que deixa o rosto de Fernandão livre. Com os

⁴⁰ Informações obtidas a partir de entrevista com o editor Carlos Corrêa, em 7 de janeiro de 2017.

⁴¹ Reprodução da matéria em anexo.

braços abertos, Fernandão parece estar correndo e seus olhos miram o horizonte. Embora a posição do corpo sugira que a imagem tenha sido captada em um momento de comemoração, o semblante do jogador não sugere alegria. Os olhos estão distantes e a boca, aberta, deixando aparecer os dentes superiores. No pulso direito, está um cordão preto, que pode ser uma pulseira ou mesmo um elástico para prender o cabelo. No braço esquerdo, destaque para a braçadeira de capitão da equipe na cor amarela. Fernandão, de braços abertos, está localizado no centro da imagem. No canto inferior direito, aparece o braço de um outro jogador do Inter, que também utiliza a camisa vermelha do clube. Em segundo plano – à direita da imagem – é possível identificar um adversário, visto que o atleta utiliza uniforme de outra cor (calção preto com detalhes em vermelho e camisa branca com detalhes horizontais em vermelho e preto). Ao fundo, divisamos a arquibancada de um estádio de futebol. A imagem dos torcedores não é nítida, sendo composta apenas por borrões de diferentes cores, predominando o vermelho e o branco. Entre a arquibancada e o campo – identificado a partir de uma faixa de grama verde – uma placa em que está escrita uma palavra que, além de não apresentar suas letras iniciais, tem outras tapadas pelo corpo de Fernandão. É possível identificar as letras que sugerem a palavra “*Libertadores*”. A foto não é acompanhada de legenda, mas tem o título da matéria – “Fernandão o adeus do ídolo” – aplicado em letras maiúsculas, em sua parte superior, sobre ela. Em cor branca, o nome do jogador está em destaque e ocupa quase toda a extensão da imagem, seguido pela frase “o adeus do ídolo”.

Outra imagem também ilustra a matéria. Creditada como tendo sido produzida pelo “Corpo de Bombeiros de Goiás”, a fotografia está localizada abaixo da foto maior, ao lado direito da página. O registro é do helicóptero em que Fernandão estava, na hora da morte. A aeronave aparece caída ao solo, virada de lado, após a queda. É possível ver pedaços da aeronave e peças soltas, retorcidas ou penduradas na fuselagem. Ao fundo, o céu está escuro, indicando que era noite, assim como o *flash* que incide sobre o objeto em primeiro plano. A carcaça do veículo está sobre o chão de terra e várias peças aparecem quebradas. A fotografia é acompanhada de legenda que diz: “Autoridades ainda vão investigar as causas do acidente em Goiás”.

O texto é dividido em duas partes: a primeira delas – maior e com mais destaque – traz informações sobre a trajetória do atleta e a relação com o Internacional; a segunda trata da repercussão do falecimento de Fernandão.

O texto da matéria é dividido em dois blocos. O primeiro deles traz o resumo da notícia: informa que Fernandão morreu em acidente de helicóptero e, em seguida, o texto principal. Apresentado em nove parágrafos dispostos em três colunas – veicula informações sobre a trajetória do jogador, no Internacional, incluindo a lembrança de alguns dos momentos marcantes de sua carreira e o depoimento de pessoas que

conviveram com ele no período em que defendeu o clube, até o momento do acidente que o vitimou. Também compõe o texto a descrição de características do atleta em campo e seu comportamento fora dele. O último parágrafo deste texto cita a esposa e os filhos do jogador.

O outro bloco de texto tem como destaque a palavra “Repercussão” e, como título, “Porto Alegre tem luto oficial”. Nestes últimos três parágrafos, a tônica é as homenagens prestadas ao jogador e as declarações de autoridades, como o prefeito de Porto Alegre à época, José Fortunati, e a então presidente da república, Dilma Rousseff, além de colegas de profissão. As declarações citadas pela matéria foram publicadas em redes sociais na internet.

Análise

A matéria tem duas fotografias. A primeira delas ocupa metade da página e tem como *spectrum* Fernandão. A partir do *studium*, notamos que a cena foi registrada durante uma partida do Internacional. Elementos como a camisa vermelha de manga comprida nos mostra que a partida foi realizada em uma noite de temperatura baixa. A placa que aparece ao fundo sugere que o jogo é da Copa Libertadores da América e o uniforme do adversário é identificado como o do São Paulo Futebol Clube. Fernandão parece correr com os braços abertos em direção à torcida. Embora sua fisionomia não demonstre alegria, outros elementos como a posição de seu corpo e a imagem do braço de um colega de equipe, que surge no canto da imagem, nos sugerem que se tratava de um momento de comemoração. A braçadeira amarela, no braço esquerdo, mostra que o jogador era o capitão do time na partida.

Observamos, na fisionomia de Fernandão, o *punctum* desta fotografia. Mesmo que outros elementos sejam indícios de que se tratava de uma comemoração, o jogador não parece feliz. O olhos miram o horizonte e a boca está entreaberta, sugerindo resignação e até sofrimento. Os braços e as mãos abertas parecem preencher todo o espaço da imagem, que tem o título da matéria aplicado sobre ela. As palavras que compõem a chamada do texto também formam outras palavras que estão localizadas próximas à imagem de Fernandão. No texto do título “o adeus do ídolo”, também é possível ler “deus”.

A segunda fotografia tem como *spectrum* a carcaça do helicóptero em que estava Fernandão. O *studium* nos auxilia na identificação de que a imagem foi registrada durante a noite, visto que o céu está escuro. As peças que estão penduradas e o chassi desfigurado sugerem a violência do acidente.

Nesta imagem, identificamos o *punctum* nas redes de proteção das janelas do helicóptero. Parte das fitas pretas ainda está presa na janela enquanto a outra parte está estendida no chão de terra. O elemento que deveria servir como segurança é

mostrado em sua fragilidade, caído no solo, assim como todo o veículo despedaçado.

A legenda afirma que as autoridades vão investigar as causas do acidente.

Ao analisarmos a estrutura do texto, verificamos que, especialmente em alguns trechos, a narrativa investe na emoção do leitor. Ou, como classificou Barthes (1970), é um tratamento textual típico de um *fait divers*. Neste caso, percebemos o tipo *causalidade de causa esperada* ao citar a esposa e os filhos como as pessoas a quem Fernandão deixa. Estes personagens, mãe e criança, representam – assim como o velho – os ciclos do processo de existência humana. São símbolos, ao mesmo tempo, da pureza e da fragilidade. Naturalmente dramáticos, despertam a emoção.

A *causa perturbada* também está presente no texto no trecho em que é descrito o acidente e o resgate de Fernandão. A matéria afirma que, mesmo tendo sido socorrido com vida, o jogador acabou morrendo. O desfecho do conflito é diferente do esperado para quem recebe o socorro, mas justificado pela fatalidade e creditado ao *sujeito absoluto*. A morte do jogador é definida como inacreditável, ou seja, está além da racionalidade humana.

A fatalidade também é lembrada no texto como a responsável por reaproximar Fernandão e Internacional em um momento em que as relações estavam estremecidas. O texto sugere que o “destino” foi encarregado pelo retorno do atleta, então na condição de diretor técnico, ao clube. Nesta mesma passagem, observamos no texto o *fait divers de coincidência de antítese*, quando o texto relata que, em um momento de conflito, Fernandão foi abandonado por antigos companheiros. O *afastamento* e o *companheirismo* são termos, aparentemente, antagônicos que, aproximados, despertam sentimentos e emoções.

Ao analisarmos o texto da matéria a partir das reflexões de Barthes (1980) sobre o *mito* e suas tipologias, identificamos a *vacina* na descrição sobre a partida em que Fernandão, jogando pelo São Paulo, marcou um gol contra o Internacional e não comemorou. O fato de o jogador não ter celebrado o tento, serve de consolo ao fato de ter marcado um gol contra o clube pelo qual conquistou importantes títulos. Esta forma mitológica também está presente no trecho que trata do momento em que Fernandão parou de jogar. De acordo com a narrativa, a decisão de parar surgiu quando o rendimento do atleta não era mais o mesmo, o que foi resultado de um problema crônico no púbis. Ou seja, o encerramento da carreira se deu por uma dificuldade física.

A *omissão da História* se manifesta no detalhamento das idas e vindas de Fernandão ao Internacional. Embora os afastamentos tenham sido motivados por circunstâncias como o baixo rendimento como jogador e a demissão quando era técnico, o texto descreve estas passagens sem apresentar os fatores que resultaram

nas saídas, apenas afirmando que aconteceram. A circunstância do afastamento de Fernandão como técnico, indica o texto, tem relação com o episódio em que ele afirmou que os jogadores a quem comandava estavam em uma “*zona de conforto*”. Ao concordar com a posição de Fernandão, comentando “o que diga-se de passagem, era verdade”, a matéria apresenta a *identificação*, visto que a declaração que poderia justificar a demissão do técnico é encarada pelo texto como verdade.

Este trecho da matéria também apresenta o *ninismo*. A saída de Fernandão aconteceu com a promessa de que o jogador voltaria ao clube. De fato, ele voltou, assumindo outras funções no Internacional e, em seguida, foi demitido. A transferência a outro clube e o retorno como dirigente são resumidos à demissão.

Ao ser redundante nas definições de Fernandão como “ídolo”, “grande ídolo”, “maior ídolo”, “ídolo colorado”, “ídolo do Internacional” e alguém a quem a torcida terá “admiração eterna”, o texto recorre à *tautologia*. Já os trechos que dão ênfase aos números representam a *quantificação da qualidade* e são percebidos na narrativa sobre os amigos que acompanhavam Fernandão no vôo, definidos como “outras quatro pessoas”; na marca do “gol mil em Gre-Nais” e no tempo em que esteve à frente da equipe colorada como técnico, “entre julho e novembro”, ou seja, cinco meses.

A *constatação* se apresenta em trechos que insistem na ideia de que Fernandão “se encontrou” no Inter e que a camisa vermelha “lhe caía bem”, era como “uma segunda pele”. Virtudes do jogador também são repetidas através da matéria, como ser exemplo de “espírito de liderança” que “enxergava o jogo” ou ainda, deixa um “exército de admiradores”. Ao não investir em explicações, o momento da narrativa que credita ao “destino” a volta de Fernandão ao Inter também faz uso desta figura de retórica.

Um dos maiores jogadores da história do Internacional, alguém que encontrou no clube gaúcho a camisa que “lhe caía bem” e conquistou os títulos mais importantes da história da equipe: assim é construído o *imaginário* sobre Fernandão no texto desta matéria. A narrativa sugere que a relação do atleta com o Inter durou até o fim da vida do jogador e que, mesmo que ele tenha saído para defender outras equipes e que o próprio clube o tenha demitido, seu desejo sempre foi estar no Internacional. Sobre o episódio da demissão, o texto afirma que Fernandão foi “abandonado por antigos companheiros”, dando a entender que a traição de amigos foi o motivo do desligamento, e não os resultados obtidos à frente da equipe. Sobre as qualidades de Fernandão, o texto o descreve como um atleta inteligente e elegante ao jogar.

Ao observarmos o texto da matéria sob a perspectiva do que Barthes (2010) trata por *estereótipo*, percebemos que a narrativa reforça a ideia do jogador de futebol que se torna ídolo de uma torcida e que, mesmo tendo passado por outros clubes, identifica-se apenas com um. Esta relação, propõe o texto, é eterna. Apesar das inconstâncias da profissão e dos momentos em que existe separação entre time e atleta – como em uma

transferência, por exemplo – permanece o desejo de retorno, mesmo que ocupando outras posições como treinador, dirigente ou mesmo torcedor.

Embora a matéria não trate especificamente de temas esportivos, identificamos, em seu texto, o uso de termos associados ao jornalismo esportivo. Para Barthes (2004), todo vocábulo corresponde a um trabalho, sendo o conjunto deles denominado *socioleto*. No texto analisado, o falecimento de Fernandão é definido a uma perda para o Internacional e sua torcida, como se a morte de um dos principais jogadores da história do clube significasse uma derrota em um campeonato disputado. Outros termos associados ao Jornalismo Esportivo também estão presentes nesta narrativa. São palavras e expressões que, embora não tornem o texto incompreensível para quem não compartilha desta linguagem social, deixam-no segmentado. Ao se referir aos torcedores de Internacional e Grêmio, o periódico os trata apenas de “colorados” e “gremistas”, sem maiores especificações. Quando trata dos feitos de Fernandão, a matéria apresenta expressões como “conquista do mundial”, “títulos” e “gol de placa”. Ao citar o uniforme colorado, o texto o define como “camisa vermelha”, expressão que também faz parte de uma canção entoada por torcedores do Internacional, durante os jogos.

O *socioleto* associado às notícias esportivas também pode ser identificado nos trechos em que a matéria descreve as qualidades de Fernandão. Ao citar o “espírito de liderança” ou a inteligência com “a bola nos pés”, o texto remete a termos que são comumente utilizados no jornalismo voltado aos temas esportivos. Outro exemplo é a utilização da ideia de “dentro e o fora de campo” para abordar as características de Fernandão, para além de sua prática profissional como jogador de futebol.

3.2 “As homenagens vão seguir”

Na segunda-feira, dia 9 de junho de 2014, a morte de Fernandão volta a estampar a editoria de esportes do *Correio do Povo*. A matéria⁴², com o título “As homenagens vão seguir”, ocupa praticamente toda a página 21 daquela edição do periódico. A notícia é acompanhada de duas fotografias, ambas com crédito a Samuel Maciel. A primeira delas, localizada na parte superior da página – mais à direita e ocupando quatro das cinco colunas em que o material está distribuído – destaca o memorial que foi montado por torcedores no pátio do Estádio Beira-Rio. A foto mostra a visão de quem se põe ao lado da parede em que os fãs prestaram homenagens ao ídolo. Desta forma, é possível dividir a fotografia em três partes verticais. Ao lado, mais à direita, está o muro no qual estão penduradas camisas e bandeiras vermelhas e brancas, além de recortes de jornais e frases escritas à mão e que não estão legíveis. Em duas das três páginas de jornais que aparecem com maior clareza na imagem, é possível distinguir a figura

⁴² Reprodução da matéria em anexo.

de Fernandão – ainda que não esteja completamente nítida – erguendo taças que, se presume, sejam pelo Internacional. Na parte central da foto, estão colocados, no chão, apoiados na parede, diversos ramos de flores, em especial nas cores vermelha, branca e amarela. Também se encontram no chão uma bandeira do Internacional e cartazes brancos, com frases escritas à mão. Ao fundo, é possível ver uma mulher com os joelhos flexionados, escrevendo algo na parede. Pessoas ao lado aparecem apontando o celular para o mural, como se estivessem fazendo fotografias do local. Na parte mais à esquerda da imagem, estão os torcedores que contemplam as homenagens prestadas a Fernandão. Perfilados, os torcedores, na maioria jovens e adolescentes, olham para as frases e fotos que estampam o memorial. Alguns vestem camisetas e outros adereços do Internacional. Entre garotos e garotas, está uma menina que aparenta ter em torno de 10 anos de idade. No fundo da imagem, o céu escuro indica que o registro foi feito à noite. A imagem é acompanhada da legenda que diz “Colorados de todos os cantos estiveram no Beira-Rio: referência ao eterno ídolo e grande capitão numa hora de muita dor”.

A segunda imagem que estampa a matéria é menor e está localizada no canto inferior, à direita da página, ocupando o espaço de duas colunas. A imagem mostra em detalhe um jovem (que pode ser uma menina ou um menino) escrevendo um recado no mural montado pelos fãs. A criança, que veste um casaco de lã, aparece de perfil, no canto inferior esquerdo da imagem e, com a mão direita, segura uma caneta com a qual está escrevendo a mensagem. É possível ler o início da frase “Valeu Fernandão, tu é um ídolo [. . .]” [sic]. O jovem usa uma touca vermelha na qual é possível ler a palavra “Inter”. O contorno de seu rosto aparece em sombra no mural, onde também se podem ler outros recados, que não aparecem em sua totalidade, mas deixam identificar algumas palavras. Logo acima da cabeça da criança que escreve, está escrito “eterno capitão”; no canto superior direito, lê-se as palavras “planeta”, “a vez do céu” e “obrigada, por tudo”; mais abaixo, está “capitão do mundo” e “#eterno”. A foto é acompanhada pela legenda “Mensagem de amor ao ídolo e agradecimentos pelos feitos”.

Escrito em letras negritadas, padrão do jornal, o título é acompanhado da linha de apoio que diz “Fernandão deve virar nome de rua para que ninguém esqueça o grande ídolo dos colorados e dos que gostam de futebol”. Assinado pelo jornalista Fabrício Falkowski, o texto da matéria é dividido em dois blocos. O primeiro deles, maior, tem nove parágrafos dispostos em cinco colunas que envolvem a foto maior, em seu lado esquerdo e parte inferior. O texto trata das homenagens e manifestações feitas por torcedores e autoridades em diferentes lugares do mundo. O relato apresenta a fala de três pessoas: do líder de uma torcida organizada do Inter, do técnico de futebol Abel Braga⁴³ e da então presidente do Brasil, Dilma Rousseff. São citadas, ainda, as

⁴³ Abel Carlos da Silva Braga é ex-jogador de futebol e atual técnico. Em 2006, esteve à frente da equipe do Internacional, quando o clube conquistou a Copa Libertadores da América e o Campeonato

manifestações publicadas em redes sociais, na internet, do então prefeito de Porto Alegre, José Fortunatti, do então presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA), Joseph Blatter, e do então presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), José Maria Marin. A matéria contempla, ainda, uma série de promessas feitas pelo Inter para homenagear o ídolo morto.

A segunda parte do texto tem apenas um parágrafo e está posta ao lado direito da foto secundária da página. Em destaque, as palavras “A morte” aparecem escritas em letras maiúsculas sobre o título, que diz “Causas serão investigadas”. O texto apresenta dados sobre o helicóptero em que Fernandão estava e informações da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) sobre os registros da aeronave. O parágrafo encerra afirmando que as causas serão investigadas pelas autoridades competentes.

Análise

As duas fotografias que estampam a matéria têm como *spectrum* o mural que foi erguido por torcedores colorados no pátio do Estádio Beira-Rio com o objetivo de homenagear o ídolo que recém havia morrido. Na imagem que ocupa o espaço maior, identificamos o *studium* em elementos como o céu escuro, sugerindo que a imagem foi capturada depois do pôr do sol. O mural é coberto com recortes de jornal, bandeiras e camisetas do Internacional e mostra que a veneração por Fernandão tem relação direta com as conquistas enquanto jogador, embora o texto, por exemplo, ressalte aspectos pessoais como origem da admiração pela atleta. Os torcedores posicionados à frente das homenagens são jovens. Aparentam ter menos de 25 anos e são divididos entre meninas e meninos. Todos que estão em primeiro plano são brancos e vestem roupas casuais, especialmente camisas vermelhas do Internacional. Não é possível dimensionar o número de pessoas que estavam no local no momento em que a foto foi feita, mas o fato de não conseguirmos ver a rua, sugere que havia, pelo menos, mais algumas filas de torcedores atrás das pessoas mostradas na imagem.

O espaço entre o painel onde estão expostos os recortes de jornais, as camisas e mensagens e a linha de torcedores é o que nos toca neste registro. A distância entre a imagem do ídolo – representada a partir das fotografias que foram publicadas nos jornais e que, de certa forma, contam a história do jogador – e os torcedores que foram ao Estádio Beira-Rio, para prestar homenagens ao ícone representa, para nós, o *punctum* desta fotografia. A justificativa para este espaço está no chão. São as dezenas de ramalhetes de flores – especialmente vermelhas e brancas – que foram depositadas como forma de condecorar o herói recém morto. O cenário se assemelha a um velório. O corpo é representado pelas imagens penduradas no mural, enquanto os arranjos simples fazem às vezes das coroas de flores.

A legenda desta foto tenta universalizar a idolatria e a dor pela morte de Fernandão, sugerindo que colorados de “todos os cantos” foram ao estádio prestar homenagens ao jogador.

A segunda das imagens mostra em detalhe um jovem, do qual não conseguimos identificar o gênero. A pessoa, que aparenta ter em torno de 10 anos, escreve uma mensagem no mural, que já conta com diversos recados endereçados a Fernandão. O jovem usa uma touca do Inter e roupas de manga comprida, sugerindo que a temperatura era baixa no momento em que o *operator* registrou a imagem. Estes elementos representam o *studium*.

O que nos atinge, nesta fotografia, é um erro ortográfico. Ao escrever sua mensagem, no meio de tantas outras, o jovem fã de Fernandão escreve “ídulo”, com “u”, no lugar do “o”. O engano indica a ingenuidade do emissor da mensagem que, mesmo sem dominar a escrita – aspecto normal pela idade aparente – evidencia o desejo de registrar a homenagem ao ídolo, o que justifica a tentativa. O equívoco também nos remete a aspectos relacionados à torcida de um clube de futebol, cujos temas emotivos são mais fortes do que a racionalidade.

A legenda busca descrever a imagem e diz que os torcedores fizeram agradecimentos a partir de mensagens de amor.

Analisamos o texto da matéria a partir das reflexões de Barthes (1970) sobre o *fait divers*. São notícias que apelam para o despertar de emoções em quem as consome. Mais do que o conteúdo em si, interessa-nos observar a estrutura destas narrativas, especialmente sob a perspectiva das relações entre seus termos. Neste texto, identificamos o uso do *fait divers de coincidência* do tipo *antítese* – que aproxima dois termos aparentemente distantes – na descrição do altar improvisado, montado por torcedores no pátio do Estádio Beira-Rio. Religião e futebol. O sagrado e o profano ocupam o mesmo espaço. O estádio de futebol, lugar em que os torcedores costumam acompanhar os jogos, transformou-se em espécie de memorial para onde admiradores peregrinaram e prestaram homenagens ao ídolo morto. O texto sugere, inclusive, que os fãs puderam, neste altar, dar o “último adeus ao ídolo”, tal como em um velório. Como se o corpo de Fernandão estivesse representado pelos recortes de jornais que foram colados no mural.

O *fait divers de causalidade de causa perturbada* também está presente na narrativa da matéria. A morte de Fernandão é descrita como uma perda, uma partida, como se o acidente aéreo se resumisse a uma fatalidade para a qual não se encontra resposta.

Identificamos, no texto desta matéria, as sete formas retóricas que Barthes (1980) classifica como os tipos de *mitos*. A *vacina* está presente no relato das homena-

gens previstas para Fernandão. As honras sugeridas por torcedores, pelo Internacional e até pelo prefeito de Porto Alegre, atuam como uma espécie de compensação pelo falecimento do jogador. Se a presença física do atleta não é mais possível, a recompensa é a tentativa de manter sua lembrança a partir das ações propostas.

A *omissão da História* se apresenta na narrativa sobre as causas da morte de Fernandão, resumidas à queda do helicóptero, sem que sejam apontados possíveis motivos ou fatores que tivessem contribuído para o acidente. A matéria limita-se a afirmar que as causas serão investigadas pelos órgãos competentes. Já a *identificação* se manifesta na ideia de que a comoção ocasionada pela morte de Fernandão se espalhou por todo o Brasil e pelo mundo. A rivalidade – ou seja, a diferença – é tema inerente ao futebol e, no texto analisado, foi reduzida à emoção pelo falecimento de um jogador cuja trajetória é intimamente ligada a dois clubes brasileiros.

A *tautologia* está presente no texto nas referências a Fernandão: no decorrer da narrativa, a matéria utiliza, de forma repetida, termos como “ídolo” e “símbolo”. Embora cite algumas das principais passagens vitoriosas do jogador, o texto o define como ícone, sem dedicar-se a explicar os motivos desta veneração. Apenas insiste em defini-lo como herói da torcida.

A redução da realidade ou, como define Barthes (1980), o *ninismo* é identificado em dois momentos do texto. O primeiro deles está no depoimento do presidente de uma torcida organizada. Embora a admiração pelo atleta tenha sido construída, essencialmente, por suas atuações profissionais, o torcedor busca equilíbrio nas duas facetas que identifica em Fernandão: jogador e pessoa. Outro trecho em que este tipo de *mito* está contido trata das homenagens ao esportista. Conforme o texto, os torcedores consideram modestas – desdenham, portanto – as honras propostas pelo clube e pelo prefeito de Porto Alegre.

A *quantificação da qualidade* aparece no texto a partir da valorização de números. No caso dos torcedores que foram ao pátio do Estádio Beira-Rio prestar homenagens a Fernandão, a matéria os identifica como “centenas”. Já aos amigos de Fernandão que estavam na aeronave e também morreram no acidente, o texto destina a expressão “outras três pessoas”. Resume a história das outras vítimas da queda à quantidade de passageiros no veículo, sem se importar com suas trajetórias e individualidades.

A *constatação*, por sua vez, utiliza formas de retórica para universalizar discursos. Identificamos este tipo de *mito* nos momentos em que o texto trata de Fernandão como modelo a ser seguido, reiterando o conceito de que o jogador é exemplo de “espírito esportivo e de liderança”, “companheirismo e amizade”.

Embora o texto faça referências constantes ao fato de Fernandão ser ídolo da

torcida por suas atuações e conquistas como jogador do Internacional, o *imaginário* apresentado pela matéria, em relação ao atleta, também trata de temas para além dos campos. Fernandão é descrito como símbolo e exemplo de companheirismo, caráter e amizade, além de espírito esportivo. Apesar da morte do jogador, o texto sugere que seu legado permanece, tornando-se eterno.

O texto da matéria analisada apresenta *estereótipo*, conforme define Barthes (2010). No que diz respeito às homenagens prestadas a Fernandão, o texto traz ações que parecem naturais, óbvias, ou seja, estão ancoradas no senso comum. A sugestão de que o atleta dê seu nome a uma rua, que o clube construa uma estátua à sua semelhança ou ainda seja respeitado um minuto de silêncio antes do início de uma partida de futebol, são identificados como reforço na manutenção de estruturas. Trata-se de uma repetição que leva à alienação.

Também identificamos, na redação, a presença do *estereótipo* do ídolo como exemplo a ser seguido. O texto, a partir de estruturas como manifestações de torcedores e profissionais, indica que ídolos do esporte são pessoas cujas ações devem ser admiradas e repetidas.

A matéria tem como temática principal as manifestações de torcedores, autoridades e profissionais do futebol sobre a morte de Fernandão. Mesmo que o assunto não tenha relação direta com a prática esportiva, a narrativa apresenta elementos que são típicos da escrita voltada ao esporte, ou seja, seu *socioleto*. O jogador morto é definido como “ídolo”, “craque” e “capitão”; entre as características que o definem. A matéria utiliza termos como “liderança” e “espírito esportivo”.

A torcida do Internacional é definida como “colorada” e uma das fontes é creditada como “líder de torcida organizada”. Sobre as homenagens que serão realizadas ao atleta morto, o texto cita a solicitação de “um minuto de silêncio” e a exclusão da “camisa número 9” do uniforme de jogo do clube.

3.3 “Uma perda grande para todos”

Ocupando metade do espaço da página 22, da edição de terça-feira, 9 de junho de 2014, a matéria⁴⁴ é ilustrada por uma única imagem, localizada na parte superior da folha, à esquerda. A fotografia é creditada a Geovana Cristina, da Folhapress⁴⁵. A imagem mostra o caixão de Fernandão – sobre o carrinho que faz o transporte do féretro dentro do cemitério – sendo acompanhado por amigos e familiares do jogador. Todas as pessoas que aparecem na foto são homens brancos. De acordo com a posição em que aparecem, é possível deduzir que o carrinho estava sendo levado –

⁴⁴ Reprodução da matéria em anexo.

⁴⁵ A Folhapress é a agência de notícias do Grupo Folha. Comercializa e distribui conteúdos como fotos, vídeos, textos, colunas, ilustrações e infográficos.

do ponto de vista da fotografia – da esquerda para a direita. Além dos homens que aparecem com a mão no carrinho, outros acompanham o grupo em torno do caixão, que só tem pequenas partes visíveis na imagem (o restante é tapado pelas pessoas que o levam). O esquife é de madeira escura e tem em sua volta um arco de metal dourado, que serve como alça.

Alguns dos homens que aparecem perto do caixão de Fernandão são conhecidos. Exemplo é o jogador Alex Dias⁴⁶ e o cantor Leonardo⁴⁷, que estão ao lado esquerdo do carrinho e ajudam a levá-lo; o jornalista Felipe Vieira, está logo atrás, e o ex-presidente do Internacional, Fernando Carvalho, aparece do outro lado do carrinho. Os homens em primeiro plano – à excessão de Leonardo, com calça e camiseta pretas – vestem calças *jeans* e camisetas ou camisas polo, que variam nas cores azul escuro, preta, verde, cinza e listrada em branco e azul. Alguns deles estão usando óculos escuros. À frente do carrinho vai um jovem que veste calça jeans e camiseta branca, na qual é possível identificar um símbolo do Goiás. No pescoço, uma corrente com um pingente. O garoto está com a cabeça voltada para trás e, no ombro direito, repousa a mão esquerda de Alex Dias. À excessão deste menino e de Leonardo, que olha para frente, os homens que aparecem em primeiro plano, na imagem, estão cabisbaixos. Ao lado direito do carrinho, na parte da frente (à direita, na imagem), é possível identificar o pai de Fernandão, Galdino Lúcio da Costa, que veste uma camisa listrada em branco e preto e usa óculos escuros. Vemos apenas parte do seu ombro e rosto, já que ele se encontra atrás do féretro, amparado por alguém que caminha ao seu lado e o abraça, descansando a mão direita sobre seu ombro.

No fundo da imagem, identificamos diversas árvores com troncos marrons e folhas verdes, que cobrem o horizonte e não permitem que vejamos o céu. Mais à frente, estão dois troncos maiores, que formam uma espécie de “V”, já que estão mais próximos entre si, abaixo, e vão se distanciando enquanto crescem. A imagem é acompanhada da legenda “Enterro de Fernandão em Goiânia: morte teve repercussão entre os jogadores do selecionado brasileiro”.

A frase “Fernandão é lembrado”, encima todo o texto. A matéria está distribuída em seis parágrafos que ocupam o espaço de duas colunas, à direita da fotografia. A linha de apoio destaca a repercussão da morte do jogador entre os atletas da Seleção Brasileira de futebol e as manifestações feitas nas redes sociais. Os parágrafos seguintes tratam das declarações de outros jogadores, com destaque para o que disse o atacante Fred. A fala do jogador é apresentada entre aspas e uma das frases é a que dá título à matéria. Em sua manifestação, Fred destaca as características de

⁴⁶ O atacante Alex Dias de Almeida jogou com Fernandão pelo Goiás.

⁴⁷ Ambos naturais de Goiás, o cantor e Fernandão eram amigos há cerca de 20 anos. Nos finais de ano, costumavam promover partidas beneficentes com a participação de artistas e jogadores de futebol.

Fernandão como jogador e colega de profissão. O texto segue destacando outras manifestações, como a do então presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), José Maria Marin, a do zagueiro David Luiz e a do então presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA), Joseph Blatter.

Análise

A matéria é ilustrada por apenas uma fotografia que mostra o caixão de Fernandão sendo levado por amigos, em um carrinho. O *studium* é composto por aqueles elementos que identificam a circunstância em que a o *operator*, ou seja, o fotógrafo, registrou a cena. Nesta fotografia, estes itens são compostos pelas árvores, que aparecem ao fundo e nos indicam que se trata de um cemitério parque; pelos detalhes da madeira nobre e das alças douradas que conferem à urna mortuária aspecto luxuoso; e pelas características compartilhadas pelos homens que cercam o caixão: são jovens, brancos e estão vestidos de maneira informal, a maioria com calças jeans e camisetas escuras. Estes aspectos conferem à cena feição de simplicidade, que contrasta com o rebuscamento do caixão.

O que nos atinge nesta imagem ou seja, o *punctum*, é o olhar de curiosidade do menino que caminha à frente do carrinho que leva o féretro. Aparentando entre 10 e 12 anos – idade próxima à dos filhos mais novos de Fernandão –, ele veste uma camiseta branca com o símbolo do Goiás. Seu rosto está voltado para trás e, com os olhos arregalados, ele fita um dos homens que está ao lado do caixão. Trata-se de Alex Dias, também jogador do Goiás. A mão esquerda do atleta está justamente sobre o ombro do menino. Este toque não é suficiente para nos indicar a relação entre eles. O menino pode ser filho de Alex. Assim como também pode ser um jovem fã.

A legenda que acompanha a imagem aborda dois temas. O primeiro deles tenta apresentar a imagem falando do enterro de Fernandão em Goiânia. O segundo tópico tem relação ao texto da matéria e trata da repercussão da morte do atleta com os jogadores da Seleção Brasileira de Futebol.

Identificamos, no texto, o *fait divers de coincidência de antítese*, na descrição que o jogador Fred, da Seleção Brasileira de Futebol, faz de Fernandão. Ao defini-lo como “um atleta diferente dos demais”, sugere que as características atribuídas a Fernandão são opostas ao padrão dos colegas de profissão. Entendemos, portanto, que a relação entre jogador de futebol e as virtudes associadas a aspectos cognitivos, como inteligência, ou mesmo profissionalismo, é apontada como contraditória.

Na mesma declaração deste jogador, identificamos outro trecho que aproxima termos contrários. Sobre um encontro com Fernandão, este atleta afirma que foi, ao mesmo tempo, rápido e marcante, como se houvesse um fator desconhecido, misterioso, que transformasse uma ocasião corriqueira de encontro entre colegas de profissão em

algo que se tornasse memorável.

Embora a morte de uma pessoa reconhecida cause comoção, identificamos o *fait divers de causalidade de causa perturbada* quando o texto sugere que o falecimento de Fernandão é uma grande perda para todos. A morte de uma pessoa – mesmo que seja representativa, como um ídolo do esporte – é fenômeno natural que, na narrativa, ganha proporções para além do entendimento humano e passa a significar uma perda, um aniquilamento que afetaria a todas as pessoas.

O *mito* se manifesta no texto desta matéria a partir de diferentes figuras de retórica. A *identificação*, que sugere a redução das diferenças e transformação do díspar em si mesmo, é percebida na fala do jogador Fred. Ao afirmar que Fernandão era um profissional sobre o qual todos, no futebol, falavam bem, ele trata de ignorar aqueles que são diferentes, entendendo a totalidade dos jogadores, com suas experiências e individualidades, como tendo a mesma opinião. A ideia de universalidade também é percebida como *quantificação da qualidade*, já que resume as peculiaridades do que sente cada um dos colegas de profissão ao somatório.

O *ninismo* também está presente na declaração do presidente da CBF, José Maria Marin. Ao falar das virtudes do jogador que recém havia morrido, o dirigente ressalta que Fernandão era um grande atleta que se destacava fora dos campos, pelo seu comportamento profissional. Reduz a realidade às características do ser humano enquanto trabalhador.

Nos trechos da matéria destinados a descrever as qualidades de Fernandão, encontramos a *constatação*. Ao optar por expressões como “grande personalidade”, “grande homem”, “caráter incrível”, “acima da média” e “líder”, o texto acaba por universalizar o discurso, sem investir na explicação. A *tautologia*, por sua vez, é manifesta na recorrência do termo “ídolo” para classificar o jogador, também descrito como “acima da média”.

O *imaginário* sobre Fernandão, construído pelo texto desta matéria, dá conta de um ídolo que morre de forma trágica mas que é respeitado por colegas de profissão. Mais do que as qualidades, enquanto jogador, e dos títulos conquistados, a narrativa trata Fernandão como um jogador diferenciado, acima da média, especialmente no que diz respeito ao caráter, à liderança e à inteligência. O atleta é descrito como alguém de personalidade e que estava sempre pronto a ajudar os colegas.

Identificamos, neste texto, trechos que atuam no reforço de ideias e manutenção de estruturas sociais, definidos por Barthes (2010) como *estereótipos*. Ao publicar manifestações de jogadores que compunham a Seleção Brasileira de Futebol, à época, a matéria sugere que os esportistas se conhecem e, de certa forma, representam uma categoria unida. O texto também destaca as manifestações de presidentes de

instituições representativas da modalidade, no Brasil e no mundo, tornando oficial o luto pela morte de Fernandão.

No texto analisado, identificamos características de linguagem associadas ao Jornalismo Esportivo. A morte de Fernandão é relacionada a uma “perda” para a torcida do Internacional e para todos que apreciam futebol. A informação de que o atleta fez parte de equipes que venceram campeonatos é resumida a “ganhou muitos títulos”. A ideia de que o *socioleto* apresenta figuras de intimidação pode ser exemplificada com a utilização do termo “Seleção Brasileira”. Embora possa significar o selecionado de qualquer modalidade, a imprensa esportiva utiliza esta forma para denominar a equipe de futebol, visto a predominância deste esporte nas notícias da editoria.

Outra expressão que tem relação com o jornalismo esportivo é observada na descrição das qualidades de Fernandão “fora de campo”, como se isso representasse todas as esferas da vida do atleta para além da profissão, no caso, o esporte. Uma das fontes da matéria, um também jogador de futebol, é creditado como “zagueiro” em sua fala, indicando a posição que ocupa quando disputa uma partida. Outra função desempenhada por atletas, destacada pelo texto, é a de “capitão”.

3.4 “Saudade eterna do ídolo”

Publicada na última página, a de número 28, da edição de segunda-feira, 9 de junho de 2014, a matéria⁴⁸ ocupa quase a totalidade do espaço. Divide-o apenas com um anúncio publicitário, no canto inferior esquerdo. Duas fotografias ilustram a notícia, organizada em dois textos. A primeira está posicionada no canto superior esquerdo da página e é creditada à Folhapress. A imagem, publicada em orientação de retrato, mostra o caixão de Fernandão durante o velório. A urna mortuária de madeira escura aparece, em perspectiva, na parte inferior da foto e tem sobre ela duas bandeiras: uma, do Goiás, e outra, do Internacional. O reflexo no vidro que cobre o caixão impede que se veja, na foto, o corpo velado. Do lado esquerdo do esquife, temos uma fila de homens que aguarda para passar ao lado do corpo do ex-jogador. Um deles veste a camisa verde com o símbolo característico do Goiás. Do outro lado do caixão, há um homem de pé, cabelos pretos, vestindo uma camiseta preta, com detalhes em rosa. Com o tronco voltado para o caixão, ele observa o corpo de Fernandão. O dedo indicador da mão direita toca o vidro, na altura do rosto jogador. O antebraço repousa na borda do caixão. Logo atrás da urna, está pendurada uma camisa do Goiás, disposta em um cabide de plástico transparente, exposta em uma haste de madeira. Colocado com as costas à mostra, o uniforme ostenta o nome do patrocinador “Neo Química”, na parte superior; no centro, em destaque, está o número 100 e, logo abaixo, o nome “Fernandão”. A camisa tampa metade do paramento em forma de esplendor

⁴⁸ Reprodução da matéria em anexo.

prateado, cujo centro ostenta a imagem de Jesus Cristo, em dourado, crucificado. No fundo da imagem, na parte de cima, e sem foco, identificamos coroas de flores: no canto esquerdo, composta por flores amarelas, envoltas com folhagem verde e uma faixa branca ao centro e, no canto direito, com a mesma estrutura, porém as flores em cor vermelha. Abaixo da foto, a legenda diz: “O enterro do eterno ídolo dos colorados em Goiânia. Inter propôs que a cerimônia fosse em Porto Alegre”.

A outra fotografia que estampa a matéria está localizada, em orientação de paisagem, do meio para baixo da página, à direita. O registro, creditado ao fotógrafo Ricardo Giusti, mostra a missa realizada no auditório Araújo Vianna, em Porto Alegre. A imagem, feita a partir do palco do anfiteatro, apresenta, em primeiro plano, ao centro, uma cruz branca. No palco também estão dispostas três caixas de som.

Em segundo plano, está a plateia do auditório, dividida em três fileiras. Os assentos estão praticamente lotados, restando poucas cadeiras livres na área reservada, que está separada por cordões de isolamento. Este setor, em que alguns lugares estão vagos, está localizado na fileira do meio, no espaço mais perto ao palco. Embora não seja possível observar detalhes das pessoas que ocupam assentos na plateia, identificamos a predominância da cor vermelha nas roupas. Em alguns pontos do auditório, também é possível perceber pessoas vestindo roupas brancas e pretas. Distinguimos a presença de homens, mulheres e algumas crianças. Atrás da fileira de cadeiras do meio, vemos uma estrutura em forma de portal.

A parte superior da foto mostra a cobertura do auditório, feita com estruturas metálicas. O prateado contrasta com o preto do telhado. Também percebemos detalhes fluorescentes – como se fossem lâmpadas ou mesmo a incidência de luz solar – que cria uma fileira de retângulos brancos intercalados. Abaixo desta fileira, identificamos quatro estruturas semelhantes a árvores iluminadas, na cor vermelha. Dispostas com a mesma distância entre si, elas aparecem atrás de cada uma das fileiras de cadeiras das laterais e duas atrás da fileira do centro. A foto é acompanhada pela legenda “Solenidade lembrou a trajetória vitoriosa do jogador”.

O texto é assinado pelo jornalista Fabrício Falkowski e está dividido em duas partes. A primeira delas, ilustrada pela foto em destaque, está disposta em seis parágrafos distribuídos em duas colunas, à direita da página. O tema deste texto são as homenagens rendidas a Fernandão desde as manifestações em redes sociais, na internet, passando por informações sobre o memorial que foi criado por fãs, no Estádio Beira-Rio, até informações sobre o velório, que aconteceu em Goiânia. O texto apresenta declarações de um torcedor colorado, que levou flores ao memorial, e do então presidente do Internacional, Giovanni Luigi.

Análise

Iniciamos nossa análise pela categoria *fotografia*, a partir da identificação dos elementos que, define Barthes (2015), como copresentes nas imagens: o *studium* e o *punctum*. A maior das imagens da matéria retrata uma cena do velório de Fernandão. Nela, o *studium* é identificado a partir de itens como a camisa do Goiás, que leva às costas o nome do jogador, e parte do símbolo do Internacional, estampado em uma bandeira vermelha, depositada sobre o caixão. Outros artigos contribuem para identificação da imagem, como as coroas de flores, ao fundo, e o paramento prateado em forma de esplendor, localizado na cabeceira da urna mortuária. Percebemos que as pessoas que acompanham o velório de Fernandão e que aparecem nesta fotografia são todas homens.

O que nos punge, como explica Barthes (2015), o detalhe que nos atinge tal qual uma flecha que surge da imagem, é o toque do homem no vidro que tampa o caixão de Fernandão. Com o dedo indicador da mão direita, o homem encosta no caixão na altura em que está o rosto do jogador. Este ato simboliza o último contato com o ídolo que, em algumas horas, será enterrado.

A legenda da fotografia sugere a rivalidade entre os clubes (e as cidades) onde Fernandão jogou. Afirma que o enterro foi realizado em Goiânia, mesmo que o Inter tenha proposto que as cerimônias fossem feitas em Porto Alegre.

Na segunda fotografia da matéria, o *studium* é composto pela massa de pessoas vestindo roupas predominantemente vermelhas, o que nos sugere torcedores do Internacional reunidos com o objetivo de homenagear o ídolo Fernandão. A estrutura do telhado e a disposição das cadeiras nos indicam que se trata de um auditório. O fato de as pessoas estarem de pé é um indicativo de que o momento em que o registro foi feito era de reverência, comum em cerimônias religiosas. O *punctum* nos atinge justamente na contradição entre o local, um auditório utilizado para realização de espetáculos artísticos, o público vestindo roupas ligadas ao universo esportivo e a cruz colocada sobre o palco e que aparece centralizada na imagem. É neste símbolo sacro que sentimos o ponto sensível da fotografia. A legenda afirma que durante a cerimônia foi lembrada a trajetória de vitórias de Fernandão.

Identificamos, no texto, a presença dos personagens dramáticos definidos por Barthes (1970): velho, criança e mãe. Neste tipo de estrutura, o conflito se dá pela presença destes atores que, naturalmente, simbolizam pureza e fragilidade e despertam emoção. Esta estrutura, categoriza o autor, corresponde ao *fait divers de causalidade de causa esperada*. O velho é representado por um avô, torcedor do Internacional, que leva duas netas crianças para o pátio do Estádio Beira-Rio onde foram realizadas homenagens a Fernandão. Em sua manifestação, o idoso sugere que as virtudes do atleta morto deveriam servir de exemplo para as crianças. Os personagens dramáticos voltam a surgir, na narrativa, na figura da esposa de Fernandão (que representa a mãe)

e dos filhos.

Outro tipo de *fait divers de causalidade* é de *causa perturbada*. Percebemos esta estrutura no texto a partir da ideia de que a morte de Fernandão, um ídolo de futebol brasileiro, cujos admiradores se concentram em dois estados – Rio Grande do Sul e Goiás – gerou manifestações que alcançaram todo o Brasil e chegaram ao mundo, unindo atletas de todos os clubes. A ideia da totalidade e da onipresença é oriunda do Sujeito Absoluto, da fatalidade que se encarrega daquilo que a racionalidade não dá conta.

Também percebemos, na matéria, o *fait divers de coincidência de antítese*, cuja estrutura aproxima termos antagônicos. No caso da matéria analisada, percebemos este tipo de notícia sensacionalista na afirmação de que a morte de Fernandão uniu desportistas de clubes diferentes, ressaltando os gremistas, tradicionais adversários do Internacional. A morte de um jogador com as características de Fernandão, indica o texto, é capaz de aproximar até rivais do campo.

Ao analisarmos o texto da matéria, a partir da categoria *mito* e suas tipologias, identificamos a *vacina* na ideia de que, embora Fernandão tenha morrido, ele permanecerá “vivo” na memória e nos corações dos torcedores colorados. A economia da compensação se apresenta no entendimento de que, apesar de a presença física do jogador não ser mais possível, as lembranças, rememoradas por aqueles que o admiravam, serão responsáveis por manter sua existência. Esta mesma passagem também apresenta o *ninismo*, já que equilibra a morte do jogador e a ideia de que sua lembrança será eterna.

A *omissão da História* é identificada no trecho em que o texto resume a circunstância do falecimento ao acidente de helicóptero, sem apresentar detalhes sobre as causas ou etapas da investigação da queda. Percebemos este tipo de *mito*, também, nos momentos em que a matéria limita a trajetória de Fernandão aos episódios de vitória e heroísmo, subtraindo os momentos de contradição e baixo rendimento como profissional.

O *mito da identificação* está presente nesta matéria na ideia de que a comoção pela morte de Fernandão alcançou o Brasil e o mundo, como se o falecimento do atleta fosse sentido da mesma maneira por todas as torcidas de futebol do universo. Ao enfatizar que o sentimento de perda foi sentido, inclusive, por gremistas, a matéria ultrapassa as diferenças entre os clubes e suas torcidas e os descreve como iguais, com os mesmos sentimentos, na mesma intensidade.

A redundância, ou seja, a *tautologia*, se apresenta na repetição dos termos que descrevem Fernandão: “ídolo”, “herói” e “extraordinariamente superior” são expressões utilizadas para caracterizar o jogador. Já a *constatação* é manifesta na ênfase às

qualidades do atleta. Sem investir em explicações, o texto ressalta que se tratava de uma pessoa diferenciada cuja morte é irreparável. Além disso, era exemplo de trabalho que deveria ser seguido.

Também identificamos no texto a *quantificação da qualidade*. Esta figura retórica se apresenta em trechos que sugerem que esportistas de “todos” os clubes de futebol se solidarizaram com o morte de Fernandão, assim como as homenagens contaram com colorados de “todos” os tipos e de “todos” os cantos do Brasil. O destaque, portanto, está na contagem, na cifra.

A partir da categoria *imaginário*, percebemos que o texto desta matéria sugere Fernandão como um ser superior cuja morte foi capaz de unir desportistas de diferentes clubes – inclusive do tradicional rival colorado, o Grêmio. Em diferentes trechos, a narrativa ressalta que o atleta construiu uma trajetória vitoriosa, com características relacionadas à liderança, e que se aplicavam tanto a aspectos profissionais, como na conduta pessoal de Fernandão. Sua morte é considerada uma perda irreparável e sua história um exemplo a ser seguido por crianças.

A matéria também se preocupa em destacar a ligação próxima que o atleta tinha com o clube colorado, mesmo que tenha saído e defendido outros times.

Identificamos, nesta matéria, a presença de alguns *estereótipos*. Baseado no senso comum, a morte, por exemplo, é tratada como um fenômeno sobrenatural, capaz de apagar as diferenças (visto que até mesmo adversários de Fernandão lamentam sua morte) e atingir grandes proporções, ao provocar manifestações que “chegaram ao mundo”.

Os torcedores, por sua vez, são descritos a partir de sua passionalidade. São destacadas as emoções daqueles que se dedicam a torcer por um clube de futebol e que, com a morte do ídolo, estão mais comovidos. Ao citar o exemplo de um avô que leva duas netas para o pátio do Estádio Beira-Rio com o objetivo de prestar homenagens ao ídolo recém morto, o texto também sugere a influência da família, reforçando a manutenção de uma estrutura social.

É preciso considerar o contexto em que a linguagem está inserida para identificar e interpretar o *socioleto*. No caso da matéria analisada, percebemos a presença de termos relacionados à prática do jornalismo esportivo. Ao se referir a torcedores de Internacional e Grêmio, por exemplo, o jornal utiliza apenas os termos “colorados” e “gremistas”. O contexto, neste caso, sugere que o leitor tenha conhecimento prévio sobre como são denominados os fãs de cada um dos clubes. Outro termo ligado às notícias de esporte é o “ex-capitão”, que indica o jogador que representa o time dentro de campo.

3.5 “Veneração ao ídolo continua”

A matéria⁴⁹ publicada na edição de terça-feira, 10 de junho de 2014, do *Correio do Povo*, divide o espaço da página 20 com um anúncio colocado no rodapé da folha. A única foto que ilustra a produção está posicionada no canto superior, à direita do espaço destinado à informação jornalística, delimitado entre duas finas linhas vermelhas: uma na parte superior e outra na parte inferior. A imagem, em orientação de paisagem, é creditada ao Corpo de Bombeiros e mostra os destroços do helicóptero em que estava Fernandão. A carcaça da aeronave está em solo de terra marrom, onde também repousam diversas partes e peças do veículo. Ao centro do registro fotográfico, encontra-se a parte maior do helicóptero, em que se localizam as cabines do piloto e dos passageiros. Voltadas para cima, duas aberturas indicam onde estavam os vidros das janelas. Os esquis de pouso estão para o ar, sugerindo que a aeronave está virada. No chassi do veículo, predomina a cor branca, mas percebemos algumas peças de outras cores, como amarelo, laranja e verde.

Ao lado esquerdo do que sobrou do helicóptero, após a queda, vemos um bombeiro militar, de pé, com a perna esquerda um pouco mais à frente e o corpo voltado aos escombros. Os braços estão soltos, ao lado do tronco, com pernas e mãos abertas. Ele usa botas pretas e uniforme composto por gandola, calça e boné da cor bege, além de óculos escuros. As mangas estão dobradas até a altura do cotovelo. Embaixo da gandola, vemos o detalhe vermelho da gola de uma camiseta. O rosto está virado para o helicóptero. Do lado direito do chassi, repousam duas estruturas metálicas que lembram hélices da aeronave.

A imagem foi capturada durante o dia, visto que mostra o céu azul e a sombra produzida pela carcaça do veículo, em função da orientação solar. O bombeiro está exatamente nesta sombra. Em virtude da perspectiva em que a foto foi feita, vemos a faixa de terra marrom por cerca de dois terços da imagem, no sentido horizontal, de baixo para cima. A parte superior da imagem é composta pelo céu azul, uma linha fina de vegetação verde, que aparece no horizonte, e uma outra faixa de areia em tom mais claro ao da terra. A ponta de um dos esquis de pouso está sobre as faixas de areia, de vegetação e atinge um pedaço do céu. A legenda que acompanha a imagem diz “Delegada aguarda laudos do Instituto de Criminalística para identificar causas do acidente do último sábado”.

O texto é assinado pelo jornalista Fabrício Falkowski e está dividido em três partes. A primeira localiza-se logo abaixo do título e têm seus cinco parágrafos distribuídos em duas colunas, ao lado esquerdo da imagem. A linha de apoio destaca as homenagens da torcida e o agradecimento da viúva. A formatação das colunas

⁴⁹ Reprodução da matéria em anexo.

é interrompida pela inserção de um quadro branco, colocado justamente sobre as colunas, fazendo com que as palavras contornem este elemento gráfico⁵⁰. Neste espaço, está em destaque uma fala da esposa de Fernandão. Antes da declaração, duas aspas vermelhas, em fonte maior que o texto, são dispostas de forma centralizada. O nome de Fernanda Costa aparece em negrito, abaixo da citação. O texto, escrito pelo jornalista, trata das homenagens que seguem sendo realizadas por torcedores e fãs e da organização da missa de 7º dia de morte do jogador. Também encontramos uma nota de agradecimento assinada pela viúva de Fernandão, ao apoio recebido em virtude do falecimento do marido. Em seguida, são apresentadas informações sobre as investigações das causas do acidente. Neste parágrafo, são citadas instituições como Polícia de Goiás, Aeronáutica e Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos (Cenipa).

Embora a segunda parte do texto não tenha relação com o acidente ou a morte de Fernandão, está localizada logo abaixo da fotografia e entre as duas notícias que tratam do tema. O parágrafo está escrito sobre um retângulo laranja claro, colocado em orientação de retrato, com os cantos arredondados. O título, escrito em letras pretas, diz “Bombeiros liberam estádio”. Outros dois elementos gráficos estão no retângulo além do texto. Uma linha vermelha separa o título do parágrafo e duas espécies de setas, que indicam à direita, estão colocadas no início do texto. O conteúdo deste quadro apresenta informações sobre a liberação, por parte dos bombeiros, do Estádio Beira-Rio, que estava sendo preparado para a disputa de jogos da Copa do Mundo de Futebol.

O último dos textos está localizado abaixo da imagem no canto inferior, à direita da página, e traz, na cartola, a palavra “Investigação”, seguida pelo título “Polícia diz que piloto estava no comando”. Este trecho da matéria apresenta duas manifestações da delegada responsável pelas investigações das circunstâncias do acidente aéreo e o prazo para a conclusão do inquérito.

Análise

A fotografia que ilustra a matéria tem como *spectrum* os destroços do helicóptero em que Fernandão estava. Identificamos o *studium* a partir de elementos como a vastidão da faixa de terra que nos sugere ser um local afastado, de difícil acesso. O céu azul, a sombra do veículo projetada no chão e as mangas arregaçadas da gandola do bombeiro, assim como os óculos escuros que ele usa, são indicativos da presença do sol no momento e que a imagem foi capturada. Contrário, portanto, ao momento do acidente, acontecido durante a madrugada. O fato de o chassi do veículo estar desfigurado, com diversas partes e fios pendurados, além de outras peças espalhadas ao seu redor, sugerem-nos a violência do impacto causado pela queda.

⁵⁰ Conhecido no jornalismo como “olho”.

Em condições normais, o esqui de pouso é a única parte de um helicóptero que toca o solo. É ele que sustenta o veículo nos momentos em que a aeronave não está voando. O *punctum*, nesta fotografia, é representado justamente por esta peça, que na foto, é a que se encontra mais afastada do chão. Esta oposição entre as condições esperadas para o esqui e a posição em que ele é mostrado na foto nos atinge e causa desconforto.

A legenda, por sua vez, dá continuidade ao que é denotado na foto e faz referência às investigações que buscam identificar as causas do acidente.

Apontamos no texto da matéria o *fait divers de coincidência de antítese* na descrição do espaço que foi montado por torcedores colorados com o objetivo de prestar homenagens ao ídolo que recém havia morrido. Trata-se de uma espécie de altar improvisado instalado no pátio do Estádio Beira-Rio. Percebemos a aproximação de temas que são opostos. De um lado, uma atividade terrena como o futebol, de outro, aspectos religiosos como um altar. A mesma relação é percebida no trecho em que a matéria trata a missa de 7º dia, programada para uma igreja de Porto Alegre, e que contaria com a presença de jogadores e torcedores do Internacional. A relação que poderia ser entendida como heresia parece encontrar justificativa para além da racionalidade.

Outro trecho do texto apresenta o mesmo tipo de notícia sensacionalista, também envolvendo a torcida. Embora Fernandão tenha construído sua carreira a partir das atuações pelo Internacional, a matéria destaca que até mesmo torcedores do Grêmio, rival colorado, manifestaram apoio à família do jogador.

A matéria também apresenta *fait divers de causalidade de causa esperada*, que envolve personagens definidos por Barthes (1970) como dramáticos. A esposa de Fernandão (mãe de dois dos filhos do jogador) é citada em diferentes momentos da narrativa e, em nome da família, agradece as mensagens de apoio recebidas, além de destacar as virtudes que observava no marido.

Percebemos, no texto, alguns dos tipos de *mito* descritos por Barthes (1980). A *vacina* está presente na ênfase da narrativa à constatação de o piloto estar no comando da aeronave. Embora a matéria não aborde a questão, o fato de Fernandão ter licença para pilotar aeronaves motivou o surgimento da hipótese de que ele pudesse estar pilotando o veículo no momento da queda. O fato de a investigação concluir que o lugar era, na verdade, ocupado pelo piloto, atua como compensação. Embora o acidente tenha vitimado fatalmente cinco pessoas, a ideia de que um profissional experiente e preparado para a atividade estava no comando da ação atua como espécie de reparação.

A trajetória de Fernandão é citada no texto, mas não em sua completude. Identi-

ficamos nestas passagens a *omissão da História*, já que a matéria se ocupa apenas em destacar os momentos de vitória, de grandes feitos e dos cargos que o atleta ocupou no clube. A narrativa suprime as situações em que Fernandão foi criticado pela torcida, ou mesmo demitido pelos resultados que obteve à frente da equipe.

Ao citar a carta que a viúva Fernanda Costa publicou para agradecer o apoio recebido pela morte do marido, o texto equipara as torcidas colorada e gremista. Ao mesmo tempo em que elimina as diferenças entre os apoiadores dos dois clubes – *identificação* – também os coloca equilibrados, indicando que ambos têm a mesma importância para a família – *ninismo*. Este último tipo de *mito* também está presente no trecho que trata das investigações das causas do acidente. Embora a matéria cite que ouviu pessoas que, de alguma forma, acompanharam a circunstância, e que foram realizadas vistorias no local, não chegou a nenhuma conclusão.

A *tautologia*, que trata de definir algo por si mesmo, está presente nas passagens em que o texto define Fernandão como ídolo e alguém venerado pelos torcedores colorados. A repetição destes termos serve de refúgio para a falta de explicação. Já a *quantificação da qualidade* é identificada nos momentos em que a matéria destaca a procura pelo Estádio Beira-Rio como “tão grande”; na expectativa de que “um grande número” de jogadores acompanhem a missa de 7º dia e na investigação que ouviu “todas as pessoas”. Nestes casos, a ênfase está no tamanho, e não na propriedade.

A matéria credita a Fernandão algumas características que contribuem na construção do *imaginário* sobre jogador. Esta organização mental, conforme destaca Barthes (1977), mesmo que não seja manifesta, está presente em toda linguagem social. No caso do texto que analisamos, percebemos que a imagem do atleta morto em acidente aéreo é destacada por termos como “capitão” e “ídolo”. Seus feitos, jogando pelo Internacional, também recebem destaque, principalmente quando a matéria afirma que os torcedores “o veneram”. Da mesma forma, a manifestação da viúva, publicada na matéria, trata da relação que o jogador teria com o clube do qual, segundo ela, era torcedor mesmo depois de se afastar dele profissionalmente.

Observamos, portanto, que o *imaginário* sobre jogador, nesta matéria, é o de um atleta que venceu muitos títulos e pelo qual a torcida nutria uma admiração especial. O texto também destaca a forte ligação entre Fernandão e o Internacional, relação que é valorizada no universo do futebol e tem como significado a lealdade do atleta.

Em relação à categoria *estereótipo*, identificamos, no texto da matéria, elementos enraizados no senso comum como, por exemplo, a imagem da viúva de Fernandão, que surge na narrativa para agradecer às manifestações de apoio à família e de admiração ao marido morto. À torcida, por sua vez, se reservam as emoções e a citação das diferentes maneiras de homenagem prestadas ao ídolo. As informações que tratam da investigação das causas do acidente são repletas de órgãos e entidades oficiais,

sugerindo a manutenção das estruturas sociais.

A matéria que trata sobre as homenagens póstumas dirigidas ao jogador, e do inquérito que examina as causas do acidente que matou Fernandão, apresenta linguagem social típica da prática do jornalismo esportivo. O *socioleto* relacionado a esta editoria é observado, por exemplo, nos trechos em que o texto utiliza o termo “ídolo” para se referir a Fernandão. Observamos, também, que representantes e integrantes da diretoria do Internacional são resumidos a “dirigentes”. Já a torcida do clube é identificada apenas como “colorada”.

4 O SEGUNDO TEMPO – ZERO HORA

Em 2014, época da morte de Fernandão, a equipe da editoria de esportes do jornal *Zero Hora* estava composta por dois editores de conteúdo digital e seis editores de conteúdo impresso, 10 repórteres e dois assistentes. Embora tivesse um caderno de esportes que circulava às segundas-feiras, em virtude da proximidade da Copa do Mundo de Futebol, a publicação estava suspensa. Para a cobertura do falecimento do ex-jogador, juntaram-se a esta equipe profissionais de outras editorias do jornal. Deste grupo, três profissionais (os repórteres Leandro Behs e Guilherme Mazui e o fotógrafo Carlos Macedo) foram enviados a Goiás para acompanhar o velório e o enterro de Fernandão. Os materiais produzidos foram publicados na versão impressa do periódico – cujas produções compõem o *corpus* de nossa pesquisa – e também na página digital do veículo⁵¹.

Tabela 5 – Matérias de *Zero Hora* que compõem o corpus

Data	Páginas	Título
8 de junho de 2014	2-3	Fernadão 1978 – 2014
	4-5	Queda às margens do Rio Araguaia
	6-7	A comoção
	8	A saudade
9 de junho de 2014	2-3	Aplausos, lágrimas e saudade

Elaborado pela autora (2017).

4.1 “Fernandão 1978 – 2014”

A primeira⁵² das matérias publicadas pela versão impressa do jornal *Zero Hora*, sobre a morte de Fernandão, ocupa as páginas 2 e 3 da edição de domingo, dia 8 de junho de 2014. Creditada ao fotógrafo Jefferson Botega e datada de 13 de setembro de 2017, a fotografia que ilustra o texto ocupa a totalidade da página 3 e um terço da página 2. A imagem, posicionada à direita da matéria, mostra o rosto de Fernandão em perfil, voltado para a esquerda. Embora o semblante do jogador esteja escuro, é possível reconhecer seus traços por meio do contorno da testa, do nariz, dos lábios, do queixo e início do pescoço. Percebemos, no topo da cabeça do atleta, os cabelos despenteados, além dos pelos da sobrancelha, dos cílios e da barba. Em seu perfil, identificamos detalhes como o supercílio e o nariz, que se encontram na mesma linha, em destaque, diferente do queixo recuado. A imagem contempla o rosto (de perfil) de

⁵¹ Informações obtidas a partir de entrevista com a editora Débora Pradella, em 15 de janeiro de 2017.

⁵² Reprodução da matéria em anexo.

Fernandão, até a altura da orelha esquerda, atrás da qual passa o cabelo do jogador. Embora a imagem de Fernandão esteja escura, identificamos a variação de cor entre o cabelo e a pele do rosto do jogador. A diferença – embora sutil – de cores também nos mostra o contorno da bochecha do atleta.

Em segundo plano, está um mastro que sustenta, em seu ápice, uma bandeira nas cores vermelha e branca em que, mesmo não sendo nítido, reconhecemos o símbolo do Inter exposto em sua metade vermelha. A flâmula está presa ao lado esquerdo do mastro, no topo, e tremula – possivelmente em virtude do vento – inclinada para baixo. O fundo da fotografia é preenchido pela cor cinza do céu, no dia em que a imagem foi capturada. O gris é mais claro na parte superior da foto e escurece conforme chega à base inferior.

Além da foto e do texto, a matéria conta com outros elementos gráficos. No canto superior esquerdo, há um triângulo preto e, no rodapé da primeira página, uma linha preta. O título da matéria “Fernandão 1978 – 2014” é escrito em letras pretas no topo das folhas. O nome do jogador está grafado em maiúsculo, com as seis primeiras letras na primeira página e o restante na segunda. As últimas cinco letras estão sobrepostas à fotografia, que também recebe os numerais, estes, em tamanho menor.

A linha de apoio tem grifado, em letras maiores e maiúsculas, as palavras “Acidente aéreo matou”. O texto do jornalista Moisés Mendes tem nove parágrafos divididos em duas partes e distribuídos em duas colunas. A primeira – e maior – parte da matéria tem como temáticas as características profissionais e qualidades pessoais de Fernandão e a trajetória de conquistas pelo Internacional. O texto também apresenta uma fala do atleta, datada de 2009.

A segunda parte do texto é precedida pelo título “Respeitado por duas torcidas” e trata da relação do jogador com a família, especialmente a mulher e os filhos. A matéria também destaca a admiração de gremistas pelo ídolo colorado.

Análise

A matéria é ilustrada por uma única *fotografia* que ocupa espaço de pouco mais de uma página. O *spectrum* da imagem é representado pelo perfil do rosto de Fernandão que aparece em contraluz, ou seja, a fonte de iluminação está atrás do jogador fotografado. Este efeito faz com que o rosto do atleta não seja iluminado e, portanto, não revele detalhes, destacando apenas o formato criado a partir da testa, do nariz, dos lábios e do queixo de Fernandão. O céu está cinza, indicando que a imagem foi capturada durante o dia, em um momento em que as nuvens se sobrepuseram aos raios solares. Ao fundo da fotografia, a imagem de uma bandeira vermelha e branca do Internacional nos sugere que o cenário do registro é o Estádio Beira-Rio. O tom rubro da flâmula também nos mostra que a imagem é colorida já que, fora deste detalhe,

todos os elementos da fotografia estão em escala de cinza.

O *punctum* desta imagem é a ausência sugestionada de Fernandão. Embora seu corpo esteja presente, representado e retratado, trata-se, de certa maneira, de uma sombra. Não há luz nem nitidez. O pretume é o que dá forma a sua silhueta. Temos a certeza de que é Fernandão, mas a sensação é de que ele não está mais ali.

Não há legenda acompanhando a fotografia, mas o título da matéria, que se condensa ao nome do atleta e aos anos em que nasceu e morreu, é publicado sobre o céu cinza da imagem.

O texto apresenta algumas das estruturas que Barthes (1970) define como sensacionalistas. São relações entre termos cujo desfecho é o despertar de emoção no leitor. Nesta matéria, identificamos o *fait divers de coincidência de repetição*, no trecho que afirma existir uma reincidência nos casos de morte de jogadores de futebol em épocas próximas à realização de Copa do Mundo. A repetição de mortes de atletas, assim como a de Fernandão, nos meses que antecedem o campeonato mais importante do mundo sugere que a causa esteja além do entendimento racional, seria resultado da *fatalidade* que pode atingir a todos e a qualquer um.

Esta mesma relação nos apresenta o *fait divers de causalidade de causa perturbada*, já que a preparação e realização de uma competição, como a Copa do Mundo de Futebol, desperta expectativas em relação ao contexto da modalidade, o que inclui seus principais atores: os jogadores. Entretanto, o óbito destas referências não é o desfecho esperado.

Este mesmo tipo de *fait divers* está presente em outras passagens do texto. Ao relacionar a pouca idade, 36 anos, e os feitos conquistados, o texto afirma que Fernandão não tinha vivido tempo suficiente para conquistar tudo o que era imputado a ele mas, mesmo assim, havia feito mais do que se esperava. Mais uma vez, não se encontra explicação na racionalidade. Embora os elementos objetivos – as três décadas e meia vividas – indicarem que o jogador não pudesse ter chegado tão longe no que diz respeito, principalmente, a tornar-se um ídolo e um exemplo, ele o fez.

O resultado, diferente do esperado, também é destacado pelo texto na ocasião da disputa do Campeonato Mundial de Clubes. De acordo com a matéria, o favorito a ganhar o título era o Barcelona. Entretanto, o Internacional venceu o jogo e conquistou a competição. A matéria sugere que Fernandão foi quem mostrou para os colegas a maneira de vencer a equipe mais forte. A explicação está além da racionalidade, assume o papel de *fatalidade*. Ao acaso, também é atribuída a responsabilidade pela morte de Fernandão. Conforme o texto, são os “deuses de plantão nas Copas” que levam embora atletas importantes nestas épocas.

Ao destacar a família de Fernandão e ressaltar a esposa (mãe) e os filhos

(crianças), o texto apresenta o *fait divers de causalidade de causa esperada*. Nesta estrutura, o teor de excepcionalidade é deslocado para os personagens, que Barthes (1970) define como dramáticos.

Também observamos na matéria o *fait divers de coincidência de antítese* nos momentos em que o texto descreve que até mesmo torcedores do Grêmio, tradicional rival do Internacional, comoveram-se com a morte de Fernandão. Outro momento da narrativa em que identificamos esta estrutura é a afirmação de que Fernandão teria “ressuscitado” o Internacional. Justamente o ídolo que acabara de morrer teria sido o responsável por, anos antes, devolver à vida o clube o qual defendia.

O texto apresenta o *mito vacina* na ideia de que, apesar da tristeza e comoção geradas, a morte de Fernandão responde a um propósito maior, determinado por seres superiores ou, como define a matéria, os “deuses de plantão nas Copas”. Outro *mito* que identificamos é a *omissão da História*, que se manifesta especialmente nos trechos que descrevem a trajetória de Fernandão e excluem circunstâncias de derrota e contestação da torcida, resumindo a história do jogador aos momentos em que conquistou títulos e consagração. A narrativa também omite detalhes das controvérsias em uma das tentativas de retorno do jogador ao Internacional da mesma forma com que suprime a demissão de Fernandão, quando ocupava o cargo de técnico.

Este episódio apresenta outro tipo de *mito*, a *identificação*. O fracasso de Fernandão à frente da equipe, o quê poderia manchar a trajetória do atleta, é explicada pelo texto como um desafio enfrentado com coragem. Aquilo que serviria como *contestação* é utilizado pela narrativa como *ressonância*. A ideia de que todas as torcidas se comoveram da mesma forma com o falecimento de Fernandão também atua como *identificação*, já que trata de remover as diferenças.

A *tautologia*, por sua vez, faz-se presente no texto pela insistência de que Fernandão era uma referência, um caso exemplar a ser seguido e admirado. Os termos “um dos maiores ídolos”, “ídolo genuíno”, “o maior ídolo” e “ídolo de todas as torcidas”, atuam neste sentido.

A *quantificação da qualidade* está presente nos momentos em que o texto enfatiza números a despeito das peculiaridades. Logo no título, a matéria estampa os anos de nascimento e morte de Fernandão e, em seguida, sugere que foram “apenas 36 anos de idade”. Ao descrever um episódio em que o Estádio Beira-Rio estava lotado, o texto também valoriza a quantidade, mesma relação quando afirma que Fernandão era respeitado por duas torcidas, referindo-se aos colorados e aos gremistas.

O *mito da constatação*, que generaliza ao invés de investir na explicação, manifesta-se na redação pelo uso de aforismos, como o de que a morte de Fernandão seria a repetição de uma tragédia proporcionada pelos “deuses da Copa” e também na

descrição de Fernandão como alguém que se destacava pela capacidade de liderança e amor à família.

O texto dedica-se, basicamente, a apresentar Fernandão e, portanto, é rico em informações que tratam do *imaginário* sobre o jogador. Considerado uma referência contemporânea no futebol, o atleta tem sua história marcada por meio da passagem pelo Internacional, ao mesmo tempo em que também fez história no clube com a conquista de importantes campeonatos. Além dos aspectos e características profissionais de Fernandão, a matéria aborda as virtudes pessoais que tornaram o jogador – diferente da maioria dos colegas de trabalho – referência em temas como liderança, inteligência, refinamento e até diplomacia, elementos que o tornam um exemplo a ser seguido não só por colorados mas, também, por gremistas. O texto destaca, enfim, o aspecto familiar, ao citar a esposa e os três filhos.

O *imaginário* sobre Fernandão, proposto por esta narrativa, indica que o atleta sequer teria idade suficiente para conquistar tudo o que conseguiu. Além da relação próxima com o Internacional, o texto aproxima o jogador da cidade de Porto Alegre e do “jeito gaúcho”.

Sobre o episódio que culminou na demissão de Fernandão do Internacional, o texto sugere que o jogador “submeteu-se” ao desafio de assumir a função mas que, ainda assim, ele era “maior do que as desavenças”. Percebemos que, embora a liderança seja umas das características que o texto reforce sobre Fernandão, ele foi, de certo modo, agente passivo na decisão de assumir o posto de treinador.

O texto apresenta algumas imagens que dão conta do *estereótipo* do goiano: moço com jeitão de boiadeiro e que gosta da vida campeira. Também percebemos esta estratégia de linguagem nas referências aos ídolos. A matéria indica que, ao contrário da maioria, Fernandão era um ídolo genuíno, ou seja, que não contou com estratégias de *marketing* na tomada de decisões e maneira de agir. O texto insinua, portanto, que os ídolos contemporâneos são, na verdade, criados pelo mercado, com base em planejamento.

Ao afirmar que épocas próximas à realização de Copas do Mundo de Futebol são momentos em que referências do esporte morrem, o texto também investe no reforço de uma ideia baseada na *fatalidade*.

O primeiro dos textos publicados pelo jornal *Zero Hora* sobre a morte de Fernandão apresenta termos e expressões característicos ao jornalismo esportivo, ou seja, compõem o *socioleto* deste grupo social. Embora a utilização destes recursos não impeça o entendimento daqueles que não estão integrados – desde que dominem a língua – sugere que esta comunicação seja segmentada.

Fernandão, o personagem principal da narrativa, é apresentado como “ídolo”,

“craque”, “consagrado” e “capitão”. Sobre suas qualidades, destacam-se a “liderança” e o “refinamento técnico”. A principal competição mundial de futebol que estava prestes a ser realizada no Brasil, é definida apenas como “Copa”. Os temas relativos ao Internacional e ao Grêmio são tratados como “colorado” e “gremista”, assim como os representantes da diretoria dos clubes são definidos por “dirigentes”.

Aqueles que estão em times diferentes, a matéria, define como “adversários”. Sobre as competições vencidas, o texto faz referências a “conquistas” e a “taça”. Ao citar os profissionais de imprensa que se dedicam ao esporte, utiliza-se o termo “comentarista”. Sobre as qualidades e características de Fernandão para além da prática profissional, a expressão escolhida é “fora do futebol”. Já a morte do jogador, considerada precoce, é creditada a uma decisão dos “deuses do futebol”.

4.2 “Queda às margens do Rio Araguaia”

A matéria⁵³ publicada nas páginas 4 e 5 da edição de domingo, 8 de junho de 2014, no jornal *Zero Hora*, dedica-se a abordar os detalhes da queda do helicóptero que matara Fernandão no dia anterior. Além de outros elementos gráficos, três imagens ilustram os textos. A primeira delas – e maior – está localizada na página 4, entre o título e o bloco de texto. A fotografia, apresentada em orientação de paisagem, é creditada ao Corpo de Bombeiros de Goiás e mostra a carcaça da aeronave em que Fernandão estava. O que sobrou do helicóptero, após a queda, aparece no solo, com fios e peças pendurados, pedaços amassados e algumas partes espalhadas pelo chão de terra.

O veículo está à direita da imagem e, ao seu lado esquerdo, um bombeiro em pé, com as mãos para trás do corpo, observa o resultado do acidente. Ele usa botas pretas e veste uniforme composto por gandola e calça na cor bege. Na altura do ombro direito, reconhecemos uma insígnia com a bandeira de Goiás aplicada no uniforme do profissional. Ele usa capacete amarelo com detalhe em cinza. A fotografia foi feita à noite, visto que o fundo da imagem está escuro, motivo pelo qual só identificamos o veículo e o bombeiro na foto. A legenda que acompanha a ilustração diz “Bombeiro observa o que restou da aeronave em que estava o ex-atacante colorado e mais quatro pessoas. Queda não deixou sobreviventes”.

A segunda figura da matéria está posicionada, em orientação de retrato, à esquerda da página 5. Trata-se de uma imagem de satélite, da região onde ocorreu o acidente, às margens do Rio Araguaia. No canto inferior, à direita da figura, em destaque, aparece um mapa do estado de Goiás, com a indicação do ponto que está ampliado ao lado. Já no canto superior, à esquerda da imagem de satélite, está uma

⁵³ Reprodução da matéria em anexo.

foto do helicóptero antes do acidente. A estrutura é branca, em sua quase totalidade, mas com detalhes dos vidros escuros das janelas. Na imagem, o helicóptero está voando, da esquerda para a direita, em um dia de céu azul. Também vemos o topo de algumas árvores que aparecem por trás da aeronave. A legenda desta foto diz “O helicóptero Esquilo, prefixo PT-YJJ, onde estava o ex-jogador”.

A última das imagens desta matéria está posicionada à direita da página 5 e é creditada ao jornalista Diogo Olivier. Ela mostra Fernandão, em primeiro plano, e os filhos gêmeos, Eloá e Enzo, sentados nas cadeiras azuis da arquibancada de um estádio de futebol. O jogador veste uma camisa polo da cor cinza e uma calça escura. Nos pés, um tênis azul, com solado branco. Na mão esquerda, o atleta segura um celular. Quanto à mão direita, repousa sobre a coxa do mesmo lado. O pé direito está sobre o encosto da caldeira da frente. Do seu lado esquerdo está a menina, e em seguida, o menino. Ambos vestem camisas amarelas, mesma cor dos tênis de Enzo. Os três estão olhando para o horizonte. A legenda é “Com os filhos, na partida entre o Brasil e Panamá, no Serra Dourada, uma das últimas imagens do ex-atacante do Inter”.

A diagramação das páginas conta com outros elementos gráficos. No canto esquerdo superior da primeira folha, está localizado um triângulo preto. Mesmo formato que se repete à direita da página, em tamanho maior, e onde lemos “Relatos do socorro”, escrito em branco. Abaixo deste triângulo, temos as falas de dois bombeiros. Os relatos são precedidos por aspas, na cor preta, em tamanho maior que as letras. No rodapé da página 4, vemos uma linha preta, ao passo que, na folha seguinte, a linha é cinza.

O título da matéria está estampado em letras maiúsculas, pretas e, assim como a linha de apoio, é distribuído na extensão das duas páginas. O texto está dividido em três blocos. O primeiro é assinado pelo jornalista Marcelo Gonzatto e traz informações sobre o acidente que matou Fernandão. A matéria apresenta detalhes da queda e cita as autoridades responsáveis pelas investigações. No decorrer do texto, a frase “traumatismo craniano e ferimento na perna” está em destaque, sendo escrita em letras maiúsculas e maiores do que o restante da matéria. O segundo bloco traz a manifestação, em destaque, dos dois bombeiros que ajudaram no resgate.

O último texto está publicado à direita da página 5 e é assinado por Diogo Olivier, autor da fotografia que ilustra esta parte da matéria. Ao escrever em primeira pessoa do singular, o jornalista conta sobre o último encontro que teve com Fernandão, em Goiás, ocasião em que registrou a imagem do jogador com os filhos. Este bloco recebe o título “A imagem de um pai zeloso”.

Análise

A fotografia estampada na primeira página da matéria apresenta os destroços do

helicóptero de Fernandão após a queda. Identificamos o *studium* em elementos como o céu escuro, indicando que a imagem foi capturada à noite, e o chão de terra, que mostra a praia onde a queda aconteceu. O veículo está desfigurado e com peças espalhadas pelo chão, resultado da violência do acidente. Não há sinal de fogo, sugerindo que a aeronave não explodiu. Ao lado, um bombeiro uniformizado e com um capacete amarelo observa o que restou do helicóptero. Seus braços estão colocados atrás do corpo com as mãos cruzadas. A posição sugere certa impotência: diante da cena, não há o que fazer.

É justamente este detalhe que identificamos como o *punctum* deste fotografia. O profissional responsável por resgates e salvamentos em situações de perigo está imóvel, complacente, impotente neste caso. Nada mais pode ser feito.

A legenda que acompanha a imagem afirma que o bombeiro observa os restos da aeronave em que estavam Fernandão e os amigos.

A segunda das fotografias desta matéria não nos pune. É a imagem do mesmo helicóptero em algum momento antes do acidente. Identificamos, pelo *studium* que ele está voando, já que os esquis de pouso estão no ar e a aeronave encontra-se acima das árvores que também aparecem na imagem. O céu azul com poucas nuvens sugere um dia com condições climáticas favoráveis para o voo do helicóptero. A legenda explica que o veículo, identificado a partir de seu prefixo, é o mesmo em que estava Fernandão.

A última fotografia da matéria mostra Fernandão e os filhos gêmeos, Enzo e Eloá, sentados na arquibancada de um estádio de futebol. Os assentos de metal, pintados de azul, mostram que o trio está em uma parte popular, não se trata de camarotes, por exemplo. As crianças vestem camisas amarelas, indicando se tratar de um jogo da Seleção Brasileira de Futebol. Fernandão apoia o pé na cadeira da frente, sugerindo estar à vontade no local. Os três olham para o mesmo lugar, possivelmente o campo onde o jogo se desenvolve. Embora o ângulo da foto mostre quase uma centena de outras cadeiras em volta do trio, não há nenhuma outra pessoa no registro.

O que nos toca, nesta imagem, é a certeza de que a cena não se repetirá. Para Barthes (2015), essa é a relação entre a *fotografia* e a morte. A imagem do pai com os filhos é, de certa forma, a certificação de que Fernandão existiu e, mais do que isso, da sua relação com a família e o que o futebol representou para eles. A fotografia serve de prova ao mesmo tempo em que não pode mais ser reproduzida. Este ponto é, para nós, o *punctum*.

A legenda que acompanha esta imagem afirma que o jogador levou os filhos para uma partida amistosa da Seleção Brasileira de Futebol, no estádio Serra Dourada, em Goiás. O texto sugere, ainda, que aquela é uma das últimas imagens do jogador.

Identificamos o *fait divers de coincidência de antítese* na aproximação que a

narrativa apresenta entre a alegria e a euforia e o silêncio e as lágrimas. De acordo com o texto, este foi o caminho percorrido pelos fãs de Fernandão que, com sua morte, trocaram a felicidade das comemorações pela tristeza do falecimento do ídolo. A contrariedade também se apresenta na afirmação de que o jogador, dias antes do acidente que o matou, estava “feliz da vida”. A expressão avizinha a vida da morte, a presença da ausência, a alegria da tristeza.

A redação sobre as circunstâncias do acidente apresenta estrutura que identificamos como de *fait divers* de *causalidade de causa perturbada*. O texto traz elementos que sugerem que o voo em que Fernandão estava não evidenciava qualquer disfunção aparente. A matéria indica que o atleta costumava passar os finais de semana nesta praia e que o helicóptero é meio de transporte comum na região. Também não havia indícios de mau tempo que pudesse ter influenciado na queda, ou mesmo uma explosão da aeronave, quando caiu. Tudo parece dentro da normalidade, mas o desfecho é trágico. À fatalidade, se imputa a responsabilidade pelo acidente. Mesmo depois da queda, o texto indica que Fernandão estava vivo, pois foi socorrido e ainda respirava. Apesar disso, morreu. Mais uma vez credita-se ao *sujeito absoluto* o cenário para o qual não se encontra explicação, da mesma forma com que a matéria sugere que o destino está em dívida, por levar Fernandão.

Os personagens dramáticos, descritos por Barthes (1970), também figuram neste texto. As crianças são representadas pelos filhos do jogador, os gêmeos Enzo e Eloá, que o acompanhavam em um jogo da Seleção Brasileira de Futebol, dias antes do acidente. A mãe é simbolizada pela esposa do atleta que, de acordo com o texto, precisou do auxílio do marido durante o nascimento dos filhos, na França. Quando os médicos insistiam na tentativa da realização do parto natural, Fernandão intercedeu e garantiu que a cesárea fosse realizada. Para Barthes, a presença das figuras dramáticas é suficiente para que seja despertada a emoção do leitor na estrutura que o autor define como de *fait divers* de *causalidade de causa esperada*.

O texto apresenta os sete tipos de *mitos* descritos por Barthes (1980). A *vacina* está presente em dois momentos na narrativa. A primeira diz respeito aos detalhes do resgate logo após o acidente que vitimou fatalmente as pessoas que estavam no veículo. Embora Fernandão tenha morrido e este tenha sido o desfecho, o texto repete, em diferentes trechos, que o jogador foi encontrado vivo, o único que sobreviveu à queda mas que, em virtude dos ferimentos, faleceu horas depois. A ideia do atleta ainda vivo, mesmo depois do acidente, atua como *economia da compensação*. Ainda que a conclusão tenha sido a morte de Fernandão, narrar os fatos, enfatizando que ele estava vivo, mesmo após a queda, é a maneira de *recompensa*. Conforme Barthes (1980), o impacto do *mito* é mais importante do que as explicações racionais que possam desconstruí-lo. Sua força está no imediato momento em que é consumido.

Outro momento em que identificamos este tipo de *mito* está na descrição da participação de Fernandão no parto da mulher, Fernanda, que aconteceu na França, onde a família morava. De acordo com a publicação, o jogador invadiu o hospital e, de certa forma, exigiu que os médicos fizessem a cesariana imediatamente, já que a esposa sentia muitas dores. Conforme a narrativa, para evitar um mal que seria maior – possíveis complicações no nascimento dos filhos – Fernandão age inoculando um mal menor – invadindo o hospital – e exigindo que a cirurgia fosse realizada.

Este trecho também apresenta a *omissão da História*, já que não explica detalhadamente as razões pelas quais a cesariana não havia sido realizada ainda e até que ponto a insistência do pai pode, de fato, influenciar a decisão médica. A matéria também omite trechos sobre o acidente, resumindo a circunstância à ideia de que a aeronave caiu e matou Fernandão e os amigos.

A *identificação* é reconhecida na ideia de que a comoção pela morte do jogador atingiu a todos os fãs de futebol, do Brasil e do mundo. As diferenças e peculiaridades, comuns nos ambientes esportivos, são suprimidas pela morte de Fernandão que, conforme o texto, é sentida da mesma maneira por todos os que gostam e acompanham a modalidade.

Ao insistir no uso de termos como “ídolo” e “dos maiores personagens da história do futebol gaúcho e brasileiro”, o texto é redundante. Já o *ninismo* surge no trecho que trata das investigações das causas do acidente. A matéria cita que não havia registro de qualquer explosão ou problema que pudessem justificar a queda, nem o relato de mau tempo. Pesa dois elementos que poderiam ser causadoras do acidente e rejeita ambos, não apresentando solução ou outra alternativa.

No decorrer da matéria, os números são utilizados para qualificar circunstâncias. Os amigos que morreram junto a Fernandão são tratados como “mais quatro pessoas” ou “o piloto e outros três passageiros”; os títulos do jogador são resumidos a “inúmeras conquistas”; os torcedores que sentiram a morte são “milhões de fãs” e “milhões de colorados”; a queda que resultou na morte de cinco pessoas foi de “150 metros” e o bombeiro que se emocionou, ao atender a ocorrência, tinha “quase 30 anos de trabalho”. Esta economia de inteligência resume as particularidades a números, quantidades.

O texto também apresenta o *mito da constatação*, que investe na universalização em oposição à explicação. Esta figura mítica está presente na matéria, especialmente, na descrição de Fernandão como amigo de todos na cidade e um homem feliz que não guardava rancores e se dedicava à família e aos amigos.

Ao analisarmos este texto a partir da categoria *imaginário*, percebemos que Fernandão é descrito como um dos principais ídolos do Internacional e alguém vitorioso, em sua vida. De acordo com a matéria, por ter espírito de liderança, o atleta foi quem

conduziu a equipe colorada nas principais conquistas do clube. A narrativa sugere que Fernandão era uma pessoa de hábitos simples, que gostava do estilo de vida das cidades do interior e de atividades como a pescaria. O texto também ressalta as relações do jogador com as pessoas das cidades onde morou, destacando o quanto ele era querido por elas.

Ao descrever uma passagem em que Fernandão foi fotografado ao lado dos filhos gêmeos, na arquibancada de um estádio, durante um jogo de futebol, o texto apresenta o jogador como um exemplo de pai que se esforça para passar o maior tempo possível ao lado da família. O texto também destaca o papel de liderança que Fernandão desempenha na família como no episódio do nascimento dos filhos em que ele teria invadido o hospital.

Outros aspectos que contribuem para a construção do *imaginário* sobre Fernandão, neste texto, são características como o sorriso grande e a voz firme e cheia de energia. A matéria também o descreve como uma pessoa feliz, que não guardava rancores e não esquecia os amigos.

Ao analisarmos o texto, a partir das reflexões de Barthes (1996), para a categoria *estereótipo*, percebemos que a matéria investe na manutenção de estruturas sociais e no reforço de ideias cuja repetição leva à alienação. Exemplo é a ideia de pai zeloso atribuída a Fernandão. O texto indica que ele não media esforços para estar ao lado dos filhos apesar dos compromissos impostos pela profissão. Ao narrar fatos do nascimento dos filhos gêmeos do jogador, na França, a matéria imputa ao pai o papel principal, já que ele “exigiu” dos médicos que a cesárea acontecesse imediatamente, pois a esposa “não suportava as dores”. Percebemos que há uma inversão de papéis, posto que o parto é, por óbvio, realizado pela mãe.

Outro *estereótipo* que identificamos na narrativa é o do jornalista esportivo. O texto destaca esse profissional como concentrado e dedicado a escrever, além de ressaltar que ele ocupa posição especial no estádio de futebol, separado da torcida.

O texto que trata dos detalhes do acidente que matou Fernandão utiliza termos e expressões comuns nas matérias voltadas à cobertura de modalidades esportivas. O *socioleto* associado ao jornalismo esportivo é identificado na narrativa a partir de escolha de palavras como “capitão colorado”, “ídolo” e “atacante”, para se referir a Fernandão. A figura de intimidação, que apresenta estas linguagens sociais manifesta-se, neste texto, nos termos “Seleção” e “Copa”. Embora sejam amplos e possam estar ligados a diferentes modalidades esportivas, referem-se ao futebol – mesmo que ele não seja citado.

Ao descrever a roupa dos filhos de Fernandão, a matéria apresenta a palavra “fardados”, assim como afirma que o jogador chamou o Estádio Serra Dourada, em

Goiás, de “casa”. Sobre o comportamento dos torcedores que acompanharam a trajetória do atleta, o texto diz que eram acostumados a “chorar de alegria”. Por fim, a morte trágica é definida como uma perda “monumental”.

4.3 “A comoção”

A matéria⁵⁴ publicada por *Zero Hora*, nas páginas 6 e 7 da edição de domingo, 8 de junho de 2014, destaca 9 momentos da trajetória de Fernandão como capitão da equipe do Internacional. Na parte superior das páginas, fotografias retratam cada uma destas passagens. As imagens são acompanhadas por legenda e data, além do crédito de quem a fez. Com o objetivo de tornar mais clara nossa descrição das fotografias, apresentamos a tabela a seguir.

Tabela 6 – Fotos publicadas na matéria “A comoção”

Legenda Data Crédito	Descrição
Contratação 17/6/2004 Robinson Estrásulas	Fernandão aparece dando entrevista para jornalistas. Perto de seu rosto, estão um microfone e um telefone celular. Sobre uma blusa de manga comprida, o atleta veste uma camisa regata, branca, com detalhes em vermelho, em que está estampado um gorila vestido de vermelho. Atrás do jogador, estão expostas bandeiras brancas e vermelhas de torcidas organizadas do Internacional. Além de Fernandão, cujo corpo aparece do tronco para cima, estão um torcedor, em segundo plano e vestindo camiseta igual à do jogador, e o repórter, que aparece de perfil, segurando o telefone celular. Ambos são brancos.

⁵⁴ Reprodução da matéria em anexo.

Legenda	
Data	Descrição
Crédito	
Estreia com milésimo gol em Gre-Nais 10/7/2004 Divulgação	Imagem das costas de uma camisa vermelha do Internacional. Na parte superior, lemos o nome do patrocinador “Banrisul”. Ao centro, em destaque, está o número 1000 e, logo abaixo, o nome Fernandão.
Chegada à Seleção Brasileira 27/4/2005 Rubens Chiri	Fernandão, vestindo camisa amarela, calção azul e meias brancas da Seleção Brasileira, aparece em um campo de futebol. A bola está à sua frente, na altura do tronco. Os cabelos compridos são presos por uma faixa. A posição das pernas e dos braços indica que ele estava correndo no momento do registro. Ao fundo, a arquibancada não é nítida.
O gol decisivo e o título da Libertadores 17/12/2006 Daniel Marengo	A imagem mostra Fernandão vestindo a camisa vermelha do Internacional, durante um jogo. Ele está com braços abertos, esticados e levemente levantados. As mangas longas da camisa estão arregaçadas até a altura dos cotovelos. No pulso direito, tem uma pulseira preta e, no braço esquerdo, a braçadeira amarela, que o indica como capitão da equipe. Os olhos miram o horizonte e a boca está entreaberta. Os cabelos longos estão presos por uma faixa. Em segundo plano, é possível identificar três jogadores do time adversário. Ao fundo, a imagem da arquibancada não é nítida.
Mundial de Clubes 17/12/2006 Ricardo Duarte	A maior entre as nove fotografias da matéria, mostra Fernandão levantando a taça de Campeão Mundial de Clubes. O jogador veste uma camisa branca e tem nas mãos o troféu que levanta acima da cabeça. A taça é de metal, nas cores prateado e dourado. Em sua base, sustentada pela mão direita de Fernandão, lemos a palavra FIFA. Ao seu lado direito, está o jogador Luis Adriano, que olha para baixo. Atrás de Fernandão, percebemos outros jogadores e, do seu lado direito, Alexandre Pato, que está com a boca aberta. No braço esquerdo de Fernandão, está a braçadeira amarela de capitão, assim como no pulso esquerdo, uma pulseira preta. Sua boca está aberta. A imagem também mostra o braço de um goleiro, que usa camisa de manga comprida amarela e luva. Ao fundo, a escuridão da noite é interrompida por uma fumaça branca.

Legenda Data Crédito	Descrição
O último título 4/5/2008 Ricardo Duarte	Pela posição do corpo e do braço direito, cuja mão está apontada para frente, e pelos cabelos, entendemos que Fernandão estava correndo em campo no momento da foto. Ele veste camisa branca, com detalhes vermelhos, do Inter. No braço esquerdo, está a braçadeira preta de capitão. O jogador sorri. Ao fundo, vemos parte do tronco do juiz da partida, que veste camisa amarela, e pedaços da arquibancada em que predomina a cor vermelha nas vestimentas do público.
Gerente de futebol 19/7/2011 Jefferson Bernardes	Vestindo calça jeans e camiseta branca, Fernandão está sentado na casamata de um estádio, ao lado do jogador D'Alessandro. Ambos estão com os troncos inclinados para frente. Os cabelos de Fernandão estão soltos e sua mão esquerda está sobre o joelho esquerdo do atleta argentino. D'Alessandro veste um calção vermelho e uma camiseta sem manga, na cor branca. Ele olha para frente, ao passo que Fernandão foca o joelho em que toca. As cadeiras em que estão sentados são forradas na cor laranja. Ao lado de Fernandão senta-se uma outra pessoa, da qual só podemos ver as pernas.
Treinador 20/7/2012 Alexandre Lops	O fundo da imagem está desfocado em tons de cinza escuro. Fernandão aparece do tronco para cima, com o corpo virado para a esquerda. Ele veste um abrigo branco, com detalhes em vermelho. Os cabelos negros estão soltos, o rosto está virado para o mesmo lado do corpo e a boca entreaberta. Os braços estão esticados e os dedos indicadores apontam para a frente. A mão esquerda está levemente à frente da outra.

Legenda	
Data	Descrição
Crédito	
A coletiva de despedida	A imagem mostra o rosto de Fernandão em detalhe. Ele leva as mãos aos olhos, como quem enxuga as lágrimas. Os dedos indicador e do meio, das duas mãos, parecem pressionar os olhos. A boca, entreaberta, deixa à mostra os dentes superiores. A cabeça do jogador está inclinada para baixo, na mesma altura dos ombros. No dedo anelar da mão esquerda, vemos uma aliança.
20/11/2012	
Fernando Gomes	

Elaborado pela autora (2017).

Além das fotografias, a matéria apresenta elementos gráficos. Ao longo das páginas, estão distribuídos 12 triângulos pretos. O maior deles está localizado no canto superior, à esquerda da primeira folha. Os outros, menores, servem como marcadores de ítems. A matéria apresenta o texto dividido em quatro blocos. O primeiro deles, localizado à esquerda da primeira página, convida o leitor a acessar o conteúdo digital de *Zero Hora* e a postar fotos e comentários nas redes sociais na internet.

O segundo bloco de texto está logo abaixo do título e apresenta as falas do ex-presidente do Inter, Fernando Carvalho, e do presidente da Federação Gaúcha de Futebol (FGF), Francisco Novelletto. As fontes contam de sua relação com Fernandão. O texto também destaca a nota oficial emitida pelo clube colorado sobre a morte do ídolo.

Outra sessão da matéria mostra as manifestações de oito pessoas ligadas a Fernandão, entre autoridades, dirigentes e jogadores. Cada uma das falas é precedida por aspas pretas, em tamanho maior que as letras. O último dos blocos de texto – cujo título “A trajetória” é escrito em branco, dentro de um retângulo preto – apresenta sete parágrafos sobre a vida pessoal e profissional de Fernandão.

Análise

Os nove momentos da trajetória profissional de Fernandão destacados pela matéria são ilustrados com nove fotografias. Na primeira, o jogador aparece concedendo entrevista. Identificamos o *studium* a partir de elementos como a posição do microfone e do telefone celular, que sugerem que Fernandão estava respondendo a uma questão. Além disso, bandeiras localizadas atrás do atleta e a camisa que ele veste fazem referência a uma torcida organizada do Internacional. Sobre a foto, está instalada a legenda que lembra a data em que o clube contratou Fernandão.

O *spectrum* da segunda fotografia é a parte de trás da camisa vermelha do Internacional. A identificação da peça é possível a partir do *studium*, que também

contempla elementos como o número 1000, em referência ao milésimo gol em Grenais, marcado por Fernandão, e o nome do jogador posicionado abaixo do numeral. A legenda lembra a data de realização da partida e é colocada sobre a fotografia.

Na terceira imagem, o *studium* nos revela elementos como o uniforme da Seleção Brasileira de Futebol, que indica Fernandão defender o país na ocasião do registro. A posição do corpo do atleta e a bola do jogo, que está no ar, são indicativos de que a fotografia foi capturada durante a realização da partida. A legenda lembra a data em que foi realizado o embate.

O *studium* da quarta imagem auxilia na identificação de que Fernandão estava atuando em um jogo de futebol pelo Internacional. Elementos como o uniforme vermelho que o atleta veste e o fundo da imagem, que mostra a arquibancada de um estádio, indicam-nos que a imagem foi capturada durante uma partida. A posição do corpo de Fernandão, com os braços abertos e levantados, remete-nos a uma comemoração. A fisionomia do jogador, no entanto, não nos indica felicidade. Os olhos miram o horizonte e a boca, entreaberta, sugere estafa.

Identificamos como *punctum*, nesta fotografia, o próprio Fernandão, cujo olhar, deduzimos, está voltado para a arquibancada, ou seja, fita os torcedores do clube. Já a posição dos braços, para cima com as mãos abertas, remete-nos à entrega, à rendição. O ídolo, no momento de maior euforia da partida, submete-se à torcida. A legenda descreve a cena como a comemoração do gol decisivo da Copa Libertadores da América e indica a data da partida.

Na imagem seguinte, identificamos o *studium* a partir de detalhes como a taça que Fernandão ergue sobre a cabeça e as feições de alegria dos companheiros de time: trata-se da entrega da premiação de uma competição. O troféu tem a inscrição “FIFA” e lembra que a conquista em questão é o Mundial de Clubes. A braçadeira amarela, que Fernandão ostenta indica que ele era o capitão colorado na partida, fato reiterado por ser ele quem ergue a taça.

O que nos punge, o *punctum*, nesta cena, é justamente a maneira como Fernandão segura e exalta o troféu. A mão esquerda envolve a parte mais delgada da taça, construída em metal prateado e dourado. Por sua vez, a mão direita serve de apoio para a base da peça. O jogador parece não fazer força para levantar o objeto, que surge à frente de uma fumaça branca que cobre o fundo da imagem. A legenda confirma a competição disputada e a data de realização do jogo final.

Na próxima fotografia, o *studium* representa elementos como o uniforme branco do Internacional, vestido por Fernandão, a arquibancada ao fundo, tomada por torcedores vestidos de vermelho, e a braçadeira de capitão utilizada pelo jogador. A posição do tronco, dos braços e dos cabelos do atacante indica que ele estava correndo no

momento em que o fotógrafo capturou a cena.

Identificamos como o *punctum* desta fotografia o movimento proposto pela postura de Fernandão. O braço esquerdo esticado à frente, com o dedo indicador em riste, sugere que ele aponta para algo ou alguém. O sorriso do rosto transmite a felicidade. Era uma alegria compartilhada, dividida, multiplicada.

A legenda sobre a imagem afirma que foi o último título conquistado como jogador do Internacional, além da data da partida.

Na imagem seguinte, o *studium* oferece indícios para que interpretemos a circunstância da fotografia. O fato de Fernandão e D'Alessandro estarem sentados na casamata nos indica que a imagem foi capturada em um dia de treinamento, e não de jogo, por exemplo. A roupa de Fernandão não é esportiva: calça jeans e camisa polo branca. Deduzimos, portanto, que ele não era mais jogador, ao contrário de D'Alessandro, que veste um calção e uma camisa regata.

O que nos pune nesta fotografia é o toque de Fernandão no joelho esquerdo de D'Alessandro. Pela fisionomia, o argentino parece sentir dor, desconforto. A mão de Fernandão, encaixada na anatomia do joelho de D'Alessandro nos sugere a ausculta. Como se a imposição do membro fosse capaz de diagnosticar um ferimento. Além do toque, Fernandão olha para o local, concentrado no contato que estabelece com o corpo alheio.

A legenda, colocada sobre a imagem, indica que, naquele momento, Fernandão era gerente de futebol do clube.

Na imagem seguinte, percebemos o *studium* na roupa que Fernandão veste, um abrigo branco com detalhes vermelhos, o que significa que ele não estava em campo como jogador. A posição dos braços, esticados à frente com os indicadores em riste, propõe que, no momento da fotografia, ele indicava um caminho. A fisionomia sugere preocupação, com os olhos atentos e a boca entreaberta. A legenda explica que Fernandão era, no registro, treinador do Internacional.

Na última das imagens da matéria, identificamos o *studium* a partir da roupa que Fernandão veste, uma camisa preta, e da localização de suas mãos, posicionadas sobre os olhos, como quem tenta segurar o choro. A boca está entreaberta e deixa ver os dentes. A aliança no dedo anelar da mão esquerda indica que Fernandão é casado.

Definimos como *punctum*, nesta imagem, a tentativa de Fernandão em esconder o choro. O atleta parece envergonhado, sente-se desonrado. Cabisbaixo, aperta os olhos, tentando conter as lágrimas. O pranto não lhe parece digno.

A legenda explica que a fotografia foi feita durante a coletiva de despedida de Fernandão do Internacional.

Identificamos, no texto, o *fait divers de coincidência de antítese*, ou seja, a aproximação de termos que, aparentemente, são contrários entre si. No trecho em que um amigo de Fernandão afirma que havia se encontrado com ele em uma viagem descreve-o como “feliz da vida”. Usar esta expressão para definir uma pessoa que acabara de falecer aproxima a ideia de vida e de morte. Outro tipo de notícia sensacionalista que identificamos no texto é o *fait divers de causalidade de causa perturbada*. De acordo com a narrativa, desde o primeiro jogo disputado por Fernandão com a camisa do Internacional, o atleta se tornou ídolo da torcida. O texto sugere que a admiração dos torcedores foi imediata graças ao gol que o atacante marcou naquela partida.

Este tipo de *fait divers* também está presente em outro trecho do texto, quando um amigo de Fernandão conta que recebeu a notícia de sua morte por meio de um telefonema às 5 horas da manhã. Ao afirmar que, no momento em que o telefone tocou, pensou que, pelo horário, só poderia ser uma chamada do próprio Fernandão, o amigo sugere que esperava um desfecho diferente para a situação. O motivo da ligação era, justamente, para informar a morte da pessoa que, julgava ele, poderia telefonar.

A própria trajetória de Fernandão é contada com a utilização de *fait divers de causalidade de causa perturbada*. O filho único de uma família de fazendeiros no interior de Goiás, e que tinha o sonho de ser veterinário, torna-se jogador de futebol profissional, alterando os planos que a própria família havia feito para seu futuro.

A narrativa sobre a vida de Fernandão também apresenta personagens que Barthes (1970) define como dramáticos e que compõe a estrutura do *fait divers de causalidade de causa esperada*. O texto destaca que o jogador vivia com a esposa (mãe), com os filhos gêmeos (crianças) e que tinha uma outra filha de um casamento anterior.

A matéria é organizada a partir do *mito da quantificação da qualidade*, já que destaca nove momentos de Fernandão como forma de resumir a história do jogador. A escolha deste número é uma referência à camisa utilizada pelo atacante. Os números também são enfatizados em outras passagens, como a que relembra que foi de Fernandão o milésimo gol em Gre-Nais. A nota publicada pelo Internacional busca, a partir de dados, condensar as atuações do jogador informando que foram 190 partidas e 77 gols com a camisa do clube e destacando a idade do atleta, 36 anos, e da própria instituição, 105. Ao abordar a trajetória de Fernandão, desde a infância até a aposentadoria, o texto recorre ao número de títulos conquistados para tratar da atuação do então jogador pelo Goiás.

A nota publicada pelo Internacional também faz uso da *vacina*, ao sugerir que, embora o jogador tenha morrido, o que permanece são as lembranças dos momentos de vitória do atleta. O texto propõe que as memórias sirvam como espécie

de compensação pela morte do ídolo. Este trecho também insinua a *omissão da História*, visto que a trajetória de Fernandão foi composta por momentos de derrota, contradições e até mesmo demissão, fatos não abordados na narrativa.

Percebemos a *tautologia* na repetição da imagem de Fernandão como alguém cujas ações devem ser imitadas e admiradas. Esta figura mitológica se manifesta na reincidência de termos como “ídolo”, “ídolo do Inter” e “um dos jogadores mais importantes do Inter”.

O *ninismo* aparece na narrativa da trajetória de Fernandão. De acordo com o texto, a mãe desejava que o filho seguisse os passos dos pais e fosse responsável pela administração das fazendas da família. Já Fernandão tinha como sonho se transformar em um veterinário. Ao equilibrar estes dois fatores e eliminar a ambos, a narrativa limita-se a dizer que ele acabou por perceber o chamado do futebol, tornando-se jogador profissional.

O último dos *mitos* que identificamos no texto é da *constatação*, que insiste na universalização do discurso, naturalizando-o. Sem deter-se na explicação, a matéria descreve Fernandão como uma pessoa que estava feliz e que vivia um momento importante na vida, além de ser um exemplo de cidadão. A narrativa também investe em aforismos, como o de que “ídolo nunca morre” e que o “Inter e a nação colorada estão de luto”.

Em relação à categoria *imaginário*, identificamos, no texto, elementos que contribuem para a construção da imagem atribuída a Fernandão. O jogador é descrito como o maior atleta da história do Internacional, posto que é parte das conquistas de títulos e episódios marcantes. A matéria define Fernandão como um homem que pensava no bem comum antes dos interesses pessoais, que era feliz ao estar com a família e que cultivava amigos. Algumas das manifestações de pessoas ligadas a Fernandão o chamam de pessoa iluminada, correta, superior e diferenciada, cujas qualidades profissionais também podiam ser percebidas nos aspectos pessoais. Este conjunto, sugere o texto, transformou Fernandão num exemplo que deveria ser seguido.

Outro elemento que integra o *imaginário* sobre Fernandão, apresentado na matéria é o fato de ele ser filho de uma família de classe média alta que poderia ter seguido os passos dos pais, na fazenda, mas que, ao contrário, preferiu seguir a carreira de futebolista.

No texto desta matéria observamos a construção de dois *estereótipos*. São trechos cuja ideia é baseada no senso comum e elaborados a partir de *cúmulos de natureza*. Ao tratar da trajetória de Fernandão desde o início da carreira, a narrativa deixa claro que, como filho de família de classe média alta, o destino esperado pelos pais era distante do futebol, junto às fazendas que herdaria. Percebemos o *estereótipo*

de atletas como jovem oriundo de classes socioeconômicas inferiores, como se o esporte, atividade que exige primordialmente capacidades físicas, fosse alternativa para a falta de oportunidades. Em outra via, o texto apresenta o futebol como uma força inevitável, que teria atraído o jogador já que “fez com que ele deixasse a ideia” de trabalhar nas terras da família.

Além de manifestações de pessoas ligadas a Fernandão, a matéria aponta alguns dos momentos que marcaram sua história. Ao contar estas passagens, o texto utiliza termos que identificamos como pertencentes ao *socioleto* associado ao jornalismo esportivo. São palavras que, embora sejam comuns à língua, representam o conjunto de características da linguagem de um grupo social. Nos trechos em que a matéria trata de campeonatos disputados, por exemplo, utiliza as palavras “título mundial”, “Mundial Sub-20”, “Série B” e “títulos estaduais”.

A trajetória de Fernandão é contada com a utilização de verbos como “contratar”, “negociar”, “transferir” e “aposentar” além de termos como “revelação” e “divisões de base”. Suas qualidades, que o texto afirma existiram “dentro e fora de campo”, são descritas com “ídolo”, “espírito de liderança” e “capitão”.

Observamos, no texto, um mesmo termo com significados diferentes: “partida” é utilizada para tratar de um jogo e também para a morte de Fernandão. O verbo “perder”, que também é associado ao *socioleto* do jornalismo esportivo, refere-se, na matéria, ao falecimento do atleta com a expressão “perdeu a vida”.

Ao fazer referências ao Internacional, o texto apresenta expressões como “nação colorada” e “camisa do Inter”, além de “Gre-Nais”. Uma das entrevistas das quais Fernandão participou é chamada apenas de “coletiva”. Já o termo “Seleção Brasileira” trata da equipe de futebol, mesmo sem mencioná-lo.

4.4 “A saudade”

Publicada na página 8 da edição de domingo, dia 8 de junho de 2014, a matéria é assinada pelo jornalista Erik Farina. As duas fotos que ilustram o texto mostram detalhes do pátio do Estádio Beira-Rio, ambas creditadas a Marcelo Oliveira. A primeira delas está posta acima do título, em orientação de paisagem, e mostra o painel decorado e transformado por torcedores colorados em uma espécie de memorial para Fernandão. O muro, predominantemente branco, está à esquerda da foto e tem pendurada uma página de jornal, na qual identificamos a imagem do jogador homenageado e um ramallete com duas flores, uma branca e outra vermelha. O canto inferior à direita do tapume parece desgastado, descolando. À frente, um torcedor, de pé, veste um casaco aberto, da verde musgo aberto, o que permite vermos uma camiseta vermelha abaixo. O homem também usa óculos escuros e tem o corpo virado à esquerda. Com os braços

dobrados, o torcedor aproxima as mãos da boca, cujos lábios estão contraídos. O espaço em que estão o torcedor e o tapume é isolado por uma estrutura de metal. Ao fundo, vemos parte do pátio, com pedras e grama, e a lateral do Estádio Beira-Rio. A legenda é colocada sobre a foto onde aparece o painel e diz “André Schleich foi o primeiro torcedor a levar flores ao estádio onde Fernandão fez história. Na manhã de sábado, outros prometiam segui-lo”.

A segunda foto está em orientação de retrato e tem como destaque a bandeira do Internacional, localizada no pátio do estádio. A flâmula branca e vermelha está a meio mastro. À direita, no registro, vemos parte do Ginásio Gigantinho e, à esquerda, parte do Beira-Rio. A imagem também mostra parte da rua e da calçada onde uma pessoa, vestindo roupas escuras, está sentada. Fios de luz atravessam a imagem no sentido horizontal pouco abaixo da altura em que está a bandeira. No fundo da fotografia, o céu parece branco. A legenda diz “Bandeira do clube foi deixada a meio pau”.

Outros dois elementos não verbais compõem a diagramação da matéria. No canto superior esquerdo da página está um triângulo preto e, no rodapé, há uma linha da cor cinza.

Nos nove parágrafos abaixo da foto maior, o texto tem como temática a movimentação de fãs nas homenagens ao ídolo morto. Dos torcedores que foram ao estádio colorado, três têm suas falas publicadas na matéria, que também cita manifestação feita pelo então prefeito de Porto Alegre, José Fortunati, em redes sociais na internet. O último parágrafo traz informações sobre o velório do jogador.

A parte inferior da página é composta por três citações sobre a morte de Fernandão. Todas são precedidas por aspas pretas em tamanho maior do que as letras. Além de jogadores, a matéria destaca uma manifestação do Grêmio, publicada em rede social na internet.

Análise

Duas fotografias ilustram a matéria. A primeira está posicionada na parte superior da página e tem como cenário o pátio do Estádio Beira-Rio. Identificamos o local pela estrutura aparente. Para Barthes (2015), os detalhes da fotografia que percebemos a partir de conhecimento prévio representam o *studium*. Percebemos outros elementos nesta categoria, como o fato de o céu estar branco, indicando que, embora a foto tenha sido feita durante o dia, não havia forte incidência de sol, predominando a presença das nuvens. A roupa que o torcedor veste nos remete ao inverno gaúcho, já que ele está de casaco. A posição das mãos, próximas à boca, indica que, no momento da foto, ele estava como que enviando beijos para a imagem do jogador estampada em uma folha de jornal. O homem está em frente do painel branco que apresenta partes

avariadas, possivelmente pela incidência de chuva. O mural com partes descoladas e a maneira simples com que uma página de jornal e um ramallete de flores estão afixados indicam-nos que a utilização da estrutura como suporte das homenagens a Fernandão aconteceu de forma espontânea e improvisada.

O detalhe que, para nós, representa o *punctum* está justamente neste despojamento de ostentação. O pôster, colocado de maneira assimétrica e até com as pontas amassadas e, principalmente, o ramallete composto por duas flores, uma vermelha e uma branca, além de galhos de folhas verdes, expressam certa pureza. É como se o importante, no ato, fosse tão somente a homenagem ao ídolo, sem a preocupação estética ou protocolar.

A legenda, colocada sobre a imagem, indica que o torcedor retratado, ou seja, o *spectrum*, foi o primeiro a levar flores ao local.

A segunda fotografia da matéria mostra a bandeira do Internacional hasteada a meio pau, o que simboliza o luto pela morte do jogador. O céu está coberto por nuvens, assim como na imagem anterior. O *studium* é representado por elementos como parte do Ginásio Gigantinho, que faz parte do complexo do Estádio Beira-Rio, e pela aparição das ruas em frente ao estádio, indicando que, para enquadrar a bandeira por completo, o fotógrafo – *operator* – precisou ir ao outro lado da rua.

O que nos punge, nesta *fotografia*, é a presença de um homem, vestido com roupas escuras, sentado no canteiro que separa as duas vias da avenida em frente ao estádio. Identificamos, aqui, o *punctum*, aquele detalhe que Barthes (2015) explica que é delicado na fotografia. O homem sentado na calçada, de preto, simboliza o luto e a tristeza da torcida pela morte do ídolo. Do lado de fora do estádio, local em que Fernandão conquistou títulos pelo Internacional, o homem fita a posição da flâmula que faz referência ao falecimento do jogador.

A legenda é redundante e afirma que a bandeira está a meio pau.

Identificamos, no texto, o *fait divers de coincidência de antítese* na relação entre o Estádio Beira-Rio e a movimentação dos torcedores. Ainda que o resultado de um jogo de futebol possa gerar tristeza nos espectadores – no caso de uma derrota, por exemplo – o local é marcado pela comemoração, alegria e entusiasmo de seus frequentadores. Entretanto, ao descrever a maneira com que os fãs de Fernandão montaram o memorial para lembrar o ídolo morto, o texto destaca apenas elementos relacionados ao desalento, como choro e dor da perda. A *antítese* também surge na narrativa ao aproximar Fernandão, ídolo colorado, ao Grêmio, rival histórico.

O *fait divers de coincidência de repetição* surge na narrativa que descreve – e reaparece em diferentes partes do texto – torcedores que levaram ao memorial, instalado no pátio do Estádio Beira-Rio, flores vermelhas e brancas. De acordo com

Barthes (1970), as repetições são, em certo grau, creditadas ao senso comum.

Identificamos, no texto, mais uma notícia sensacionalista que apela para a emoção do leitor. A declaração de um jogador, amigo de Fernandão, afirma que ele espera, novamente, caminhar ao lado do amigo. Trata-se de *fait divers de causalidade de causa perturbada*, visto que a possibilidade de que tal situação ocorra não encontra argumentos na lógica, relegada aos enigmas da subjetividade.

Reconhecemos, nesta matéria, quatro das figuras mitológicas descritas por Barthes (1980). A *identificação* está presente na declaração creditada ao Grêmio de que, embora seja adversário histórico do Internacional, clube pelo qual Fernandão conquistou seus principais títulos, trata o jogador como exemplo de atleta. Desta forma, atua na diminuição das diferenças. A *tautologia* é recurso utilizado na intensificação da ideia de que Fernandão é alguém cujos feitos são admirados. A insistência no uso do termo “ídolo” atua como redundância.

Os números assumem papel protagônico em trechos da redação. A legenda da foto apresenta o torcedor estampado na imagem como o primeiro a estar no Beira-Rio, ao passo que o texto indica que não foi o único. Outro momento que investe na quantidade está relacionado à declaração de um torcedor que afirma ser, Fernandão, motivo de inspiração para fãs e jogadores pelas próximas duas ou três décadas.

O último dos *mitos* que observamos no texto é a *constatação*, que lança mão do bom senso e de aforismos para universalizar o discurso. Percebemos esta figura mítica em expressões como “olhos cheios de lágrimas”, “viver a dor da perda” sobre a tristeza pela morte do jogador e “onde Fernandão nos deu tantas alegrias”, em referência ao Estádio Beira-Rio. Estas sentenças buscam generalizar pela riqueza de imagens e não pela explicação.

Observamos, neste texto, que o *imaginário* sobre Fernandão é elaborado a partir da fala de pessoas que se manifestam sobre a morte e a trajetória do jogador. Um dos torcedores que foi ao Estádio Beira-Rio prestar homenagens ao ídolo sugere que os exemplos do atleta poderiam inspirar torcedores e jogadores durante algumas décadas. Outras declarações publicadas na matéria são de pessoas e entidades conhecidas. Do Grêmio, tradicional adversário do Internacional, a afirmação é de que jogador era um cidadão fora de campo. Já atletas colorados destacam que Fernandão era uma excelente pessoa com quem mantinham uma relação próxima. Estas passagens sugerem Fernandão como um exemplo a ser seguido e maior do que a rivalidade existente entre os clubes gaúchos.

A matéria tem como temática principal as manifestações dos torcedores após a morte do ídolo. Ao descrever a movimentação de fãs no pátio do Estádio Beira-Rio, onde foi improvisado um memorial para a série de homenagens, o texto ressalta o

estereótipo do torcedor. Apenas homens são citados como realizadores das ações e têm seus aspectos emocionais destacados, como o fato de chorarem, lamentarem e estarem arrasados. Além disso, a narrativa destaca elementos como o uso de camisetas e bandeiras do clube.

Embora o texto aborde manifestações realizadas por torcedores no Estádio Beira-Rio, sua temática principal não está relacionada, diretamente, à prática esportiva, como numa disputa ou competição. Entretanto, percebemos, em suas linhas gerais, características atribuídas à produção jornalística que se ocupa de notícias esportivas. Este *socioleto* é encontrado na utilização de termos como “colorados”, para os torcedores do Internacional; “craque” para definir Fernandão e “adversário” para a relação entre Grêmio e Inter.

Ao citar torcedores que vestiam o uniforme do Internacional ao se dirigirem ao pátio do Estádio Beira-Rio para prestar homenagem a Fernandão, o texto afirma que estavam “fardados”. Sobre as qualidades do jogador morto para além das capacidades profissionais, a matéria define esta esfera como “fora de campo”.

4.5 “Aplausos, lágrimas e saudade”

Os textos e fotos da matéria⁵⁵ ocupam as páginas 2 e 3 da edição de segunda-feira, dia 9 de junho de 2014, do jornal *Zero Hora*. A produção textual tem a assinatura dos jornalistas Guilherme Mazui e Leandro Behs, que estavam em Goiânia. As folhas são ilustradas por cinco fotografias, todas creditadas a Carlos Macedo, e registram o velório de Fernandão.

A maior delas está em orientação de paisagem e ocupa metade da primeira página e pedaço da segunda. A imagem mostra o caixão em que estava o corpo do jogador, cercado por pessoas. A urna mortuária é coberta por duas bandeiras, uma verde e branca, do Goiás, e outra vermelha, do Internacional. Percebemos que, de acordo com a posição dos braços e mãos, várias das pessoas que estão próximas ao caixão estavam batendo palmas no momento em que a imagem foi capturada. No canto inferior esquerdo da fotografia vemos a parte de trás do paramento em forma de esplendor colocado próximo à cabeceira do caixão.

Algumas das pessoas em volta do corpo de Fernandão são conhecidas, como os dirigentes colorados Fernando Carvalho e Giovanni Luigi; os jogadores Alex e Larley, o jornalista Felipe Vieira e o presidente da Federação Gaúcha de Futebol (FGF), Francisco Noveletto. Também estão próximos ao caixão familiares do atleta, como a filha mais velha, Thayná, e o pai, Galdino Costa. São homens e mulheres de diferentes idades. Também não há um padrão em relação à vestimenta. Alguns se vestem de

⁵⁵ Reprodução da matéria em anexo.

maneira formal, enquanto outros estão com roupas informais.

Ao lado desta fotografia, estão publicadas outras três imagens menores do velório, todas em orientação de paisagem. A primeira delas mostra 8 pessoas próximas ao caixão de Fernandão, que aparece apenas em parte. No centro da imagem está a viúva do jogador, que repousa a mão direita sobre o vidro que cobre o esquife, e tem a mão esquerda sustentando o queixo. O cotovelo também está sobre a urna mortuária do marido. O rosto de Fernanda está de perfil e os olhos fechados. Em cada um dos seus lados, mulheres que também colocam a mão sobre o caixão. As outras pessoas da foto são homens. Um deles, o mais alto, está na cabeceira do caixão, olhando para o corpo velado, e vestindo uma camiseta branca com detalhes em verde e amarelo. Ao fundo da imagem, do lado direito, um homem negro olha para o horizonte; do lado esquerdo, um tecido verde em que é possível ver o nome de Fernandão escrito.

A foto seguinte apresenta um jovem torcedor do Internacional cujo corpo é mostrado do tronco para cima. Vestindo uma camiseta vermelha e envolto em uma bandeira vermelha e branca, ele está voltado para a esquerda da imagem. Sua mão direita está no rosto, tapando a boca. Os olhos estão quase fechados. No canto esquerdo da imagem, vemos a cabeça de um homem negro. Ao fundo, embora a imagem não esteja nítida, identificamos uma coroa de flores, com detalhes de folhas verdes, que está exposta em um cavalete de madeira. No chão, percebemos uma linha branca que divide duas áreas. Atrás das flores, uma rede de proteção parece pendurada.

A última das três imagens mostra em detalhe o jogador Larley conversando com um senhor. O atleta está com a mão direita na cintura e veste uma camiseta branca. Seu rosto está levemente voltado à esquerda, com os olhos cabisbaixos. À direita do jogador, o homem está de lado, vestindo terno e gravata. Ele é careca e usa óculos de haste preta. Ao fundo, detalhes em verde e branco e a presença de duas pessoas: uma mulher e um homem, que parecem sentados. Uma única legenda compreende as quatro fotos e diz “Despedida teve dirigentes (foto maior), família (acima, a mulher Fernanda) e colegas como Larley (ao lado)”.

A outra foto da matéria está colocada à direita da página 3 e mostra o jogador Alex em destaque. Ele está em segundo plano na imagem, mas voltado para a câmera, veste uma camiseta escura com detalhes em vermelho e um casaco. Está conversando com um homem, careca, que aparece de costas e veste uma camiseta preta. Em primeiro plano na figura, coloca-se a imagem de duas pessoas, um homem e uma mulher, que aparecem de maneira desfocada. A fotografia está publicada em orientação de retrato e não tem legenda, mas é contornada por texto.

No canto superior esquerdo da primeira página, temos um triângulo preto. No rodapé da mesma página, é impressa uma linha preta, que se torna cinza na página

seguinte.

As quatro palavras que compõem o título da matéria estão organizadas com destaque na página 2, logo abaixo da fotografia maior. Abaixo, a linha de apoio ressalta “a dor pela perda”. O texto, a seguir, tem 10 parágrafos e conta detalhes do velório e sepultamento do corpo de Fernandão. Entre as informações, os contatos realizados por amigos e familiares para comunicarem o falecimento do jogador e a participação de amigos, atletas, familiares e dirigentes.

Ao lado deste bloco de texto, a matéria apresenta o depoimento de quatro pessoas, sendo dois jogadores, um dirigente e um familiar. Ao lado de cada uma das falas, aspas pretas em destaque.

A última coluna de textos é dividida em cinco temas, devidamente identificados por títulos. São eles: “O filho”; “O sertanejo”; “O Araguaia”; “Os colegas” e “A romaria”.

Análise

Os diferentes textos da matéria são ilustrados por cinco fotografias distribuídas em duas páginas. A primeira imagem que analisamos é a maior. A cena foi capturada durante o velório de Fernandão. Reconhecemos a cerimônia a partir de detalhes que Barthes (2015) define como *studium*. Nesta fotografia, dezenas de pessoas estão em volta do caixão, que recebe bandeiras do Goiás e do Internacional. A presença de um paramento em forma de esplendor indica o caráter litúrgico da solenidade. A posição das mãos de grande parte das pessoas nos indica que elas estavam aplaudindo. Muitos dos homens e mulheres – todos brancos – parecem estar emocionados no momento do registro. As pessoas estão próximas ao féretro, indicando que, mesmo que se tratasse de uma personalidade, não houve isolamento do local.

Identificamos como ponto delicado da imagem, ou seja, o *punctum*, o olhar do ex-presidente do Internacional, Fernando Carvalho, ao caixão onde repousa o corpo de Fernandão. O dirigente, vestindo terno e gravata e, assim, emprestando certa formalidade à cerimônia, dirige o olhar para a cabeceira do caixão. Parece incrédulo e, ao mesmo tempo, emocionado.

A segunda imagem da matéria que analisamos mostra a viúva de Fernandão, Fernanda Costa, ao lado do caixão do marido. Destacamos como *studium* os elementos que nos ajudam a identificar a cena como parte da urna, além do paramento e da camisa do Goiás, ao fundo da imagem. A mão direita de Fernanda está espalmada sobre o vidro que isola o corpo do marido. O cotovelo esquerdo também está apoiado no ataúde, enquanto a mão é levada ao rosto, como quem esconde a boca. Os olhos estão fechados, indicando que ela chora no momento. As pessoas em volta dividem os olhares. Algumas miram Fernandão no caixão, outras olham para o lado oposto.

Identificamos como *punctum* desta fotografia os olhos fechados de Fernanda.

Apoiada sobre o caixão do marido, ocorre-nos que ela busca uma alternativa para não ver o que está diante de si. Os olhos fechados, que também nos remetem à emoção de quem chora, servem de subterfúgio para negar a realidade que se apresenta. Por alguns instantes, ela não vê que vela o marido.

A fotografia seguinte tem como *spectrum* um jovem torcedor vestido com a camisa do Internacional. Ele também ostenta a bandeira do clube amarrada no pescoço, como se fosse uma capa. Identificamos o *studium* desta imagem em elementos que nos indicam a circunstância do registro. A coroa de flores que aparece parcialmente e está apoiada em um cavalete nos mostra que se trata de um velório. Outros indicativos sugerem que o local é utilizado para a prática esportiva, como a marcação feita no chão e a rede que aparece pendurada. O jovem leva a mão direita à boca, como quem tenta esconder a emoção. Os olhos parecem fechados com força na tentativa de segurar as lágrimas.

O que nos arrebatava nesta fotografia é a reunião de elementos que parecem tão distantes. Identificamos o *punctum* no encontro entre os elementos esportivos – caracterizados pelo torcedor fardado, a rede pendurada e a marcação no chão – e a morte – representada pela coroa de flores e pela tristeza que o torcedor demonstra. O registro nos parece deslocado. Ginásio não é local de morte, assim como não existe torcida em velório.

Outra imagem que acompanha o texto da matéria mostra o jogador Iarley, colega e amigo de Fernandão, ao lado de outro homem. Identificamos o *studium* a partir de elementos que já conhecemos, como a própria identidade do jogador que acompanha o funeral do amigo, e dos tecidos em verde e branco que aparecem ao fundo e nos sugerem relação com as cores do Goiás. Iarley tem as mãos na cintura e o rosto voltado para o lado esquerdo, movimento acompanhado pelos olhos. O jogador veste uma camiseta branca enquanto o homem que o acompanha se apresenta de maneira mais formal: veste um blazer escuro e uma camisa social branca.

Uma única legenda acompanha as quatro fotografias e afirma que estiveram no velório dirigentes, familiares e colegas de Fernandão.

Na última das fotografias que estampa a matéria, identificamos o *studium* a partir do reconhecimento de Alex, outro colega e amigo de Fernandão, que foi ao velório. Ele conversa com outro homem que aparece de costas na fotografia.

O fato de Fernandão ter falecido aos 36 anos de idade de forma trágica, estimulou definições como "súbita" e "precoce" para sua morte. Identificamos, portanto, o *fait divers de causalidade de causa perturbada*. O conflito, neste caso, é deslocado para o óbito prematuro, desfecho diferente daquele que o senso comum reserva para um ídolo ligado ao esporte e que, embora estivesse fora das atividades como jogador,

frequentava seu universo. Este mesmo tipo de estrutura se repete nos trechos em que a matéria define Fernandão como uma lenda que, ao morrer, transformou-se em história. Na incapacidade de encontrar explicação, a fatalidade serve de consolo.

O *fait divers de causalidade de causa esperada* também está presente no texto. Trata-se dos momentos em que o conflito é deslocado para os personagens dramáticos que, por si só, geram emoção por simbolizarem os diferentes ciclos da vida do ser humano. A narrativa apresenta os velhos, na figura dos pais de Fernandão; a mãe, representada pela mãe do jogador e pela esposa, mãe dos seus filhos; e as crianças, os próprios filhos do atleta.

O texto que relata detalhes das cerimônias fúnebres de Fernandão acaba por aproximar termos antagônicos. Identificamos a estrutura que define o *fait divers de coincidência de antítese* em alguns trechos da narrativa sobre o velório de Fernandão. O fato de a cerimônia ter sido realizada em um ginásio, por exemplo, é contraditório. O local em que são realizadas atividades esportivas se torna cenário da solenidade fúnebre de um jogador de futebol. A própria descrição do féretro é contrastante, já que afirma que o “atacante” estava no “caixão”. A função assumida por Fernandão durante os jogos era investir contra os adversários, enfrentar as situações. Na descrição, ele ocupa lugar no caixão, inerte, inanimado. Outro exemplo deste tipo de *fait divers* é a citação da música preferida por Fernandão lembrada pelo cantor Leonardo, de quem o jogador era fã e amigo. A canção que tem como título “Não aprendi dizer adeus” trata, justamente, da dificuldade de alguém em se despedir, afastar-se, ir embora para sempre.

Ao analisar o texto da matéria a partir das reflexões de Barthes (1980) sobre *mito* e suas tipologias, identificamos na narrativa a *omissão da História* na simplificação da explicação sobre a filha mais velha de Fernandão, citada apenas uma vez e resumida a fruto de “relacionamento anterior” do jogador. A ausência dos filhos mais novos, Enzo e Eloá, no velório do pai também não é comentada, apenas mencionada.

A *tautologia* se manifesta no uso de expressões que designam Fernandão. Identificamos a insistência em tratá-lo como um ser superior, já que o texto lança mão de termos como “ídolo”, “ídolo colorado”, “lenda”, “maior jogador de nossa história”. Percebemos, também, a *repetição*, na tentativa de aproximá-lo ao Internacional, tornando as histórias indivisíveis.

Ao descrever o momento em que o caixão de Fernandão é depositado na terra, o texto sugere que o atleta passou a ocupar outro lugar no mundo, o lugar da história. Neste trecho, identificamos duas figuras míticas: o *ninismo*, que busca equilíbrio entre dois elementos que são distintos – a finitude física e a eternidade; e a *constatação*, que ignora a explicação e universaliza o discurso, a partir de figuras de linguagem. Este tipo de *mito* também está presente em outro momento da narrativa.

De acordo com o texto, o cantor sertanejo Leonardo, amigo de Fernandão, lembrou como música preferida do jogador a canção cujo título é “Não aprendi dizer adeus”. A ideia de que a morte representa uma despedida sugere a música como espécie de aforismo.

O *ninismo* também se repete em outros dois momentos da matéria. Ao narrar que o jogador Alex foi, da tristeza, em ver o amigo no caixão, à distribuição de autógrafos aos fãs no velório, a narrativa equilibra o clima tenso e triste da cerimônia fúnebre e a alegria dos torcedores em encontrar o ídolo e registrar o momento com fotografias. A busca pelo equilíbrio e, desta forma, o refuto dos dois aspectos, também se manifesta na ideia de que as torcidas de Inter e Goiás instalaram uma espécie de disputa durante o velório para definir qual dos grupos realizava mais homenagens para o ídolo em comum.

No decorrer da matéria, os números são enfatizados em momentos específicos. Acontece, como explica Barthes (1980), a *quantificação da qualidade*. Exemplos deste tipo de *mito* estão na descrição do velório a partir do número de pessoas que acompanharam a cerimônia. O texto enfatiza as 3 mil que passaram pelo ginásio onde aconteceu o velório; as 200 que estavam no enterro; os 300 metros que foram percorridos pelo cortejo e as 39 coroas de flores enviadas por amigos, clubes, entidades e familiares. Os amigos de Fernandão que o acompanhavam no helicóptero e que também morreram são reduzidos a “outros três passageiros”. A quantidade também é projetada em termos que se relacionam ao futebol. O texto destaca o gol de número mil em Gre-Nais, que foi marcado por Fernandão, e a atuação do filho Enzo, cujo talento é comparado ao do pai. No dia do enterro de Fernandão, o jovem participou de um campeonato no qual marcou dois gols e fez quatro assistências para os companheiros.

Percebemos o *mito* da *identificação* na tentativa de reduzir as diferenças entre Goiânia e Porto Alegre e entre os torcedores de Inter e de Goiás. A morte de Fernandão, ídolo em comum, seria responsável por homogeneizá-los, suprimindo suas nuances.

O *imaginário* sobre Fernandão é construído no texto como uma lenda, uma pessoa idolatrada mas que morreu precocemente. A ideia de um homem simples, carinhoso e que cultivava amizades mesmo no universo do futebol, marcado por rivalidades, também compõe a imagem trazida pela matéria. Em relação à família, percebemos na narrativa, o destaque para as virtudes de Fernandão como pai, sempre presente, acompanhando a rotina familiar.

O texto, que traz informações sobre os atos fúnebres e enterro do corpo de Fernandão, reforça alguns *estereótipos*. À esposa do jogador, por exemplo, é atribuída a imagem da viúva que precisa ser consolada e que se sente agradecida por ter tido a oportunidade de conviver com o marido. Ao contar detalhes da cerimônia, a matéria investe na ideia de que aqueles homens mais próximos do jogador morto serão

responsáveis por auxiliar no deslocamento do esquife.

Outro trecho que utiliza esta estratégia de linguagem é o que trata de Enzo, filho de Fernandão. O texto ressalta a semelhança da criança com o pai e o desejo que ele tem de seguir seus passos na carreira profissional de jogador. Pelo fato de Fernandão ter nascido em Goiás, ligam-se a ele características como ser amigo de cantores sertanejos e gostar de pescar em rios.

Ao observarmos o textos a partir da categoria *socioleto*, percebemos a utilização de termos associados ao jornalismo esportivo como as referências às “temporadas” de competições como “capitão do mundial”, “campeão do mundo” e “Libertadores”. Ao tratar do velório de Fernandão, o texto credita alguns dos presentes como “colegas”, “companheiros de time” e “dirigentes”. Sobre o comportamento de torcedores na ocasião, destaca que “cantaram os hinos” dos clubes vestidos com “camisas” e expondo “bandeiras”.

Especificamente sobre o atleta morto, a matéria lhe atribui características como “ídolo colorado” e “predestinado”, além de valorizar fatos como ter marcado “gol em final”, jogar “fora de posição” e ser “capitão do Inter”. Ao se referir ao confronto entre Grêmio e Internacional, a matéria resume a “Gre-Nal”.

O filho de Fernandão, Enzo, então com 11 anos, é especialmente citado em um trecho do texto. O interesse do menino por futebol e a semelhança com o pai são as temáticas predominantes, cujas narrativas apresentam termos como “intimidade com os gols”, “atua”, “assistências”, “artilheiro” e “categoria de base”.

CONSIDERAÇÕES (PROVISÓRIAS)

Aos 36 anos de idade, a carreira de Fernandão parecia seguir firme e coerente como um bom passe. Ele havia deixado os gramados há pouco tempo, experimentando outras funções como a de técnico e dirigente, e iniciava um novo desafio: o de comentarista em um canal de televisão. Um final de semana entre amigos, no interior de Goiás, e um voo de helicóptero não autorizado surgem como um drible da vida. A jogada planejada é interrompida. O imponderável, presença constante no universo futebolístico, impõe-se e encerra o jogo. Determinou a partida de um dos mais importantes ídolos da história recente do futebol gaúcho.

A morte de Fernandão motivou a elaboração de novas narrativas sobre sua trajetória profissional e pessoal; sua relação com a família, com os colegas de profissão e com a torcida. O nosso foco, durante o desenvolvimento deste estudo, esteve centrado em matérias jornalísticas que trataram de repercutir o falecimento do atleta. Não nos ativemos, portanto, à própria história vivida e construída por Fernandão. Interessou-nos o discurso midiático produzido sobre o tema.

Nosso objetivo geral, na realização deste trabalho, foi estudar a produção de sentido na cobertura da morte de um ídolo esportivo como Fernandão. Escolhemos como objeto de análise matérias publicadas pelos jornais *Correio do Povo* e *Zero Hora*. Nosso *corpus* é composto por cinco publicações de cada um dos periódicos. Seleccionamos aquelas que foram as primeiras manifestações sobre a morte de Fernandão. Do *Correio do Povo*, analisamos as matérias “Fernandão – o adeus do ídolo”, “As homenagens vão seguir”, “Uma perda grande para todos”, “Saudade eterna do ídolo” e “Veneração ao ídolo continua”. De *Zero Hora*, fazem parte do nosso estudo as matérias “Fernandão 1978-2014”, “Queda às margens do Rio Araguaia”, “A comoção”, “A saudade” e “Aplausos, lágrimas e saudade”.

Como forma de sistematizar nossa mirada para os elementos que contribuem para as reflexões que propomos, recorremos a categorias a priori. Escalamos, para iniciar a partida, a *fotografia*, com as subcategorias *studium e punctum*, *fait divers*, *mito*, *imaginário*, *estereótipo e socioleto*. Nossas categorias são baseadas nas reflexões de Roland Barthes. Partimos, como método – ou regras do campeonato – do *Paradigma da Complexidade*, apresentado por Edgar Morin e que propõe a *transdisciplinariedade*. Deixamos de lado as barreiras entre teóricos e disciplinas e convidamos todos ao jogo. Buscamos promover, de modo permanente, o diálogo entre os diferentes saberes.

Entendemos a cobertura da morte de Fernandão como um tema complexo, já que identificamos a articulação dos diferentes princípios descritos por Morin. Cada

matéria representa uma parte do discurso construído acerca do jogador. É preciso conhecer os fragmentos – e suas relações – para se entender o conjunto enquanto unidade. Ao mesmo tempo, percebemos que cada um dos textos apresenta tentativas de síntese da trajetória de Fernandão, indicando que, nas partes, também encontramos a totalidade.

As matérias que compõem nosso *corpus* apresentam detalhes das manifestações promovidas por torcedores com o objetivo de lembrar o ídolo que recém havia morrido. Algumas das iniciativas, como o mural montado no pátio do Estádio Beira-Rio, tinham como ornamento, justamente, páginas de jornais que estampavam Fernandão. Identificamos, aqui, o anel que aproxima efeito e causa a partir da lógica da realimentação, formando uma espiral. Este modelo também está presente na relação de produto e produtor entre a história vivida por Fernandão e o modo como a mídia a reconta, a partir de novos discursos.

Percebemos a dependência da sociedade na busca de manifestações de pessoas que tivessem participado de momentos relevantes da história de Fernandão, especialmente relacionadas ao Internacional. Mesmo que os textos destacassem as qualidades e virtudes do jogador que havia morrido, prevaleceu a ideia da conquista coletiva.

Em diferentes momentos e com diferentes intensidades, os discursos que observamos nesta pesquisa aproximam termos contrários, especialmente, a *vida* e a *morte*. Esta relação sugere que, embora sejam contrários, a partir do pensamento complexo, estes termos podem dialogar.

Como técnica, voltamos a recorrer a Barthes, desta vez, com suas contribuições acerca da *semiologia*, cuja essência é *qualitativa*. Ao desvelar o que está obtuso, tem como foco menos o *o quê*, e mais o *como* e o *porquê*. Cabe, à semiologia, normatizar as categorias a priori, oferecendo-nos um protocolo operacional a partir do qual olhamos nossos objetos, neste caso, as matérias sobre a morte de Fernandão. Esta técnica nos auxiliou na retirada do véu que naturaliza os discursos.

Mídia e esporte são assuntos que se relacionam intimamente. O jornalismo esportivo colaborou, por exemplo, para a popularização do futebol, na década de 1930, quando a modalidade era reservada à elite. Com a massificação, o futebol passou a ocupar espaço de destaque na sociedade brasileira. Foi classificado como símbolo do país e, em certa medida, ajudou a moldar a identidade nacional. Para autores como Franco Júnior (2007), o futebol é metáfora da vida. Reproduz, no espaço do jogo, as agruras, as alegrias, as conquistas e as derrotas de quem o acompanha, mesmo que da arquibancada.

Neste cenário, surgem os jogadores, ídolos de milhões de torcedores que

representam os clubes no cerne da atividade: o jogo. A mídia mais uma vez se aproxima do futebol. A construção de heróis esportivos é resultado da relação dialética que se estabelece entre o ídolo, os meios de comunicação e o contexto social. O resultado desta tríade gera uma nova narrativa. Um mosaico que reúne as partes da história que devem ser contadas e lima as que merecem ser esquecidas. O teor do relato paira, geralmente, entre as conquistas e as capacidades físicas. Não há espaço para medos, anseios, temores e fracassos. Do retrato real, se constrói um perfil imaginário. A realidade desliza para a mitificação.

Heróis do esporte em uma sociedade desigual, como a brasileira, conferem, ao cidadão comum, momentos de alívio e fuga do tédio do cotidiano. A morte trágica e prematura de um desses personagens representa o fim de uma válvula de escape. Só resta a vida. O desaparecimento de um jogador que, em atuação, ocupou espaço nas publicações, recebe tratamento diferenciado, como aconteceu com Fernandão. Mouillaud (2004) explica que se trata do “grande morto”, aquele cuja história é diluída e repetida ao longo das matérias. Sobre ele, importam a trajetória, a narrativa da morte, as cerimônias fúnebres, as declarações de autoridades e tudo mais que puder ser dito. Recorremos à reflexão antropológica para o entendimento do significado da morte na sociedade contemporânea. Conforme Rodrigues (2010), a lembrança de quem morreu – como a insistência em rememorar-lo em matérias jornalísticas – é uma forma de fazer presente no mundo aquele que ali não está mais. Para Fausto Neto (1991), os modelos discursivos sobre a morte de personalidades tendem a negar o fato e, ao não tratá-lo de forma objetiva, acabam derrapando para uma espécie de imortalidade.

No caso de Fernandão, em que as narrativas se ocuparam das cerimônias e homenagens promovidas pela família e por torcedores, identificamos o que Rodrigues (1991) trata como ambiguidade e ambivalência de sentimentos. Existe a alternância entre a tristeza e a alegria e a aproximação entre o funeral e a festa. De certa forma, sabemos que estas pessoas, seres considerados imortais, são feitas para morrer. Mas, na morte, assim como aconteceu com Fernandão, completa-se o destino do herói. As faces humana e divina destes personagens se consomem e, mais uma vez, fita-se a imortalidade.

Sobre o contexto no qual estão inseridos os ídolos de que a mídia trata, cumpre-nos, no caso de Fernandão, refletir sobre a relação entre Internacional e Grêmio, principais clubes de futebol de Porto Alegre-RS, cuja rivalidade é considerada por especialistas entre as 10 maiores do mundo. Embora Fernandão tenha sua carreira ligada ao clube colorado, como jogador, capitão, treinador, dirigente e torcedor assumido, as matérias jornalísticas que analisamos, para a realização deste estudo, citam o Grêmio como instituição e também a partir de seus torcedores. Ao afirmar que inclusive os adversários respeitavam Fernandão e reconheciam sua trajetória, as

narrativas buscam legitimizar o discurso vitorioso do atleta, colocando-o, assim, acima da competição histórica. Sugerem que ele é capaz de apagar as notáveis diferenças entre os principais clubes gaúchos.

Dos atletas da dupla Gre-Nal que morreram em idade de estar atuando, e que apresentamos nesta dissertação, destacamos a trajetória de Everaldo. Se a rivalidade entre os principais clubes de futebol de Porto Alegre busca igualar seus feitos e histórias, percebemos a proximidade entre Fernandão e Everaldo. Ambos morreram, ainda jovens, em acidentes, e foram instalados em símbolos dos clubes: O colorado inspirou a construção de uma estátua no pátio do Estádio Beira-Rio; o gremista está eternizado em forma da única estrela dourada aplicada sobre a bandeira oficial do clube.

Barthes (1996) sugere que a semiologia seja aplicada em materiais que sejam homogêneos em suas substâncias. Para o autor, ao dissecarmos uma sequência de objetos, acabamos por identificar fatos e relações que se repetem. Ao observamos as matérias que compõem nosso *corpus*, percebemos que as categorias que nos propomos abordar surgem de forma articulada. Entretanto, na série de análises que realizamos, identificamos retornos, temas e, principalmente, formas, que se repetem.

No caso da fotografia, por exemplo, o registro de um mesmo momento estampa matérias diferentes: Uma do *Correio do Povo* e outra de *Zero Hora*. Se trata do momento em que Fernandão comemora o gol marcado na final da Copa Libertadores da América de 2006, jogando pelo Internacional.

Para Barthes (1970), as notícias que se relacionam às personalidades não são caracterizadas como *fait divers*, visto que não podem ser consumidas isoladamente, precisam de uma estrutura de episódios. Entretanto, a partir das reflexões desta categoria, buscamos identificar elementos da estrutura deste tipo de notícia que apela para o despertar das emoções do receptor. Ao observarmos a construção das matérias analisadas, percebemos que os tipos de *fait divers*, descritos por Barthes (1970), podem ser localizados em todas as redações. As estruturas que definem a notícia sensacionalista estão presentes nos relatos sobre a morte e a trajetória de Fernandão.

Os episódios narrados para os quais não se apresentam explicações no conhecimento humano, são creditados à fatalidade ou, como define Ramos (2012), ao *sujeito absoluto*. As causas do acidente, a vitória do Internacional sobre o Barcelona e a reaproximação entre Fernandão e Inter, são exemplos desta relação. As matérias também deslocam os conflitos para os personagens que Barthes (1970) define como *dramáticos*. A mulher de Fernandão representa a mãe, os filhos representam as crianças e alguns torcedores citados e os pais do jogador representam os velhos. Para o autor, estas figuras simbolizam diferentes etapas da existência humana e, por isso, despertam a emoção.

Outro tipo de *fait divers* identificado nas matérias analisadas é a *antítese* que, em sua estrutura, une dois termos antagônicos. Destacamos os trechos que descrevem as cerimônias fúnebres e homenagens realizadas por torcedores. As atividades tiveram como cenário um ginásio esportivo, um auditório e um estádio de futebol. Percebemos a aproximação entre o sagrado e o profano, entre a alegria e a tristeza.

O *mito* é uma fala que não busca negar nem mentir. Sua função é inocentar, apostar na constatação e naturalização dos fatos. Ao observarmos o *corpus* de nosso estudo a partir das reflexões de Barthes (1980) sobre o tema, percebemos que, em diferentes escalas e formas, as narrativas utilizam este sistema de comunicação como forma de purificar o discurso. De uma história real – como a trajetória de Fernandão, por exemplo – cabe ao *mito* eliminar lembranças, mantendo apenas seus aspectos essenciais.

O *mito* atua no impacto de seu consumo. Mesmo que seja desconstruído a partir de argumentos racionais, seu impacto tende a ser mais forte. Sobre as diferentes formas retóricas que comportam o *mito*, identificamos todas no conjunto de textos que analisamos. Percebemos, desta forma, que a narrativa sobre a história de Fernandão e a descrição de momentos de sua carreira utilizam as figuras míticas como forma de inocentá-la. As homenagens parecem compensar a morte prematura e trágica do jogador (*vacina*); a trajetória publicada elimina os momentos de derrota, contradição e demissão (*omissão da História*); as diferenças entre os clubes, inclusive rivais, são apagadas; todos parecem comovidos pela morte de Fernandão (*identificação*); a redundância se apresenta na utilização repetida do termo “ídolo” e suas variações (*tautologia*); nos relatos sobre as qualidades de Fernandão, busca-se equilíbrio entre o “jogador” e o “indivíduo” (*ninismo*); em diferentes momentos, os números ganham destaque e tentam resumir as histórias (*quantificação da qualidade*); sem dedicarem-se a explicar, os textos tratam Fernandão como alguém cuja experiência deve servir de exemplo (*constatação*).

Como representação coletiva que expressa um pensamento, o *imaginário* é a forma escolhida para se viver mentalmente a realidade. A partir das descrições sobre Fernandão publicadas nas matérias que analisamos, identificamos o *imaginário* relacionado ao jogador. O atleta é descrito pelos textos como um ser superior, que se destaca entre os demais. Seus feitos e conquistas são motivo de idolatria e devem ser seguidos e admirados. Como jogador, Fernandão é definido como diferenciado e respeitado pelos colegas. Tem na *inteligência*, na *liderança* e na *elegância* as principais características. A relação com o Internacional também é elemento recorrente nas narrativas. Mais do que o relato das capacidades profissionais, os textos observados dedicam-se a definir Fernandão a partir de temas que envolvem sua vida privada. O interesse por atividades simples, como pescaria, e o desejo de estar constantemente

com a família, são elementos que contribuem na construção do *imaginário* sobre o atleta.

O *estereótipo*, a partir da repetição, atua no reforço de ideias e comportamentos. Não se preocupa em explicar, apenas mostra e, assim, mantém as estruturas sociais. Nas matérias sobre a morte de Fernandão que analisamos nesta dissertação, identificamos a presença de *estereótipos*. O jogador de futebol, por exemplo, é pressuposto como indivíduo oriundo das classes sociais mais baixas e cujas qualidades não estão ligadas ao intelecto, o que Fernandão desmente. Quando profissional, identifica-se com apenas um clube. O torcedor, por sua vez, é definido a partir de sua passionalidade. São os aspectos emocionais que o caracterizam. Já o jornalista esportivo é narrado como um profissional concentrado e dedicado, que dispõe de locais especiais e exclusivos nos estádios de futebol.

As matérias também acabam por caracterizar Fernanda como o estereótipo da viúva. Ela é descrita como a mulher abalada, que precisa ser consolada, mas que surge na narrativa para, em nome da família, agradecer às mensagens de apoio, tornando-se uma heroína à altura do marido morto, de certo modo duplicando-o e o substituindo.

Embora as matérias que analisamos para a realização deste estudo não tratem diretamente sobre temas do esporte, como competições, jogos ou treinamentos, observamos a recorrência de termos ligados ao universo esportivo. Este conjunto de características da linguagem de um grupo social é o que Barthes (2004) define como *socioleto*. Para podermos identificar e interpretar este grupo de termos, é preciso considerarmos o contexto no qual ele está inserido. Neste caso, na prática do jornalismo esportivo. Nos textos que observamos, percebemos a utilização de termos que são ligados diretamente à disputa, mas que também assumem outros significados, como o caso dos verbos “perder” e “ganhar”. Já o termo “capitão”, usado para designar o jogador que representa a equipe durante as disputas, aparece como sinônimo de Fernandão.

Todo *socioleto* comporta palavras que são obrigatórias. No caso das redações que analisamos, destacamos a utilização do termo “dentro e fora de campo” como forma de diferenciar as atividades e características de Fernandão como jogador e como pessoa.

Sobre as figuras de intimidação que buscam impedir a fala do outro, percebemos que o futebol, como esporte mais popular e acompanhado pela mídia esportiva, acaba por sujeitar outras modalidades. O grupo que representa o país é definido apenas como Seleção Brasileira. Mesmo que possa representar o selecionado de qualquer outra modalidade, a expressão refere-se ao futebol. A mesma relação é percebida com as competições, definidas apenas como Copa do Mundo, Mundial e Estadual. Para Barthes (2004), a linguagem da cultura de massa, a que está presente nos veículos de

comunicação, é sempre classificada como *enocrática*, ou seja, está sob a proteção do poder.

Cientes de que o conhecimento não é definitivo, entendemos nossas conclusões como provisórias. Neste conjunto de páginas, nosso objetivo não é o de apresentar verdades absolutas. Buscamos, apoiados em teóricos, categorias e contextos, promover o debate sobre a temática que nos é cara. Esta dissertação é resultado das reflexões geradas por nossas inquietações deste momento. Porque tão natural quanto nascer, é morrer.

REFERÊNCIAS

- ALCOBA, Antonio. **Periodismo deportivo**. Madrid: Síntesis, 2005.
- ANDRADE, Eduardo Gonçalves. **O futebol repete a vida**. 2003. Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0405200342.htm>>. Acesso em: 15/11/2016.
- ANDRADE, Eduardo Gonçalves. Futebol, metáfora da vida. In: BOTELHO, André.; SCHWARCZ, Lília Moritz (orgs). (Ed.). **Agenda brasileira**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011.
- BARBEIRO, Heródoto.; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BARBOSA, Marialva. A morte imaginada. In: GT COMUNICAÇÃO E SOCIABILIDADE NA XIII COMPÓS, 2004, São Paulo. [S.l.], 2004.
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1980.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1999.
- BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- CAPPARELLI, Sérgio. Zanzibar de novas tecnologias: imprensa regional e Zero Hora. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. (Ed.). **Temas Contemporâneos em Comunicação**. São Paulo: Edicom Intercom, 1997.
- COIMBRA, David. et al. **A história dos Grenais**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier**: O pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. 1998. 247 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

D'AZEVEDO, Cristina Rispoli.; BEHS, Leandro.; OLIVEIRA, Leonardo. **Fernandão Eterno**. Porto Alegre: r&a comunicação, 2016.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mortes em derrapagem**: Os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: Futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Sociologia**: Introdução ao estudo dos seus princípios. São Paulo: É Realizações, 2009.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: LP&M, 2004.

GALVANI, Walter. **Um século de poder**: Os bastidores da Caldas Júnior. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

GONÇALVES, Sandra Maria Lucia Pereira. “A morte de um ídolo. A construção do herói contemporâneo”. **Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura**, n. 10, p. 107 – 123, Setembro 2003. ISSN 1645-2585. Disponível em: <revistas.ulusofona.pt/index.php/caleidoscopio/article/view/3709>.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HELAL, Ronaldo. “A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro”. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19 – 36, Julho-Dezembro 2003.

HELAL, Ronaldo.; MURAD, Maurício. “Alegria do povo e Don Diego: reflexões sobre o êxtase e a agonia de heróis de futebol”. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 63 – 79, 1995. ISSN 8571070105.

HOOK, Sidney. **O herói na história**. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: O jogo como elemento da cultura. [S.l.]: Editora da Universidade de S. Paulo, Editora Perspectiva, 1971.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MOUILLAUD, Maurice. As grandes mortes na mídia. In: _____. **O jornal da forma ao sentido**. Brasília: Editora UnB, 2002. p. 349 – 362.

PICH, Santiago. A mítica neoliberal, o sistema esportivo, a mídia e o herói esportivo: a construção de uma estória de relatos de verdade mascarada de verdade revelada. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 199 – 227, Janeiro 2003.

RAMOS, Roberto. **Futebol**: Ideologia do poder. Petrópolis: Vozes, 1984.

RAMOS, Roberto. Roland Barthes: semiologia, mídia e fait divers. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 14, p. 119 – 127, Abril 2001.

RAMOS, Roberto. Roland Barthes: a semiologia da dialética. **Conexão - Comunicação Cultura**, Caxias do Sul, v. 7, n. 13, p. 159 – 169, Janeiro 2008.

RAMOS, Roberto. **Os sensacionalismos do sensacionalismo. Uma leitura dos discursos midiáticos**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo**: histórias da imprensa esportiva. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RODRIGUES, José Carlos. Quando a morte é festa! In: _____. **Ensaio em Antropologia do poder**. Rio de Janeiro: Terra Nova Editora, 1992.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 1993.

SCHIRMER, Lauro. **RBS**: da voz-do-poste à multimídia. Porto Alegre: LP&M, 2002.

VERISSIMO, Luis Fernando.; FONSECA, Joaquim da. **Traçando Porto Alegre**. Porto Alegre: Artes Ofícios, 1994.

WAIBERG, Jaques. A morte de jornais centenários e o caso do Rio Grande do Sul. In: MOUILLAUD, Maurice.; DAYRELL, Sérgio (org). (Ed.). **Jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Editor UnB, 2002. p. 387 – 410.

Anexos

PORTO ALEGRE

MINIMA

12°

MAXIMA

18°

Mais informações sobre tempo e clima na página 14

CORREIO DO POVO

DOMINGO, 8 | 06 | 2014

FERNANDÃO

O ADEUS DO ÍDOLO

Aos 36 anos, ídolo dos colorados morre em acidente de helicóptero no interior de Goiás

■ **FABRÍCIO FALKOWSKI**
fabricio@correiopovo.com.br

O Inter e sua torcida perderam um grande ídolo, um dos maiores da história colorada. Fernandão, que um dia cantou "Vão, vão Inter!" diante de uma arquibancada lotada e em êxtase após a conquista do Mundial, em 2006, sofreu um acidente de helicóptero em Aruanã, no interior de Goiás, na madrugada deste sábado. Socorrido, morreu a caminho do hospital. Outras quatro pessoas, que também estavam no helicóptero, faleceram. As causas serão investigadas – as informações preliminares da Polícia são de que o acidente aconteceu logo após a aeronave ter levantado voo.

Fernando Lúcio da Costa nasceu em 18 de março de 1978 em Goiânia. Começou sua carreira no Goiás e passou por Marseille e Toulouse, da França. Mas foi no Inter que se encontrou. A camisa vermelha lhe caiu bem. Era

uma segunda pele. Com ela, marcou sua trajetória com grandes títulos e um espírito de liderança inconfundível. "É inacreditável. Ainda estou sob o impacto desta notícia. O Fernandão foi o maior ídolo da nossa história. Eu digito isso desde o momento que levantou a taça do Mundial, em 2006", lamentou o ex-presidente do Inter Fernando Carvalho.

Fernandão chegou ao Inter em 2004. Logo na estreia, marcou o gol 1000 em Gre-Nais. Ganhou uma placa no Beira-Rio e a admiração eterna dos torcedores desde o seu primeiro jogo. Depois, foi o capitão colorado nas conquistas da Libertadores e do Mundial em 2006, entre outros.

Marcou gols memoráveis, fez jogadas incríveis. Tinha certa elegância para jogar. Era grande. Erguia-se sobre seus quase 2 metros e "enxergava o jogo". Era dono de uma cabeçada potente, de passes perfeitos, mas a inteligência com a bola nos pés era sua principal característica.

Em 2008, Fernandão surpreendeu o Estado ao anunciar sua transferência para o Al-Gharafa, do Qatar. Deixou o Inter com a promessa de um dia voltar. Dois anos mais tarde, tentou regressar para o clube que amava sem constrangimento. "Vou voltar. Pode ser como jogador, treinador ou merco torcedor", previu.

Ele cumpriu a promessa. Mas não de primeira. Depois de uma negociação cheia de mal-entendidos com os dirigentes colorados, acabou no Goiás. Jogou pouco e foi para o São Paulo. Um dia, no Beira-Rio, pelo Brasileiro de 2010, marcou com um gol contra o Inter. E não comemorou.

O destino, porém, o trouxe de volta para casa. Depois de encerrar a carreira devido a um problema crônico no púbis que o impediu de manter o mesmo rendimento de outrora, voltou ao Inter em 2012. Chegou para ser diretor executivo, mas logo passou a técnico. Entre julho e novembro daquele ano, comandou o Inter da casamata.

Desgostou-se no cargo, foi abandonado por antigos companheiros e deixou o cargo de forma prematura. Sua trajetória como técnico ficou marcada por ter acusado os jogadores, após uma derrota no Beira-Rio, de estarem na "zona de conforto" – o que, diga-se de passagem, era verdade. No ano seguinte, passou a dedicar-se aos negócios da família. Este ano, foi convidado para participar da cobertura da Copa como comentarista de TV.

Fernando Lúcio da Costa deixa esposa e um casal de filhos, além de uma legião de amigos, um exército de admiradores e uma torcida inteira de luto.

Autoridades ainda vão investigar as causas do acidente em Goiás

REPERCUSSÃO

Porto Alegre tem luto oficial

A morte de Fernandão teve grande repercussão na manhã deste sábado. O prefeito José Fortunati decretou luto oficial em Porto Alegre por três dias. A presidente Dilma Rousseff, por meio de sua conta no Twitter, comentou o falecimento do ex-jogador. "Fernandão deixará saudades. Lamento muito a morte de Fernandão, ídolo do Internacional e de todos os amantes do futebol", escreveu, complementando que se tratava de um exemplo tanto dentro como fora de campo.

Colegas também se manifestaram por meio das redes sociais. Foi o caso, por exemplo, de Alexandre Pato, do meia Alex, do volante Lucas e do atacante Leandro Damiao, além de D'Alessandro.

Ao longo da manhã, ganhou força na Internet a solicitação de diversos torcedores para que uma das ruas que ligam as avenidas Padre Cacique e Edvaldo Pereira Paiva leve o nome do ídolo colorado.

SELEÇÃO » Morte de Fernandão impacta também a Granja Comary » Página 22

SEGUNDA-FEIRA, 9 de junho de 2014 ■ Página 21

esportes

CORREIO DO POVO

EDITOR: Hilmar Mombach
EDITORES ASSISTENTES: Carlos Corrêa e Amauri Knevez Jr.
Diagramador: Pedro Dreher
E-mail: esportes@correiodopovo.com.br e futebol@correiodopovo.com.br

As homenagens vão seguir

Fernandão deve virar nome de rua para que ninguém esqueça o grande ídolo dos colorados e dos que gostam de futebol

■ FABRÍCIO FALKOWSKI
fabricio@correiodopovo.com.br

O sentimento de perda, que atingiu mais fortemente a torcida colorada, se espalhou democraticamente pelo Brasil e pelo mundo. Durante o final de semana, autoridades e pessoas comuns renderam homenagens ao craque que faleceu na madrugada de sábado, em um acidente de helicóptero, e foi enterrado ontem à tarde, em Goiânia.

As demonstrações de carinho e respeito mais emocionantes vieram de torcedores anônimos. Centenas de colorados foram até o Beira-Rio dar o último adeus ao ídolo. O altar improvisado na face do estádio, voltado para a avenida Padre Cacique, permaneceu movimentado durante todo o final de semana.

"Estamos carentes de ídolos. Perder um símbolo desta importância é um abalo muito forte para a torcida colorada. E nem estamos falando do Fernandão jogador, mas dele como pessoa", ressaltou Paulo Peres, líder da torcida organizada Super Fico.

O Inter promete continuar as homenagens e estudará as sugestões que estão sendo enviadas pelos torcedores, inclusive a que fala no enguiamento de uma estátua em homenagem ao capitão no pátio do Beira-Rio. O prefeito José Fortunati, ainda no sábado pela manhã, sugeriu conceder o nome de uma das novas ruas que ficam ao redor do estádio de "Capitão Fernandão".

A torcida considera a proposta modesta. Pelas redes sociais, pede que o recém-inaugurado viaduto – já batizado de "Pinheiro Borda", ex-presidente do Inter – leve o nome do capitão. Al-



Colorados de todos os cantos estiveram no Beira-Rio: referência ao eterno ídolo e grande capitão numa hora de muita dor

guns também pedem que a camisa número 9, usada por Fernandão em sua passagem pelo Inter, seja aposentada.

"O Fernandão se foi, mas o exemplo de companheirismo, amizade e, principalmente, caráter irá permanecer aceso dentro de nós", lembra Abel Braga, que trabalhou com Fernandão em

2006 nas conquistas da Libertadores e do Mundial.

De passagem por Porto Alegre, a presidente Dilma Rousseff também rendeu suas homenagens: "Lamento muito a morte de Fernandão, ídolo do Inter-

nação e de todos os amantes do futebol". Segundo ela, o atacante foi um exemplo de espírito es-

portivo e de liderança. Pelas redes sociais, o governador Tarso Genro também lamentou a morte do ex-jogador.

A CBF, através do presidente da entidade, José Maria Marin, e a Fifa, por meio de carta divulgada pelo presidente Joseph Blatter, também lamentaram a morte de Fernandão. O Olympique

de Marselha, da França, e o Al Gharafa, do Catar, dubes pelos quais o atacante teve passagem, também se manifestaram.

Durante a semana, o Inter pedirá à Fifa que seja feito um minuto de silêncio antes de a bola rolar para França x Honduras, domingo que vem, pela Copa do Mundo, no Beira-Rio.



Mensagem de amor ao ídolo e agradecimentos pelos feitos

A MORTE

Causas serão investigadas

Fernandão faleceu na queda de um helicóptero Esquilo, prefixo PT-YJJ registrado no nome da empresa Planalto Indústria Mecânica Ltda., da qual o ex-jogador era sócio. De acordo com a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), a aeronave estava com a Inspeção Anual de Manutenção (IAM) em dia e válida até fevereiro de 2015. As causas do acidente, que vitimou outras três pessoas além do ex-jogador, serão investigadas pela Polícia Civil e pela Aeronáutica.

Quem planeja faz consórcio
AUTOMÓVEIS
PLANOS ATÉ 84 MESES

PARCELAS A PARTIR DE
R\$ 230,00

IMÓVEIS - MOTOS
MÁQUINAS - CAMINHÕES

(51) 3327.5700
Av. Nilo Peçanha, 3000 - Porto Alegre
www.sponchiado.com.br

GRUPO ESPECIAL COM ATÉ OITO CONTEMPLEÇÕES MENSUAIS

SPONCHIADO CONSÓRCIOS

Esportes

futebol@correiodopovo.com.br

Inauguração de centro para mídia

» Será inaugurado hoje, às 14h, na Usina do Gasômetro, o Centro Alberto de Mídia para jornalistas que estarão em Porto Alegre para acompanhar o Mundial, mas não possuem o credenciamento da Fifa. O espaço de 500 m² entra em operação amanhã e funcionará das 8h às 20h, com horário estendido até às 22h em dias de jogos no Beira-Rio.

400

pessoas
recepcionaram a
Seleção ontem na
Granja Comary.

Sub-20 conquista a Panda Cup

» Depois do título no Torneio de Toulon com a seleção Sub-21, o Brasil com o time Sub-20 conquistou neste domingo a Panda Cup, na China. Com dois gols de Ewandro e Boschilia, a Seleção goleou os donos da casa por 4 a 1 e ficou com o título da competição. Em três partidas, foram duas vitórias e um empate, marcando oito gols e sofrendo apenas dois.

FERNANDÃO É LEMBRADO

‘Uma perda grande para todos’



Enterro de Fernandão em Gólia: morte teve repercussão entre os jogadores do selecionado brasileiro

Jogadores da Seleção Brasileira lamentam a morte do ídolo Fernandão. Muitos deixaram mensagens no Twitter

A morte trágica de Fernandão não passou batida no ambiente da Seleção Brasileira. Ainda no sábado, mesmo sem treinamentos na Granja Comary, jogadores utilizaram as redes sociais para prestar homenagens a Fernandão. Ontem, após o treino na Granja Comary, Fred falou sobre a tragédia.

“Eu jogo com o Rafael Sobis, que praticamente era irmão do Fernandão. Tive contato com ele na minha estreia na Seleção. Deu para ver que era acima da média, cabeça diferenciada, queria ajudar todo mundo e aquilo me marcou. Contato rápido mas marcante. O Fernandão era um cara que todo mundo falava

bem dele no futebol. É uma perda grande, ganhou muitos títulos. Que Deus conforte o coração dos familiares. É uma perda grande para todos nós”, disse.

No site da CBF, o presidente José Maria Marin deixou uma mensagem. “O futebol perdeu uma grande personalidade que foi um grande jogador e que se destacava fora de campo pelo seu comportamento profissional e também por ser um líder para seus companheiros”, destacou.

“O mundo perde um grande homem com um caráter incrível. Que Deus conforte todos os familiares e amigos”, disse o zagueiro David Luiz, no Twitter.

Até mesmo o presidente da Fifa, Joseph Blatter, usou o Twitter da entidade para falar da morte de Fernandão. “Profundo pesar por Fernandão, capitão do @SCInternacional, campeão da Copa do Mundo de Clubes da Fifa 2006. Um líder dentro e fora do campo”, escreveu Blatter.

A repercussão na imprensa nacional também foi grande durante o dia em Teresópolis.

SORTE AO LADO

Tempo tem colaborado

A Seleção Brasileira tem dado sorte em alguns aspectos da preparação antes da Copa do Mundo. Além de não sofrer com problemas de lesão até aqui, o tempo tem colaborado em Teresópolis. Conhecida pelo clima frio e chuvoso, a cidade tem apresentado dias agradáveis e de muito sol. Ontem, antes de a bola rolar na Granja Comary, Felipe conversou por quase uma hora com os jogadores no vestiário, enquanto os goleiros treinavam sozinhos em um dos campos do CT da Seleção.

ÔNIBUS PERSONALIZADO

Festa para os jogadores

A Seleção Brasileira utilizou ontem, pela primeira vez, o ônibus que será usado para fazer os deslocamentos da delegação durante os jogos da Copa do Mundo. Com a frase “preparam-se, o hexa está chegando”, o veículo chamou atenção ao chegar na Granja Comary.

Depois do sábado de folga, os jogadores foram recepcionados por cerca de 400 torcedores na entrada da concentração brasileira. O treino pode ser assistido por um bom número de pessoas.



Jogador com o garoto invasor: demonstração de carinho

GAROTO ABUSADO

‘Invasor’ é abraçado por Neymar em treino

O treino da Seleção Brasileira já havia se encerrado ontem à tarde na Granja Comary quando um garoto que assistia ao trabalho atrás de uma grade que separa o campo da rua invadiu o gramado. Logo foi contido pelos seguranças. Quando era conduzido de volta para o seu lugar, o garoto viu Neymar correr em sua direção.

O craque driblou os seguranças, pegou Bernardo Ramos, 8 anos, pela mão e o levou até outros jogadores. Thiago Silva, David Luiz, Marcelo, Luiz Gustavo

e Willian brincaram com o garoto, tiraram algumas fotos e bateram bola com ele. Neymar virou fotógrafo para registrar o momento e depois passou a função para o capitão da Seleção.

O camisa 10, mais uma vez, deu uma demonstração de carinho para com o torcedor. Lembrou a cena em Johannesburg, em março, no amistoso diante da África do Sul, quando um garoto também invadiu o campo após a partida. Ontem, outra criança tentou fazer o mesmo, mas acabou contida pela segurança da Granja Comary.

Publicações Legais

anuncie: anuncios@correiodopovo.com.br | (51) 3216.1620

SECRETARIA DA RECEITA
FEDERAL DO BRASIL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL
DA RECEITA FEDERAL DO BRASIL
DA 1ª REGIÃO FISCAL

Ministério da
Fazenda

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

DELEGACIA DA RECEITA FEDERAL DO BRASIL EM NOVO HAMBURGO AVISO DE SELEÇÃO E CREDENCIAMENTO DE PERITOS

OBJETO: seleção e credenciamento de peritos, autônomos ou vinculados à empresa privada, a título precatório e sem vínculo com a RFB. Vagas: área de Química - 05, área de Mecânica - 10, área de Eletrônica - 05, área de Materiais (Coligados) - 05, área de Materiais (Têxteis) - 05, área de Materiais (Minerais) - 05, área de Quantificação - 05. ABERTURA DOS ENVELOPES DE HABILITAÇÃO: 25/06/2014 às 10 horas, na Delegacia da RFB em Novo Hamburgo - Rua Tamandaré, 221 - Novo Hamburgo/RS. EDITAL E INFORMAÇÕES: à disposição dos interessados no site www.receita.fazenda.gov.br ou na Rua Tamandaré, 221, baixo Boa Vista, em Novo Hamburgo/RS, afixados no mural, ou no Sispel - 2º andar, para obtenção de cópias, no horário de expediente a partir de 09/06/2014. ASSINA: Simone Haydée Hartmann - Chefe do Serviço de Programação e Logística.



Município de Porto Alegre SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA

CONCURSO 12/2014

PROCESSO 001.01389.14.1

PRÊMIO ACORÍANOS DE LITERATURA ADULTA E INFANTIL 21ª EDIÇÃO/2014

A SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA torna público e comunica aos interessados que estará recebendo as inscrições ao Prêmio Acoríanos de Literatura Adulta e Infantil - Concurso 12/2014, nos termos deste regulamento e na forma da Lei nº 8666/93 e suas alterações posteriores, conforme cronograma abaixo. As inscrições deverão ser realizadas pessoalmente no endereço abaixo, ou enviadas pelo correio. Informações sobre o Concurso poderão ser obtidas pelas telefones 3269-4071, 3269-6072, pelo e-mail: pl@amc.riopraia.com.br ou pelos sites: www.portoalegre.rs.gov.br/riem e coordenacaodocivildoc.blogspot.com. Ou ainda pessoalmente, na Coordenação do Livro e Literatura, no Centro Municipal de Cultura, Arte e Lazer Lupicino Rodrigues, na Av. Enrico Verissimo, 307, Bairro Menino Deus, CEP 90160-181, Porto Alegre / RS. Horário de Atendimento: das 9h às 12h e das 14h às 18h; de segunda a sexta-feira.

CRONOGRAMA:
INSCRIÇÕES: de 11 de junho a 25 de julho de 2014.
DIVULGAÇÃO DOS FINALISTAS: em dia a confirmar, durante a 60ª Feira do Livro de Porto Alegre, de 31 de outubro a 16 de novembro de 2014.
PREMIAÇÃO: durante o evento “Noite do Livro”, em 24 de novembro de 2014.

Porto Alegre, 05 de Junho de 2014.

ROQUE JACOBY,
Secretaria Municipal da Cultura.

PORTO ALEGRE

SEXTA-FEIRA, 9 | 06 | 2014

MÍNIMA 7° MÁXIMA 20°
 Mais informações sobre
 tempo e clima na página 19

CORREIO DO POVO

FOLHAPRESS / CP MEMÓRIA

O enterro do eterno ídolo dos colorados em Goiânia. Inter propôs que a cerimônia fosse em Porto Alegre

Saudade eterna do ídolo

A morte de Fernandão une desportistas de todos os clubes e desencadeia uma série de homenagens. Uma perda irreparável

■ FABRÍCIO FALKOWSKI
 fabricio@correiodopovo.com.br

Em vida, Fernandão foi tão extraordinariamente superior que, na morte, o ídolo dos colorados fez o Rio Grande do Sul se irmanar na dor. Homenagens e demonstrações de carinho se proliferam pelo Estado, alcançaram o Brasil e chegaram ao mundo.

A comoção foi a marca desde as primeiras horas de sábado, quando chegou a notícia da morte do ex-jogador em um acidente de helicóptero. Pelas redes sociais, espontaneamente, fãs e admiradores se organizaram e iniciaram uma peregrinação ao Beira-Rio. Um altar foi improvisado, onde colorados de todas as estirpes – e até gremistas – fizeram suas últimas homenagens ao ídolo que falecera hora antes. Cláudio Luis Corrêa da Silva, por exemplo, levou pela mão as

netas Emily e Júlia, enroladas na bandeira do Inter. Elas levaram flores e as depositaram sob cartazes e faixas que já estavam lá. Sem disfarçar os olhos marejados, o colorado explicou sua ida ao Beira-Rio. "O Fernandão foi um exemplo de trabalho e de liderança que devemos mostrar para as crianças", frisa.

O Inter chegou a propor que o velório fosse em Porto Alegre, mas, a pedido da família, ele aconteceu em Goiânia, onde Fernandão morava com a esposa e um casal de filhos. Para lá, peregrinaram centenas de pessoas de várias partes do Brasil. Pelo Inter, viajaram o presidente Giovanni Luigi e o ex-presidente Fernando Carvalho. "É uma perda irreparável que meeu muito com todos nós, pois, além de um grande jogador, Fernandão era um ser humano sensacional", observou Luigi.

Jogadores, artistas e amigos foram até o ginásio onde Fernandão foi velado em Goiânia. Em seguida, o corpo foi levado em um caminhão de Bombeiros até o Cemitério Jardim das Palmeiras, onde ele foi enterrado no meio da tarde.

Como se vê, a saudade já começou. Mas, como bem lembrou Cláudio nas linhas acima, o exemplo de Fernandão é perene.

RICARDO GUSTI

Solenidade lembrou a trajetória vitoriosa do jogador

Homenagem ao ídolo Missa reúne admiradores

O fim de tarde de domingo foi marcado pela homenagem dos colorados ao ídolo Fernandão com missa celebrada no auditório Araújo Vianna. O ato teve início com o vídeo feito há poucos meses e divulgado durante a abertura do Beira-Rio em que o camisa 9 declarou sua paixão e gratidão pelo Internacional. Discursos e imagens lembraram a trajetória de

Fernandão no clube. "Ele foi o herói de uma geração", definiu o vice-presidente do clube, Diana Raquel de Oliveira. "Enquanto viver um colorado, ele viverá junto nas nossas memórias e nos nossos corações", declarou em meio às lágrimas a colorada Ana Maria Leal Matos. O final da cerimônia contou com aplausos e com o coro do nome do ex-capitão.

A Torcida Comunicare entrou em campo:

Aparelhos Auditivos Condições especiais

Parcelamento próprio
 em até 20 vezes
 sem juros

25%
 À VISTA

Válido de 1º/05 a 30/06/2014 para as linhas 501 e 701. Tecnologia XCEL

- Sons claros e confortáveis
- Adaptação Imediata
- Sem troca de pilhas

Comunicare
 Aparelhos Auditivos

www.comunicareaparelhosauditivos.com

Porto Alegre | Moinhos (51) 3346 7288 | Menino Deus (51) 3093 2224 | Pelotas (53) 3227 6266
 Caxias (54) 3025 5662 | Passo Fundo (54) 3045 5658 | Santa Maria (55) 3028 5588

CONSULTE SEU MÉDICO

COPA » Seleção do Equador é recebida com festa em Viamão » **Página 23**

TERÇA-FEIRA, 10 de junho de 2014 ■ **Página 20**

esportes

CORREIO DO POVO

EDITOR: Hitor Mombach
EDITORES ASSISTENTES: Carlos Corrêa e Amauri Knevez Jr.
Diagramador: Pedro Dreher
E-mails: esportes@correiodopovo.com.br e futebol@correiodopovo.com.br

Veneração ao ídolo continua

Torcida faz romaria a altar improvisado no Beira-Rio. Viúva manda mensagem de agradecimento ao Rio Grande do Sul

■ **FABRÍCIO FALKOWSKI**
fabricao@correiodopovo.com.br

O altar improvisado em frente ao Beira-Rio para venerar Fernandão e seus feitos com a camisa do Inter continuou recebendo peregrinos durante o dia de ontem. A procura pelo local é tão grande que a direção colorada já cogita montar uma infraestrutura mínima para proteger as homenagens feitas pela torcida ao capitão. O ex-jogador morreu quando o helicóptero onde estava caiu em uma praia do rio Araguaia, em Goiás.

Outra preocupação dos dirigentes colorados é organizar uma missa de 7º dia que comporte a torcida colorada. A celebração foi confirmada ontem à noite para a próxima sexta-feira, às 20h, na Igreja do Rosário, e deverá contar com a presença de um grande número de jogado-

res do clube.

A esposa do ex-jogador divulgou uma nota ontem à tarde agradecendo a torcida colorada – e também a gremista – pelas mensagens de apoio endereçadas à família. No texto, Fernanda Costa exalta a ligação criada, desde o princípio, entre Inter e o ídolo. “Fernando foi tudo no Inter: diretor, técnico, jogador e sempre torcedor. Depois que saímos de Porto Alegre seguimos torcendo pelo Colorado”, diz o texto assinado por ela.

Por outro lado, as investigações sobre as causas do acidente avançam. A Polícia técnica goiana fez uma vistoria no local do acidente. A delegada de Aruanã, Bruna Coelho Soares, ouviu ontem pessoas que participaram do resgate ou viram Fernandão pouco antes do acidente. Ela deve aguardar ainda os laudos do Instituto de Criminalística.

Fernandão foi tudo no Inter: diretor, técnico, jogador e sempre torcedor.
Fernanda Costa
Esposa de Fernandão

A Aeronáutica também está fazendo suas diligências. O Centro de Investigação e Prevenção de Acidente Aeronáuticos (Cenipa) faz um trabalho paralelo ao da Polícia. Não há data para divulgação dos resultados, mas elas devem consumir cerca de 18 meses. Peritos do Cenipa recolheram peças do helicóptero para análises em laboratório.



DIVULGAÇÃO / CORPO DE BOMBEIROS / CP

Delegada aguarda laudos do Instituto de Criminalística para identificar causas do acidente do último sábado

Bombeiros liberam estádio

» O Corpo de Bombeiros realizou mais uma vistoria no estádio Beira-Rio ontem à noite e concedeu os alvarás que faltavam para a obtenção do Plano de Prevenção e Combate a Incêndios (PPCI). O estádio – que tinha apenas uma licença provisória – está apto a receber jogos da Copa do Mundo a partir de agora.

INVESTIGAÇÃO

Polícia diz que piloto estava no comando

A delegada Bruna Coelho Soares, responsável pelo inquérito que examinará as causas do acidente que vitimou Fernandão, confirmou ontem que o piloto Milton Ananias, que é coronel reformado da PM goiana, estava no comando da aeronave. “Todas as pessoas que eu ouvi desde o acidente e que presenciaram a chegada e a saída do helicóptero aqui local dizem que quem estava pilotando era o coronel. Não há dúvida sobre isso”, afirma. Ou-

tra hipótese descartada é que o acidente tenha ocorrido devido à ingestão de bebidas alcoólicas. “As outras pessoas que estavam no helicóptero beberam, mas o piloto não ingeriu bebidas alcoólicas. Ele estava de serviço. Os outros estavam jogando cartas e assando carne”, disse. A delegada não recebeu os exames toxicológicos que estão sendo feitos nos corpos das cinco vítimas. Ela tem 30 dias para concluir o inquérito, mas este prazo pode ser prorrogado.

Um curso que não dá pra perder:

Circuitos de Treinamento Funcional
Personal Trainer e Aulas Coletivas

14.06.2014 | das 9h às 18h | Lindóia Tênis Clube

Inscrições: gpapersonal.com.br



FERNAN

ACIDENTE AÉREO MATOU na madrugada deste sábado um dos maiores ídolos da história do Inter

1978 - 2014

MOISÉS MENDES

moises.mendes@zerohora.com.br

Repete-se como tragédia a perturbadora certeza de que a Copa é também o período em que referências do futebol se despedem do mundo. Fernando Lúcio da Costa era uma destas referências recentes. Fernandão morreu na madrugada deste sábado, como se não tivesse nem idade suficiente para ser tudo o que foi. E foi.

Com apenas 36 anos, este goiano-gaúcho já estava consagrado com as virtudes que técnicos, torcedores, comentaristas desejam de quem jogou futebol e continua sendo exemplo não só como craque. Morreu um atleta com qualidades raras nos campos brasileiros hoje – a inteligência, a capacidade de liderança, a imposição diante do adversário pelo refinamento técnico e pela dedicação intensa.

Morreu o capitão da maior conquista colorada. O moço que comandou, em 2006, o que os descrentes consideravam improvável, que determinou como se enfrenta o assustador Barcelona. E que depois mostrou a um Beira-Rio lotado a taça da grande conquista. Ninguém exagera se disser que Fernandão ressuscitou o Inter num de seus piores momentos. O moço com jeitão de boiadeiro chegou há exatos 10 anos a Porto Alegre.

Veio como uma aposta. Virou líder, capitão e amplificou tanto seu poder agregador que deixou de ser apenas uma referência de campo. Fernandão foi um caso exemplar de referência também fora do futebol. Pelo temperamento de diplomata, pelo envolvimento com a cidade, pela empatia com a torcida.

Em agosto de 2009, quando jogava no Goiás e criou-se uma controvérsia em torno de sua possível volta ao Inter, Fernandão fez declarações de amor não só ao clube, mas ao Estado. Gostava de Porto Alegre, do jeito gaúcho, da vida campeira:

– O que vivi aqui foi muito especial para mim e para o torcedor. Está na minha memória. Não é um objeto, algo material que se apaga ou se perde. Está no meu coração. E isso ninguém me tira nunca.

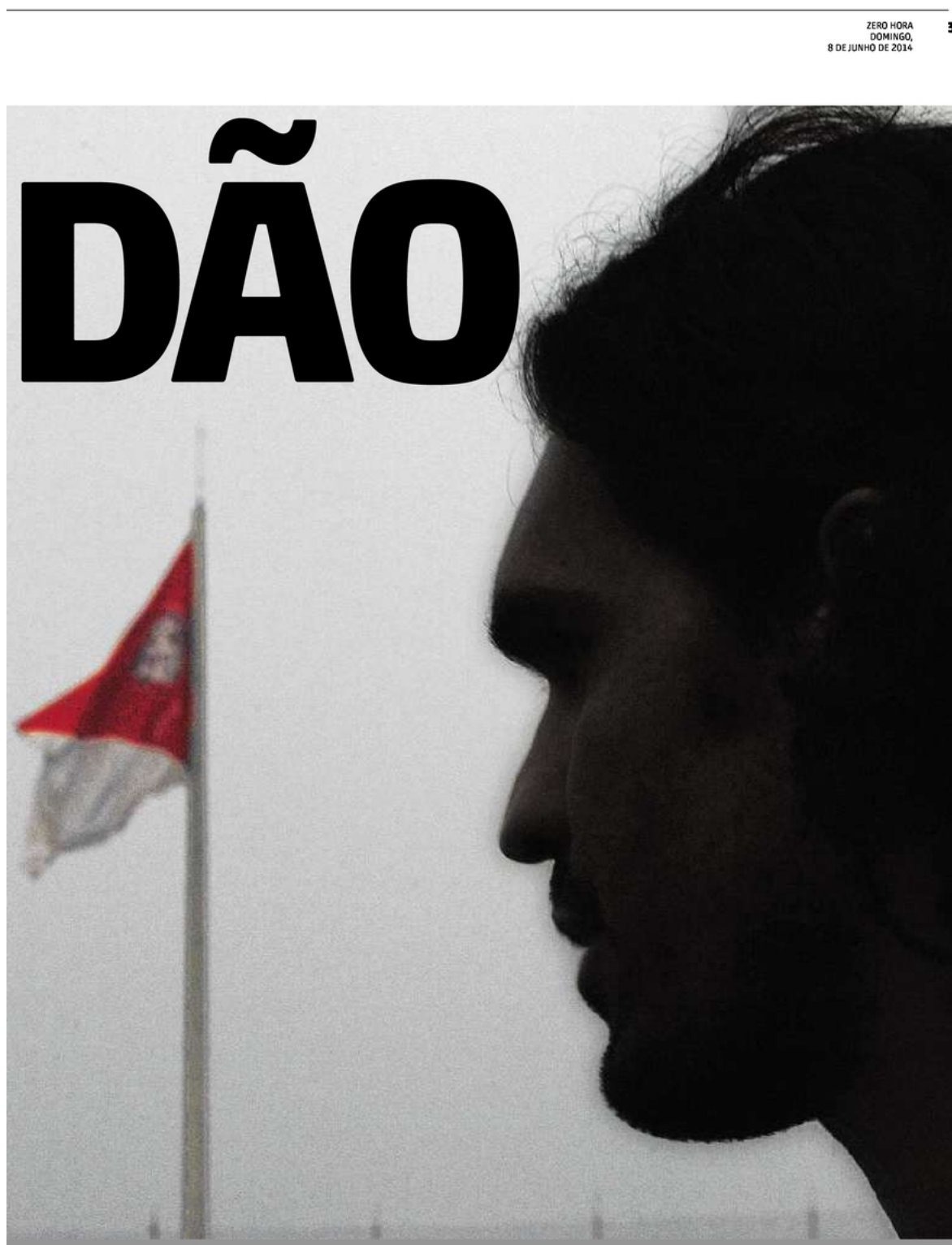
Acabou voltando, em 2011, como dirigente. Virou treinador em 2012. Submeteu-se, por temperamento, ao teste que muitos refugam. Se fracassasse, poderia manchar a própria história. Saiu sem que nada do que já havia sido fosse desfeito. Fernando era maior do que as desavenças que provocaram sua breve experiência como técnico.

RESPEITADO POR DUAS TORCIDAS

Morre o cara que exaltava seu lado família, em fotos que se repetiam com a mulher, Fernanda, e os filhos, Enzo, Eloá e Thainá. Fernandão construiu assim a imagem do ídolo genuíno, sem a escora de esquemas de marketing, sem forção, sem nenhum esforço para ser admirado.

Não cometerá nenhum exagero quem disser, como já disse o ex-presidente do Inter Fernando Carvalho, que Fernandão foi o maior ídolo colorado. E não cometerá nenhuma blasfêmia o mais ardoroso gremista que assegurar, com a sinceridade de quem ama o futebol e seus craques, que Fernandão é, sim, um ídolo de todas as torcidas. Os deuses de plantão nas Copas, que sempre nos levam tanta gente boa na época dos Mundiais, devem saber o que estão fazendo.

Figura 10 – *Zero Hora* - 8 de junho de 2014 - página 3



Zero Hora

QUEDA ÀS MARGENS

HELICÓPTERO COM FERNANDÃO e mais quatro pessoas a bordo caiu por volta da 1h30min deste sábado, em Aruanã,



Bombeiro observa o que restou da aeronave em que estava o ex-atacante colorado e mais quatro pessoas. Queda não deixou sobreviventes

MARCELO GONZATTO
marcelo.gonzatto@zerohora.com.br

Um dos maiores ídolos da história do Inter, habituado a fazer torcedores chorar de alegria em inúmeras conquistas, o ex-jogador Fernando Lúcio da Costa, mais conhecido como Fernandão, 36 anos, levou milhões de fãs a substituir os gritos de euforia por silêncio e lágrimas na madrugada deste sábado.

Fernandão, capitão colorado que conduziu o time gaúcho a conquistas como a Libertadores da América e o Mundial de Clubes em 2006, morreu em uma queda de helicóptero no município de Aruanã, no interior de Goiás, acompanhado de outras quatro vítimas.

Fernandão estava em uma praia do Rio Araguaia, localizada pouco mais de 10 quilômetros ao norte da região central da cidade de 8 mil habitantes, quando embarcou em uma aeronave Esquilo prefixo PT-YJJ de propriedade de um amigo empresário, que não se encontrava com ele. Segundo os bombeiros de Aruanã, es-

tavam no helicóptero ainda o coronel da Polícia Militar Milton Ananias, Lindomar Mendes Vieira, Antônio de Pádua e Edmilson de Souza.

Segundo o sargento dos Bombeiros de Aruanã Sebastião Pereira dos Santos, Fernandão costumava passar finais de semana na cidade, onde teria uma casa, e se deslocar para as praias que se formam ao longo do Araguaia quando o rio baixa e deixa à mostra longos trechos de areia. É comum turistas se deslocarem para lá por barco ou helicóptero, já que a região é de difícil acesso.

TRAUMATISMO CRANIANO E FERIMENTO NA PERNA

O ex-atleta teria recém alçado voo no helicóptero, na companhia do piloto e de outros três passageiros, por volta da 1h30min, quando o helicóptero começou a cair e despencou a cerca de 150 metros de uma das praias do rio. A fuselagem se rompeu entre a cabine e a cauda.

Fernandão estaria retornando para o centro de Aruanã, segundo informações preliminares. Não havia registro, até a manhã de sábado, sobre qualquer explosão ou problema que tivesse provocado a queda. Também não houve relato de mau tempo que pudesse ter interferido na viagem. Uma unidade do Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos (Cenipa) se deslocou de Brasília para o local a fim de dar início ao trabalho de perícia ainda durante a madrugada.

Santos ajudou a resgatar Fernandão. O sargento conta que, quando a corporação recebeu o telefonema avisando sobre o acidente, o ídolo ainda respirava. O ex-capitão foi retirado em uma canoa e transportado em uma viatura ao hospital da cidade, onde foi confirmada sua morte.

– Ele ficou bastante machucado, com traumatismo craniano e um ferimento na perna. Mesmo com 30 anos de trabalho e perto de me aposentar, fiquei bastante abalado porque ele era muito querido aqui na cidade – lamentou o sargento.

Milhões de colorados e fãs de futebol de todo o Brasil lamentam junto.

RELATOS DO SOCORRO

“

O único vivo era o Fernandão. Tentamos reanimá-lo, mas, infelizmente, ele morreu na unidade hospitalar. Ele estava inconsciente, mas respirava com muita dificuldade.

CRISTIANO OLIVEIRA
Sargento dos Bombeiros

“

Foi uma ocorrência muito marcante. O Fernandão era muito amigo de todo mundo na cidade, cumprimentava a todos e esteve até aqui no nosso quartel. Foi muito triste vê-lo daquela maneira.

SEBASTIÃO PEREIRA DOS SANTOS
Sargento dos Bombeiros

DO RIO ARAGUAIA

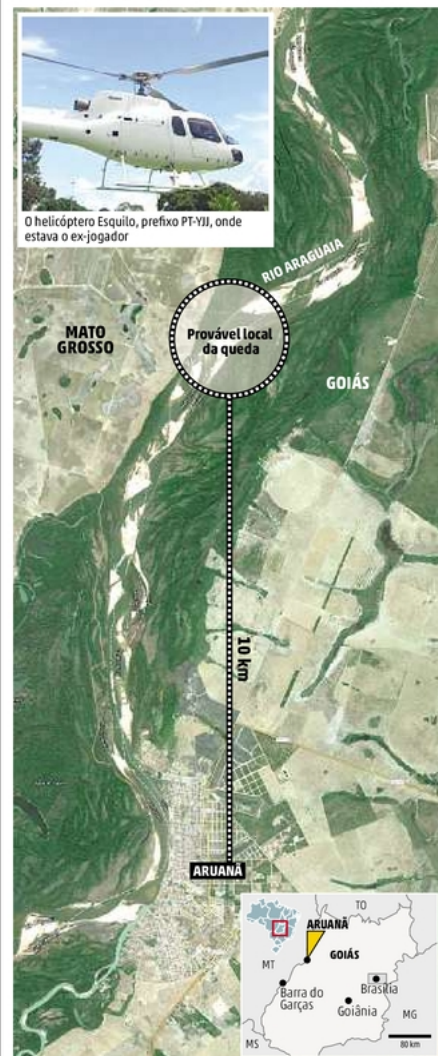
no interior de Goiás. O ex-atleta ainda respirava quando os bombeiros chegaram ao local, mas não resistiu

O ACIDENTE

Com cinco pessoas a bordo – incluindo Fernandão –, aeronave caiu em uma das praias da região, quando retornava para a cidade de Aruanã



O helicóptero Esquilo, prefixo PT-VII, onde estava o ex-jogador



Com os filhos, na partida entre o Brasil x Panamá, no Serra Dourada, uma das últimas imagens do ex-atacante do Inter



A imagem de um pai zeloso

DIOGO OLIVIER
diogo.olivier@zerohora.com.br

Eu estava absorto, cabeça baixa, escrevendo nas posições de imprensa do Serra Dourada, quando escuto uma voz poderosa, cheia de energia, ecoando pelo estádio ainda vazio, antes do amistoso da Seleção contra o Panamá:

– Diogo!!!! Diogo!!!!

Olho para os lados e percebo, à primeira vista, apenas um homem alto gesticulando na grade que separava a área dos torcedores e dos jornalistas. Fixo o olhar mais um pouco e o sorriso grande, largo, generoso, uma de suas marcas registradas, facilita a identificação do dono daquela voz firme e decidida, a mesma que regeu o Beira-Rio na festa da conquista do mundo, em 2006: Fernando Lúcio da Costa, o Fernandão.

– Vi vocês ali e pensei: tenho que dar um abraço no pessoal, ainda mais aqui em casa – ele disse, apontando ainda para o Pedro Ernesto e o Wianey Carlet, a quem chamei para ampliar o nosso papo.

– Tudo bem contigo? – eu quis saber.

– Tudo ótimo. Trouxe as crianças para ver a Seleção.

Atrás dele estavam Enzo e Eloá, nascidos na França, vidrados no ambiente do jogo, os dois fardados com a camisa do Brasil. Conversamos mais um tanto sobre os quatro jogos da Copa que ele comentaria pelo SporTV, os planos de seguir como empre-

sário e o arquivamento do projeto de ser técnico. E nos despedimos, que os gêmeos já chamavam pelo pai:

– Bom te ver, bom ver vocês. Dá um abraço em todo mundo lá.

Fernandão era um pai zeloso. Levava Enzo e Eloá para o Beira-Rio sempre que podia, como forma de ficar mais perto deles. Invadiu o hospital na França, exigindo que eles nascessem naquele instante, pois lá se tenta parto natural até o fim e sua esposa já não suportava mais as dores. Os médicos providenciaram a cesariana imediatamente. Foi capitão até na hora de garantir a vinda ao mundo de seus herdeiros. Amava os filhos mais que tudo.

Quando voltei ao meu assento de imprensa no Serra Dourada, olhei de novo e o vi comendo pipoca e tirando fotos com Enzo e Eloá, feliz da vida. Achei a cena tão bonita que tirei uma foto, de longe.

É a imagem que quero guardar de Fernandão, já que o destino me aprontou esta de ser um dos últimos a ter contato com ele. A imagem do homem feliz que ele sempre foi, sem rancores, sem jamais esquecer dos amigos, numa tarde de sol com os filhos.

A morte de um dos maiores personagens da história do futebol gaúcho e brasileiro, para sempre no coração dos colorados, é uma monumental injustiça. O destino está em dívida com todos nós, ao levar Fernandão tão cedo.

ZERO HORA
DOMINGO,
8 DE JUNHO DE 2014 **6**

9

MOMENTOS DO CAPITÃO NO INTER

ZH.com.br

Neste domingo,
acompanhe a
cobertura das
homenagens em
zh.com.br

Na página
Fernandão
Eterno, relembre
a história, frases
e momentos
marcantes do
ídolo colorado.

Em vídeo,
colorados
lamentam a
morte de
Fernandão.

Use a hashtag
#fernandaoeterno
e compartilhe
suas fotos com
o capitão do
Mundial.

Veja galeria de
fotos do acidente
apontando o leitor
de QR code de
seu celular para o
código abaixo:

**CONTRATAÇÃO,
17/6/2004**

**ESTREIA COM O MILÉSIMO GOL
EM GRE-NAIS, 10/7/2004**

**CHEGADA À SELEÇÃO
BRASILEIRA, 27/4/2005**

**MUNDIAL
DE CLUBES,
17/12/2006**

**O GOL DECISIVO E O TÍTULO DA
LIBERTADORES, 16/8/2006**

A COMOÇÃO

O RIO GRANDE DO SUL acordou no sábado impactado pela notícia da morte do título do Mundial de 2006. Prefeitura declarou luto oficial de três dias

– Fernandão foi o maior jogador da nossa história.

Foi assim que Fernando Carvalho resumiu a trajetória de Fernandão, que recebeu a notícia do acidente de helicóptero que matou o ex-capitão colorado. O ex-presidente do Inter foi quem contratou o atacante, em 2004, embarcando para Goiânia a fim de negociar diretamente com o jogador, que estava deixando a França e namorava com o Flamengo o retorno ao Brasil.

– Fernandão virou ídolo do Inter desde o primeiro jogo, quando fez o gol 1.000 dos Gre-Nais. Fernandão nunca foi uma pessoa vaidosa, sempre pensou no clube. Foi o maior jogador da nossa história pelo que representou, pelo que fez como jogador e como homem – declarou Carvalho.

O presidente da FGF, Francisco Novelletto, foi acordado às 5h com a notícia da morte de Fernandão, ídolo do Inter e seu amigo próximo. Lembrou que esteve há pouco com ele na Flórida, e que o ex-jogador vivia um momento feliz.

– Estivemos juntos dias atrás, em Boca Ratón. Ele estava de férias com a família e eu também. Estava feliz da vida e passava por um grande momento – lamentou, antes de relatar co-

mo recebeu a notícia:

– Recebi uma ligação às 5h. Estava dormindo e pensei: “Mas a essa hora só o Fernandão me liga”. Era o Vagner (Ribeiro), que foi empresário do Fernandão. Ele disse: “O Fernandão morreu. Morreu em um acidente de helicóptero. Até agora não acredito”.

Por volta das 8h, o site oficial do Inter divulgou uma nota sobre a morte do ídolo. No texto, o clube recorda que Fernandão disputou 190 partidas e marcou 77 gols com a camisa do Inter, além de conquistar dois dos maiores títulos da história do Inter.

– O Sport Club Internacional e a nação colorada estão de luto. Fernando Lúcio da Costa, o Fernandão, perdeu a vida em um acidente de helicóptero ocorrido na madrugada deste sábado em Aruanã-GO. O momento é de profundo pesar pela partida prematura do ídolo de 36 anos, mas o que fica são lembranças gloriosas de um atacante que honrou a camisa do Internacional com seu espírito de liderança, sendo um dos jogadores mais importantes dos 105 anos do Clube – disse o clube, em nota.

Figura 14 – Zero Hora - 8 de junho de 2014 - página 7

ZERO HORA
DOMINGO,
8 DE JUNHO DE 2014 **7**



“

Lamento muito a morte de Fernandão, ídolo do Internacional e de todos os amantes do futebol.

DILMA ROUSSEFF
Presidente da República

“

O Fernandão era uma pessoa iluminada, de inteligência superior, diferenciada. Quem conviveu com ele sabe de seu lado humano, sua capacidade de liderança.

GIOVANNI LUIGI
Presidente

“

Acordamos com a triste notícia do acidente que vitimou o ex-atleta do Inter, Fernandão, um exemplo de cidadão dentro e fora do campo.

JOSÉ FORTUNATI
Prefeito da Capital

“

É uma perda irreparável. Uma pessoa de altíssimo nível. Pelo seu comportamento e conduta deixa um legado para todos nós. Como atleta foi excepcional, uma pessoa com uma postura corretíssima. Agora é rezar pela alma do Fernandão.

PAULO PAIXÃO
Preparador físico do Inter nos títulos da Libertadores e do Mundial

“

Sempre afável, sempre correto. Sempre procurando construir a melhor solução para várias questões. Participativo, de muito fácil convívio. Ele, Larley, Clemer e Tinga eram os representantes. Eram permanentes as nossas conversas. Era respeitado por todos no clube.

VITORIO PIFFERO
Ex-presidente do Inter

“

O ídolo nunca morre, uma pessoa especial dentro e fora de campo. A dor muito grande, ele foi uma grande pessoa e um jogador especial. Tem de colocar no coração os melhores momentos dele.

LEANDRO DAMIÃO
Ex-atacante do Inter

“

Foi um cara que só me deixou alegrias em todos os momentos que vivi com ele. Foi uma grande pessoa, um grande caráter. É difícil receber uma surpresa destas.

CLEMER
Goleiro do Inter nas conquistas da Libertadores e do Mundial de 2006

“

A maior passagem que tenho de Fernandão não é o jogador, o dirigente, o técnico... é do amigo Fernandão.

LUCIANO DAVI
ex-dirigente do Inter

ATRAJETÓRIA

✓ Fernandão Lúcio da Costa, o Fernandão, nasceu em Goiânia, no dia 18 de março de 1978.

✓ Filho de uma família classe média alta em Goiânia, quase foi demovido da ideia de ser jogador pela mãe. As fazendas da família precisariam de um administrador, e ela tinha o sonho de que o filho estivesse à frente das terras no interior de Goiás. Fernandão, por sua vez, queria ser veterinário.

✓ O futebol fez com que deixasse a ideia e, em 1990, ingressou no Goiás. Quatro anos depois, aos 16 anos, já era profissional com passagens pelas divisões de base da CBF. Entre 1995 e 2001, o atacante ajudou o Goiás a conquistar cinco títulos estaduais, duas Copas Centro-Oeste e um Brasileiro da Série B. Em 1997, disputou o Mundial sub-20 com a seleção brasileira, na Malásia, e era apontado como revelação.

✓ Fernandão trocou o Goiás pelo Olympique, da França, na metade de 2001. Após uma lesão e alguns atritos com o então técnico Alain Perrin, acabou transferindo-se para o Toulouse, de onde acabou contratado pelo Inter, em 2004.

✓ Com a mulher Fernanda, o jogador teve dois filhos, Enzo e Etold. Também é pai de Thayná, do primeiro casamento.

✓ Depois de sair do Inter, jogou no Al-Gharafa, Goiás e São Paulo.

✓ Aposentado, retornou ao Inter em 2011 como diretor-executivo de futebol, assumindo no ano seguinte como treinador.



André Schleich foi o primeiro torcedor a levar flores ao estádio onde Fernandão fez história. Na manhã de sábado, outros prometiam segui-lo

Graças a ele, o Inter virou o que é

DAVID COIMBRA

Deixe-me falar algumas coisas sobre Fernandão. Coisas que ouvi e vi em uma única viagem, a mais importante delas, em 2006. Na saída de Porto Alegre, quando voava rumo ao Japão no avião do Inter, me acomodei numa poltrona ao lado da de Edinho, então um jovem em ascensão no futebol. Sempre bem humorado, sempre sorridente, Edinho lembrou das dificuldades do começo de carreira, quando foi enganado por um empresário e viu-se na Europa, sozinho, desempregado, com fome, zanzando por uma cidade onde não conhecia ninguém, exceto um homem: Fernandão. Pois Fernandão o acolheu como se fosse um pai, o ajudou como se fosse um irmão e fez com que ele recuperasse a confiança e a vontade de jogar futebol. Edinho disse considerar Fernandão um dos responsáveis por seu sucesso.

Mais tarde, outros jogadores revelaram o quanto Fernandão era importante para o time não apenas no campo, mas dentro do vestiário. Durante as preleções dos técnicos, ele dava a sua opinião e, muitas vezes, o time fazia o que ele achava certo. Quando Joel Santana treinou o Inter, não era raro de se ver Fernandão se contrapondo delicadamente a uma instrução do treinador e perguntando, com diplomacia:

– Será que não seria melhor se fizessemos assim?

Os outros jogadores já sabiam: seria melhor se eles fizessem assim.

E na véspera da decisão com o Barcelona, num dia cinzento de Tóquio, eu estava no saguão do hotel em que a nossa equipe da RBS e a delegação do Inter estavam hospedados quando fui chamado por um esbaforido José Alberto Andrade.

– Vem ver! Eles estão em reunião lá em cima!

Era uma reunião no quarto do centroavante Alexandre Pato. Estavam o próprio Pato, que nada falava, o técnico Abel, que mais ouvia do que falava, e mais os, estes sim falantes, Tarley, Clemer e Fernandão. Silvio Benfica encontrava-se ao lado da porta, ouvindo tudo. Ouviu quando Fernandão recomendou:

– Precisamos marcar a saída de bola deles. É importante fazer isso. Os volantes deles precisam ser marcados.

Foi o que aconteceu. O próprio Fernandão se encarregou dessa tarefa, até sair de campo extenuado no segundo tempo. Graças a ele, à sua consciência coletiva, à sua inteligência, ao seu caráter, o Inter se transformou no que é.

A SAUDADE

COLORADOS FORAM AO Beira-Rio e às redes sociais para lamentar a perda

ERIK FARINA

erik.farina@zerohora.com.br

O movimento de torcedores no Beira Rio após a notícia da morte de Fernandão começou por volta de 10h de sábado. Com olhos cheios de lágrimas, fardando uma jaqueta preta, cor do luto, André Schleich contemplava a bandeira colorada, que já estava a meio pau, sentado na beira da calçada.

– Estou arrasado. É um cara que daqui a 20, 30 anos poderia continuar inspirando torcedores e jogadores.

Carregando um ramalhete de flores, com uma branca e outra vermelha, e um pôster do ídolo, Leandro Borowski improvisou um memorial no centro de visitantes. Colou ambos com fita adesiva.

– Ai Fernandão! – gritou, para em seguida baixar a cabeça e soluçar baixo a perda do ídolo.

Borowski não foi o único a procurar o estádio para viver a dor da perda. Aos poucos, os colorados foram chegando à Avenida Padre Cacique a pé,

de skate, bicicleta ou gritando de dentro do carro. Muitos, enrolados em bandeiras do Inter ou do Rio Grande do Sul, outros com fita preta pendurada na roupa, e muitos trazendo flores, cravos vermelhos e brancos.

Igor Roza e Fábio Correa improvisaram uma homenagem: colaram uma tira isolante preta na bandeira, que agitavam em frente ao estádio.

– Minha mulher me acordou, contou, e eu nem acreditei. Liguei para o Fábio e combinamos de vir onde o Fernandão nos deu tantas alegrias – disse Igor.

Pelo Twitter, o prefeito José Fortunati avisou: vai propor que a Rua A, aberta ao lado do estádio para ligar a Padre Cacique à Edvaldo Pereira Paiva, receba o nome de Fernando Lúcio da Costa – Fernandão.

O velório do craque estava previsto para o final da tarde de sábado no ginásio do Goiás Esporte Clube, em Goiânia. Até as 12h45min, o corpo de Fernandão ainda passava pelos trâmites do Instituto Médico Legal, na Cidade de Goiás, antes de ser liberado para a família.



Bandeira do clube foi deixada a meio pau

“ Adversário dentro de campo, mas um atleta e um cidadão fora dele. O Grêmio FBPA lamenta pelo esporte e presta sua solidariedade aos familiares! #LutoFernandão.
GRÊMIO (VIA TWITTER)

“ Foi um orgulho conhecer o Fernandão e saber da excelente pessoa que era.
FIGUEIROA

“ Espero um dia caminhar novamente do teu lado. Vai com deus! TE AMO!!!
RAFAEL SOBIS



APLAUSOS, LÁGRIMAS E SAUDADE

ZH.com.br
Confira a galeria de
fotos do velório e
do enterro
de Fernandão

GUILHERME MAZUI
guilherme.mazui@zerohora.com.br
LEANDRO BEHS
leandro.behs@zerohora.com.br
Goiânia

Às 14h52min, o corpo de Fernando Lúcio da Costa baixou à sepultura do lote 969 A, da Quadra N, no cemitério Jardim das Palmeiras, em Goiânia. A romaria iniciada com cartazes e flores em frente ao Beira-Rio se estendeu para seu enterro em Goiás. Cerca de 200 pessoas acompanharam os últimos instantes do ídolo, que desceu à terra sob aplausos e aos gritos de "Fernandão, Fernandão, Fernandão". A lenda do capitão do Mundial de 2006 crescia, alimentada por sua partida súbita. Acabava um drama iniciado nas primeiras horas de sábado, quando o helicóptero Esquilo, prefixo PT-YJJ, que conduziria Fernandão, o piloto e outros três passageiros de Aruanã a Goiânia, despencou às margens do Rio Araguaia logo depois de decolar.

Fernandão, segundo testemunhas do acidente, apresentava múltiplas fraturas e morreu a caminho do hospital. A partir desse momento, uma série de telefonemas, que partiram de assessores do governo de Goiás, e terminaram no presidente da Federação Gaúcha de Futebol, Francisco Novelletto, comunicou a amigos, parentes e imprensa a morte precoce do capitão do Inter.

O corpo de Fernandão – vestido com terno e gravata, com a mão esquerda enfaixada, alguns arranhões no rosto e coberto por flores amarelas até a cintura – foi velado no ginásio Luís Torres de Abreu, do Goiás. Conforme estimativa da Polícia Militar, 3 mil pessoas passaram pelo local a fim de se despedir do ídolo. Ao longo da noite de sábado e das 18 horas de vigília que se seguiram, personalidades da carreira de Fernandão foram se revezando no ginásio.

O presidente do Inter, Giovanni Luigi, chegou com Fernando Carvalho que, sem sucesso, tentou conter a emoção ao ver o corpo do atacante no caixão.

Clemer enxugava as lágrimas

A DOR PELA PERDA de Fernandão uniu Goiânia e Porto Alegre nas últimas homenagens. O ex-jogador foi enterrado ontem na presença de companheiros de time, familiares e torcedores



Despedida
teve dirigentes
(foto maior),
família (acima),
a mulher,
Fernanda) e
colegas como
Iarley (ao lado)

na camisa, enquanto o goleiro Renan mal conseguia falar sobre o amigo. Todos abraçavam Gaudino, 61 anos, e Marli, 60, os pais de Fernandão. A viúva, Fernanda, também era consolada, enquanto Thayná, 15, a filha mais velha de um relacionamento anterior do ex-jogador, tentava se manter firme ao lado do corpo do pai. Os gêmeos Enzo e Eloá, 11, não foram levados ao velório nem ao enterro.

Abel Braga e Rafael Sobis disseram não ter condições emocionais para viajar até Goiânia. Edinho, amigo de Fernandão desde os tempos de futebol francês, enviou uma coroa de flores, bem como Dudu, atual companheiro de Edinho no Grêmio.

Iarley desembarcou de Fortaleza quase na madrugada de domingo. Estava inconsolável. Ele e Fernandão tinham a amizade mais forte daquele time campeão do mundo. Alex chegou ao amanhecer. Em tempo de acompanhar a missa improvisada no ginásio e que foi encerrada com o agradecimento de Fernanda.

– Ele era simples e carinho-

so. Agradeço a Deus por ter me abençoado ao ter casado e vivido com o Fernando. Foi lindo. Foi um pai maravilhoso, um amigo. Vai embora com o dever cumprido – disse a mulher.

Iarley acompanhou Gaudino no caminho do Corpo de Bombeiros. Juntos, lá do alto, conduziram o caixão de Fernandão, do ginásio ao cemitério. O cortejo, que cumpriu cerca de 300 metros para levar o caixão da entrada do Jardim das Palmeiras até a sepultura, teve ainda Fernando Carvalho, Clemer e o cantor sertanejo Leonardo.

Foi ao baixar o caixão para a sepultura que o ambiente de comoção de Porto Alegre foi definitivamente transferido para Goiânia. Poucos conseguiram conter as lágrimas. Em seguida, os torcedores cantaram os hinos do Goiás e do Inter. Assim que os coveiros colocaram areia sobre a sepultura, as 39 coroas de flores que estavam no velório foram depositadas sobre o local. E Fernandão passou a ocupar outro lugar no mundo: transformou-se em lenda, passou a ser história.

“

Ele era o capitão no momento mais importante da nossa história. Fernandão foi um predestinado. Marcou o milésimo gol dos Gre-Nais, fez gol em final de Libertadores e se doou para o clube jogando a final do Mundial fora de posição. Foi o maior jogador de nossa história.

FERNANDO CARVALHO
ex-presidente do Inter

“

Fico muito agradecido pelo pessoal de Porto Alegre, que sempre recebeu meu filho com muito carinho. Tudo o que vocês, gaúchos, fizeram pelo meu filho. Foi uma grande perda.

GAUDINO COSTA
pai de Fernandão

“

É um dos dias mais tristes da minha vida. Perdi um cara que representou muito para mim.

MARABÁ
ex-volante do Goiás e jogador do Inter em 2004

“

Perdi um irmão. Perdi meu irmão.

IARLEY
atacante do Inter na Libertadores e no Mundial

O FILHO

Depois de descansar nas águas do Rio Araguaia, Fernandão pretendia ver o filho Enzo jogar um campeonato de futebol no condomínio onde a família reside, em Goiânia. Aos 11 anos, o menino chama atenção pela semelhança física com o pai e pela intimidade com os gols. inclusive atua como atacante nas categorias de base do Goiás. No sábado, Enzo disputou o torneio, marcou dois gols e deu quatro assistências. Foi campeão e artilheiro.

– Olho o Enzo jogar e vejo Fernandão quando era pequeno. Até o jeito de correr é igual, gosta de fazer gol – diz Marcio de Andrade, padrinho do menino.

O SERTANEJO

A morte de Fernandão também provocou comoção entre expoentes da música sertaneja. Entre as 39 coroas de flores enviadas para o velório, apareciam nomes famosos como Zezé di Camargo e Luciano, Bruno e Marrone, Eduardo Costa e Leonardo. Amigo do ex-jogador há mais de duas décadas, Leonardo disse que a música preferida de Fernandão era *Não Aprender Dizer Adeus*, sucesso do sertanejo ao lado do irmão Leandro, morto em 1998.

O ARAGUAIA

Fernandão mantinha desde a juventude o costume de seguir, nos meses de junho e julho, para as praias do Rio Araguaia. Pescar era uma paixão do ídolo colorado, acostumado a passar dias dentro de lanchas com molinete à mão. O acampamento onde o helicóptero caiu era destino anual do ídolo colorado e de seus amigos. No velório, companheiros de pescaria, como os ex-jogadores Roni e Túlio, recordavam de acampamentos em temporadas anteriores.

OS COLEGAS

Após se distanciar do esquife onde repousava o amigo Fernandão, Alex (*foto*) ganhou o carinho de quatro torcedores colorados. Distribuiu autógrafos, tirou fotos e recordou momentos marcantes do ex-capitão. Como o velório reuniu nomes que marcaram época no Goiás e no Inter, torcedores das duas equipes aproveitaram para rever os ídolos.



Do lado colorado, foi possível ver Clemer, Iarley, Marabá, Alex, Renan e André Döring, além do coordenador de preparação física Elio Carravetta. Já no lado esmeraldino, estavam figuras como Túlio Maravilha, Uidemar, Josué, Alex Dias, Túlio e Sílvio Criciúma.

A ROMARIA

A partir das 22h40min de sábado, o velório se converteu em uma romaria de torcedores do Goiás e do Inter, que disputavam para ver quem prestava mais homenagens ao ídolo. Esmeraldinos gritavam “Ô-ô, o Fernandão brilhou, no meu Verdão eô-ô-ô”. Os colorados estavam mais consternados. Enrolados em bandeiras e com a camisa do clube, passavam ao lado do caixão e depois ficavam sentados nas arquibancadas do ginásio do Goiás, com o olhar perdido e expressão incrédula. Foi o caso da família Ferrazzo. Natural de Erechim e radicado em Goiânia, Flávio, o filho, Flávio Jr, e a mulher, Ivone, permaneceram por mais de uma hora sentados mirando o antigo capitão.